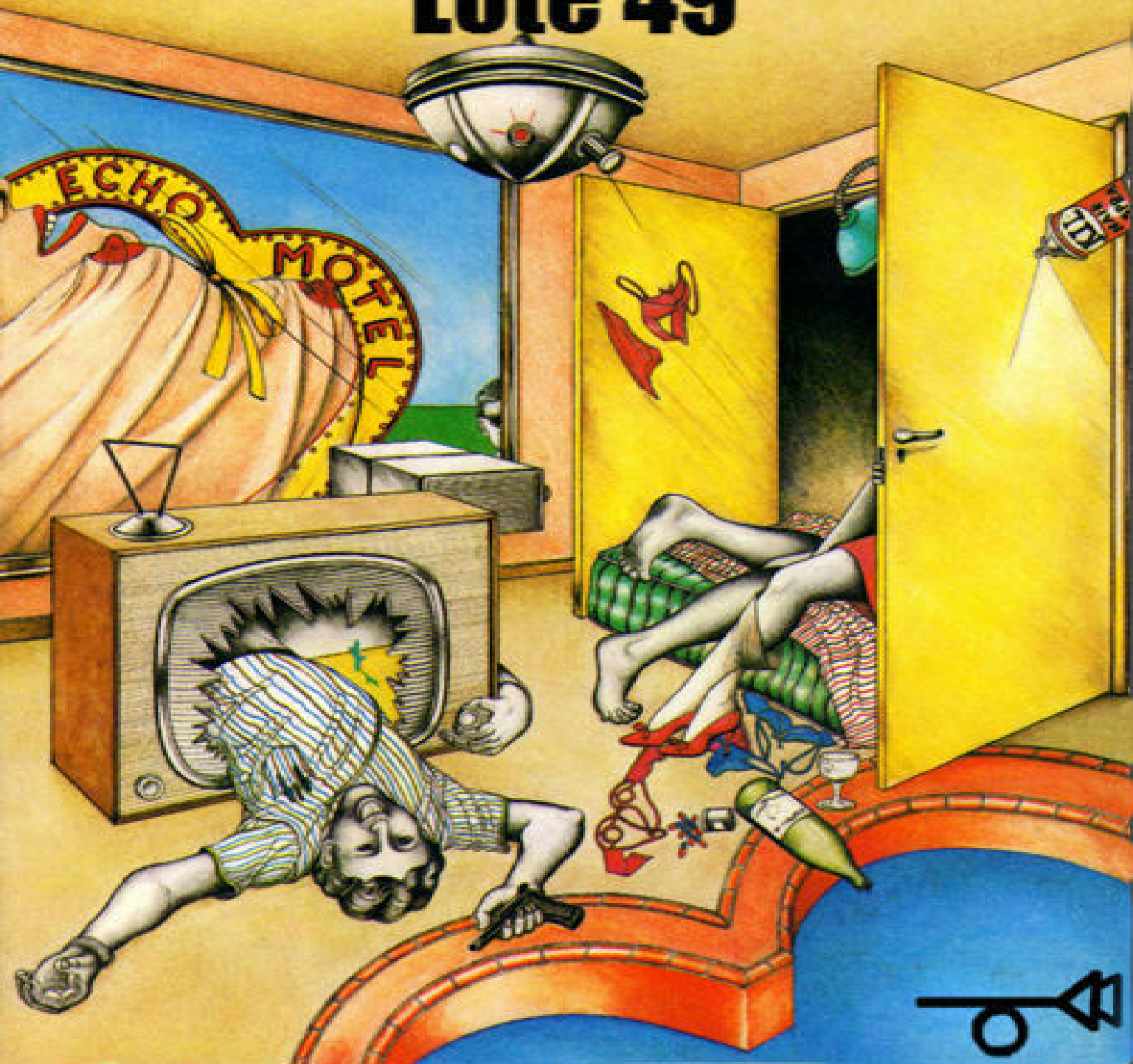


THOMAS PYNCHON

O Leilão do Lote 49



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Thomas Pynchon

O leilão do lote 49

Tradução de *Jorio Dauster*



O LEILÃO DO LOTE 49

1

Numa tarde de verão, a sra. Édipa Maas voltou de um almoço servido em elegantes pratos de plástico, no qual a anfitriã talvez tivesse abusado do *kirsch* na *fondue*, para descobrir que fora designada inventariante do testamento de um certo Pierce Inverarity, grande proprietário de imóveis na Califórnia que certa vez perdera dois milhões de dólares num momento de lazer, mas ainda conservara um patrimônio suficientemente vasto e intrincado para que a tarefa de colocá-lo em ordem não fosse algo apenas honorífico. Édipa ficou de pé na sala de estar, sob o olhar morto e esverdeado da tela de TV, pronunciou o nome de Deus, tentou sentir-se tão bêbada quanto possível. Mas isso não funcionou. Pensou num quarto de hotel em Mazatlán cuja porta acabara de ser batida, aparentemente para sempre, acordando duzentos pássaros lá embaixo no saguão; num amanhecer na encosta que leva à biblioteca da Universidade Cornell, amanhecer que ninguém jamais vira pois a encosta dá para o lado do poente; numa passagem árida e melancólica do quarto movimento do *Concerto para orquestra* de Bartók; num busto pintado de branco de Jay Gould que Pierce mantinha ao lado da cama, numa estante tão estreita que sobre Édipa sempre pairara o temor de que um dia a estatueta tombaria em cima deles. Será que ele morreu assim, perguntou-se, em meio aos sonhos, esmagado pela única

imagem existente na casa? Isso só fez com que ela soltasse uma risada alta e desconsolada: Édipa, você está mesmo ruim da cabeça — disse a si própria ou à sala, que sabia.

A carta fora enviada pela firma de advocacia Warpe, Wistfull, Kubitscheck e McMingus, de Los Angeles, e assinada por alguém chamado Metzger. Dizia que Pierce tinha morrido na primavera e que só agora haviam encontrado o testamento. Metzger serviria como co-inventariante e consultor caso houvesse algum problema jurídico. Édipa fora indicada para participar da execução do testamento através de um codicilo assinado um ano atrás. Tentou lembrar-se se havia acontecido algo de especial por volta dessa época. E continuou tentando pelo resto da tarde, enquanto ia ao mercado no centro de Kinneret-Among-the-Pines para comprar ricota e ouvir a música ambiente (dessa vez havia entrado na loja, afastando a cortina de contas, no compasso número 4 da gravação *variorum* do *Concerto para flauta piccolo* de Vivaldi feita pelo Ensemble Settecento de Fort Wayne, tendo como solista Boyd Beaver), enquanto colhia manjerona e manjericão no ensolarado canteiro de ervas, enquanto lia as resenhas de novos livros no último exemplar da *Scientific American*, enquanto arrumava as camadas da lasanha, passava alho no pão, arrancava as folhas de alface e, o forno já ligado, preparava os uísques *sours* crepusculares para quando seu marido, Wendell (“Mucho”) Maas, chegasse do trabalho. Durante todo o tempo ela ficou repassando um grosso maço de dias que pareciam (não seria a primeira a admitir?) mais ou menos idênticos, ou todos apontando sutilmente na mesma direção como o baralho de um mágico, em que qualquer carta estranha é logo percebida por um olho experimentado. Só quando já ia pela metade o noticiário

vespertino da televisão lembrou-se de que no ano passado, lá pelas três horas de alguma madrugada, recebera uma chamada interurbana, de onde ela jamais saberia (a menos que Pierce houvesse deixado um diário), feita por uma voz que começou com forte sotaque eslavo, dizendo-se segundo secretário do Consulado da Transilvânia e perguntando por um morcego fugido; seguiram-se a de um negro com entonações cômicas, a de alguém que falava um hostil dialeto pachuco eivado de *chingas* e *maricones*, a de um oficial da Gestapo que lhe perguntava aos gritos se tinha parentes na Alemanha e finalmente sua imitação de Lamont Cranston, a voz que ele usara todo o tempo a caminho de Mazatlán. “Pierce, por favor”, ela conseguiu encaixar, “pensei que nós tínhamos...”

“Mas, Margo”, em tom sério, “acabei de falar com o comissário Weston, e aquele velhinho no parque de diversões foi assassinado com a mesma zarabatana que matou o professor Quackenbush”, ou algo no gênero.

“Pelo amor de Deus”, ela disse. Mucho se havia virado na cama e estava olhando para ela.

“Por que você não desliga?”, Mucho sugeriu com inegável bom senso.

“Eu ouvi isso”, disse Pierce. “Acho que está na hora de Wendell Maas receber uma visita do Sombra.” Fez-se silêncio, positivo e completo. Essa foi a última de suas vozes que ela jamais ouviu. A de Lamont Cranston. Aquela linha telefônica podia ter apontado em qualquer direção ou se alongado indefinidamente. Nos meses seguintes, sua tranqüila ambigüidade transferiu-se para o que fora revivido: memórias do rosto de Pierce, seu corpo, presentes que lhe

dera, coisas que vez por outra ela fingia não tê-lo ouvido falar. Tomou conta dele próprio, conduzindo-o até bem perto do esquecimento. A sombra tinha esperado um ano para fazer a visita. Mas agora havia a carta de Metzger. Será que Pierce tinha chamado no ano passado para falar do codicilo? Ou decidira fazê-lo depois, quem sabe por causa da irritação dela e da indiferença de Mucho? Ela se sentia exposta, manipulada, humilhada. Nunca havia lidado com um testamento em toda a sua vida, não sabia por onde começar, não sabia como dizer à firma de advogados de Los Angeles que não sabia por onde começar.

“Mucho, meu querido”, ela exclamou, num acesso de carência.

Mucho Maas, chegado à casa, entrou de repelão pela porta de tela. “Hoje foi outra derrota”, começou.

“Deixa eu te contar”, ela também começou. Mas deixou Mucho ir na frente.

Ele trabalhava como disc-jóquei mais adiante na península e tinha freqüentes crises de consciência sobre sua profissão. “Não acredito em nada daquilo, Edi”, conseguia em geral dizer. “Bem que eu tento, mas não consigo”, vinha lá do fundo, possivelmente mais fundo do que ela podia atingir, levando-a às vezes às raias do pânico. Talvez fosse o fato de vê-la prestes a perder o controle que o trazia de volta à superfície.

“Você é sensível demais”, ela disse. E havia muito mais que também devia dizer, mas foi isso que saiu. De qualquer modo, era verdade. Durante alguns anos trabalhara como vendedor de carros usados, e tinha uma consciência tão exacerbada do que aquela profissão acabara por significar que suas horas de trabalho se haviam

convertido em requintada tortura. Cada manhã Mucho raspava três vezes a pele acima do lábio superior a favor e contra os pêlos para remover o mais remoto indício de bigode, invariavelmente arrancando sangue embora usasse lâminas novas; só comprava ternos sem ombreiras e depois os levava a um alfaiate para estreitar ainda mais as lapelas; usava apenas água nos cabelos, penteando-os no estilo de Jack Lemmon para que se tornassem ainda menos conspícuos. A simples visão de serragem, até mesmo das aparas de um lápis, o fazia estremecer, pois seus colegas sabidamente empregavam o material para silenciar as transmissões avariadas; e, embora fizesse regime, não conseguia, como Édipa, adoçar o café com mel porque todas as coisas viscosas o perturbavam com a lembrança, bastante amarga, do que costuma ser misturado ao óleo de motor para disfarçar a folga entre os pistões e as paredes dos cilindros. Certa noite foi embora de uma festa porque um sujeito falou perto dele na venda de abacaxis, aparentemente de forma maliciosa. O homem era um refugiado húngaro que ganhava a vida como comerciante de frutas e estava simplesmente falando de negócios, mas Mucho era assim mesmo: supersensível.

No entanto, pelo menos havia acreditado nos carros. Talvez demais: mas como não acreditar, vendo gente mais pobre do que ele — pretos, mexicanos, matutos, um desfile que durava sete dias por semana — trazer os carros mais horrorosos para dar de entrada na troca: extensões metálicas e motorizadas deles próprios, de suas famílias e do que deviam ser todas as suas vidas, tão despídos diante de um estranho como ele que iria examiná-los, o chassi empenado, a ferrugem por baixo da lataria, o pára-lama repintado numa cor diferente o bastante da original para deprimir o valor do carro, se

não o próprio Mucho; com o interior cheirando irremediavelmente a crianças, bebida barata, duas e até três gerações de fumantes, ou apenas a pó; e, quando os carros eram varridos, via-se o verdadeiro resíduo daquelas vidas, e era impossível dizer o que tinha sido de fato jogado fora (se tão pouco chegava às mãos daquela gente, ele imaginava que por simples medo deveriam apegar-se a quase tudo) e o que simplesmente (talvez tragicamente) tinha sido perdido: cupons prometendo descontos de cinco e dez centavos, bônus para compras em supermercados, volantes cor-de-rosa anunciando liquidações, tocos de cigarro, pentes banguelas, anúncios de emprego, páginas amarelas arrancadas de catálogos telefônicos, trapos de roupas de baixo ou vestidos que de tão velhos tinham virado antiguidades, usados para limpar o bafo do motorista no pára-brisas e deixá-lo ver o que quer que fosse, um filme, uma mulher ou um carro cobiçados, um policial capaz de mandá-lo encostar só para não perder a prática, tudo aquilo recoberto uniformemente, como uma salada de desespero, de um molho pardacento de cinzas de cigarro, fumaça do escapamento condensada, poeira, dejetos humanos — ele ficava enojado de ver, mas não tinha como evitar. Se ao menos se tratasse de um ferro-velho, talvez tivesse enfrentado a coisa, feito carreira: a violência refletida nas ferragens retorcidas teria sido suficientemente infreqüente, suficientemente distante dele para tornar-se miraculosa, como cada morte, até o momento da nossa, é miraculosa. Mas os infindáveis rituais da troca de carros usados, semana após semana, nunca chegavam ao nível da violência ou do sangue, e por isso eram plausíveis demais para que o impressionável Mucho os suportasse por muito tempo. Mesmo se o contato com a inescapável praga cinzenta tivesse de algum modo conseguido imunizá-lo, ainda assim

ele jamais poderia aceitar a maneira pela qual cada proprietário, cada sombra, se apresentava simplesmente para trocar uma versão amassada e estropiada de si próprio pela projeção automotriz, igualmente sem futuro, da vida de outrem. Como se fosse a coisa mais normal. Para Mucho, era horrível. Um convoluto e interminável incesto.

Édipa não podia entender como até agora Mucho ainda podia ficar tão abalado. Quando se casaram ele já trabalhava há dois anos na estação, ADOF, e a loja à margem da pálida e barulhenta artéria era coisa do passado, como a Segunda Guerra Mundial ou a Guerra da Coréia para maridos mais velhos. Talvez, que Deus a perdoasse, ele deveria ter lutado em alguma guerra. Quem sabe teria esquecido os japoneses em cima das árvores, os alemães nos tanques Tigre ou os asiáticos tocando clarins na noite mais cedo do que aquilo na loja, fosse o que fosse, que ainda o acompanhava tão assustadoramente passados cinco anos. Cinco anos. Você os conforta quando eles acordam suando em bicas ou gritando na linguagem dos pesadelos, sim, você os abraça, eles se acalmam, um dia ficam livres da coisa: ela sabia disso. Mas quando é que Mucho se esqueceria? Ela suspeitava de que o emprego de disc-jóquei (obtido através de um conhecido, gerente de publicidade da ADOF, que visitava a loja toda semana porque os carros eram anunciados na rádio) constituía uma maneira de fazer com que as Duzentas Mais Tocadas e até mesmo as notícias matraqueadas por aquela maquininha — todo o sonho fraudulento dos apetites juvenis — se transformassem numa barreira entre ele e a loja de carros.

Mucho havia acreditado demais na loja, não acreditava nem um pouco na estação. No entanto, vendo-o agora na sala de estar

mergulhada na penumbra, planando como um grande pássaro numa corrente ascendente rumo à gotejante coqueteleira, rindo no centro de seu amplo vértice, qualquer um pensaria que tudo estava perfeitamente calmo, douradamente sereno.

Até ele abrir a boca: “Hoje, o Funch me chamou, queria falar sobre minha imagem, de que ele não gosta”, disse a ela, enquanto se servia. Funch era o diretor de programação e grande inimigo de Mucho. “Agora resolveu que sou sensual demais. O que eu tinha de ser era um pai moço, um irmão mais velho. Essas franguinhas telefonam para fazer um pedido e o Funch acha que eu respondo me babando todo, para ele cada palavra que eu falo é um convite ao sexo. Por isso, agora quer que eu grave todas as conversas telefônicas. E ele mesmo vai pessoalmente cortar qualquer coisa que considere ofensiva, quer dizer, todo o meu lado da conversa. Censor, disse para ele, sacana, falei baixinho, e saí correndo”, continuou. Ele e Funch tinham um pega desses mais ou menos uma vez por semana.

Édipa mostrou a carta de Metzger. Mucho sabia tudo sobre ela e Pierce: a coisa tinha acabado um ano antes de se casarem. Leu a carta e evitou qualquer comentário, piscando cautelosamente os olhos.

“O que é que eu vou fazer?”, ela perguntou.

“Ah, não”, disse Mucho, “você pegou o cara errado. Eu, não. Nem sei fazer nosso imposto de renda direito. Inventariar um testamento, não tenho a menor idéia, procura o Roseman.”

“Mucho. Wendell. Já tinha *acabado*. Antes que ele pusesse meu nome no troço.”

“Eu sei, sei disso. Só estou dizendo, Edi, que não entendo nada

do assunto.”

Por isso, na manhã seguinte, foi o que ela fez, procurou Roseman, o advogado deles. Depois de passar meia hora diante do espelho da penteadeira, fazendo e refazendo os traços pretos ao longo das pálpebras, que ziguezagueavam violentamente antes que ela pudesse afastar o pincel. Passara em claro a maior parte da noite, depois de outra daquelas chamadas das três da madrugada, a campainha do telefone gerando o mais puro terror cardíaco, tão inesperado seu tilintar, o aparelho inerte num momento, urrando no momento seguinte. Os dois despertaram de golpe e lá ficaram destravando as juntas, não querendo nem mesmo olhar um para o outro durante os primeiros toques. Por fim, não tendo ao que soubesse nada a perder, ela atendeu. Era o dr. Hilarius, seu analista ou psicoterapeuta. Embora soasse como o Pierce imitando um oficial da Gestapo.

“Não te acordei, acordei?”, ele começou, secamente. “Sua voz está tão assustada. Como vão as pílulas, não estão fazendo efeito?”

“Não estou tomando as pílulas”, ela respondeu.

“Está se sentindo ameaçada por elas?”

“Não sei o que tem dentro delas.”

“Não acredita que são apenas tranqüilizantes?”

“E eu confio em você?”, ela perguntou. Não confiava, e o que ele disse a seguir explicava por quê.

“Ainda precisamos de uma centésima quarta pessoa para o bridge”, disse, com uma risadinha árida. O bridge, *die Brücke*, a ponte, era o apelido dado por ele à experiência em que colaborava

com o hospital da localidade para estudar os efeitos do LSD-25, da mescalina, da psilocibina e de outras substâncias semelhantes num grande número de donas de casa das cidades-satélites de Los Angeles. A ponte para dentro. “Quando é que você vai arranjar um tempinho para nós?”

“Não”, ela disse, “você tem meio milhão de outras para escolher. São três da manhã.”

“Queremos você”, ele continuou. Flutuando acima da cama ela viu então o retrato do Tio que aparece na fachada de todas as agências de correio, os olhos brilhando de forma doentia, rodela de ruge contrastando violentamente com o amarelo da face encovada, o indicador apontando para o meio dos olhos dela. Eu quero você. Nunca havia perguntado ao dr. Hilarius por que, com medo de tudo que ele era capaz de dizer em resposta.

“Agora mesmo estou tendo uma alucinação, não preciso de drogas para isso.”

“Não descreva a alucinação”, ele disse rapidamente. “Bom, você queria falar sobre alguma outra coisa?”

“Por acaso fui eu que chamei?”

“Pensei que sim”, ele disse. “Tive a sensação... Não é telepatia. Mas a relação com um paciente às vezes é uma coisa curiosa.”

“Não dessa vez”, ela disse, desligando. E não conseguiu voltar a dormir. Mas uma ova que ia tomar as cápsulas que ele lhe tinha dado. Uma ova mesmo. Não queria ficar dependente de jeito nenhum, já lhe havia dito isso.

“Está bem”, ele então respondera, encolhendo os ombros, “e você

não tem uma dependência com relação a mim? Se não, vai embora. Você está curada.”

Não foi embora. Não que o analista exercesse sobre ela algum poder estranho. Mas era mais fácil continuar. Quem saberia dizer quando ela estava curada? Não ele, como ele próprio admitira. “As pílulas, isso é diferente”, ela argumentara. Hilarius simplesmente havia feito uma careta para ela, igual à que fizera algum tempo antes. De vez em quando ele dava essas simpáticas escapadelas da ortodoxia. Sua teoria era a de que uma careta é simétrica como uma mancha de Rorschach, conta uma história como uma figura do teste TAT, provoca uma reação como uma palavra sugestiva — e, assim sendo, por que não? Gabava-se de ter curado um caso de cegueira histérica com a número 37, a “Fu-Manchu” (muitas das caretas, como as sinfonias alemãs, tinham número e nome), que implicava puxar os olhos com os indicadores, alargar as narinas com os dedos médios, puxar os cantos da boca com os mindinhos e botar a língua para fora. Executada por Hilarius, era realmente alarmante. E, na verdade, à medida que começou a dissipar-se a alucinação do Tio Sam, foi a careta Fu-Manchu que veio substituí-la e com ela ficou até o dia clarear. Não era bem a melhor maneira de prepará-la para ver o Roseman.

Mas Roseman também não havia pregado os olhos, pensando no programa de televisão do Perry Mason, de que sua mulher era fã mas em relação ao qual ele nutria feroz ambivalência, desejando ao mesmo tempo ser um brilhante advogado criminal como o Mason e, sendo isso impossível, querendo destruí-lo mediante uma crítica sistemática de sua competência jurídica. Édipa entrou mais ou menos de surpresa para pegar seu advogado de confiança enfiando,

com envergonhada pressa, um monte de papéis de diferentes cores e tamanhos na gaveta da escrivaninha. Ela sabia se tratar do primeiro rascunho da obra *A classe dos advogados contra Perry Mason, uma acusação não de todo hipotética*, que vinha sendo escrita desde que o programa de TV entrara no ar.

“Você não costumava ficar envergonhado, se é que me lembro bem”, disse Édipa. Eles muitas vezes participavam das mesmas sessões de terapia de grupo, dividindo o carro com um fotógrafo de Palo Alto que imaginava ser uma bola de vôlei. “E um bom sinal, não é?”

“Podia ser um dos espões do Perry Mason”, disse Roseman. Depois de pensar um momento, acrescentou: “Ha, ha”.

“Ha, ha”, disse Édipa. Entreolharam-se. “Eu tenho que inventariar um testamento.”

“E? Então vai em frente”, disse Roseman, “não quero te atrasar.”

“Não”, disse Édipa, e contou tudo.

“Por que ele faria uma coisa dessas?”, Roseman perguntou, intrigado, após ler a carta.

“Você quer dizer, morrer?”

“Não”, disse Roseman, “indicar você como inventariante.”

“Ele era imprevisível.”

Foram almoçar. Roseman tentou boliná-la com o pé sob a mesa. Ela estava usando botas e não podia mesmo sentir grande coisa. Assim insulada, decidiu não criar caso.

“Foge comigo”, disse Roseman quando chegou o café.

“Para onde?”, ela perguntou. Isso fez com que ele se calasse.

De volta ao escritório, ele explicou em linhas gerais o que a esperava: conhecer em profundidade os livros de contabilidade e os negócios, validar o testamento, cobrar todas as dívidas, fazer o inventário dos bens, obter uma avaliação do espólio, decidir o que deveria ser liquidado e o que deveria ser preservado, pagar qualquer dívida, acertar os impostos, distribuir a herança...

“Ei”, disse Édipa, “não posso arranjar alguém que faça isso por mim?”

“Eu”, disse Roseman, “uma parte, sem dúvida. Mas você não está nem interessada?”

“Em quê?”

“No que poderia descobrir.”

Do modo como as coisas evoluíram, Édipa iria ter revelações de toda espécie. Nem tanto sobre Pierce Inverarity ou sobre ela própria, mas sobre tudo o mais que restava e, antes disso, havia se mantido à distância. Rondava em torno dela uma sensação de alheamento, de insulação, sentia uma certa falta de intensidade, como se estivesse vendo um filme quase imperceptivelmente fora de foco que o operador se recusava a ajustar. E que também a induzira sorrateiramente a aceitar o curioso papel de uma donzela melancólica, *à la* Rapunzel, de alguma forma, magicamente, prisioneira entre os pinheiros e as névoas carregadas de maresia de Kinneret, esperando por alguém que dissesse, ei, jogue tuas tranças. Quando surgiu esse alguém na figura de Pierce, ela tinha gostosamente arrancado os grampos e os rolos, e sua cabeleira havia despencado numa avalanche delicada e sussurrante; só que, quando

Pierce tinha galgado talvez metade da altura, seus lindos cabelos transformaram-se, por obra de sinistra bruxaria, numa grande cabeleira postiça presa a nada, e ele caíra de bunda no chão. Mas, destemido, possivelmente usando como cunha um de seus muitos cartões de crédito, ele havia forçado a fechadura da porta de sua torre e subira as escadas em caracol — o que, se fosse por natureza mais ladino, já deveria ter feito desde o início. Porém, tudo o que aconteceu depois entre eles nunca fugiu realmente aos limites daquela torre. Na Cidade do México, foram bater por acaso numa exposição de pinturas da bela exilada espanhola Remedios Varo: na tela central de um tríptico, intitulado *Bordando el manto terrestre*, apareciam algumas frágeis raparigas, com rostos em forma de coração, olhos grandes e cabeleiras douradas, prisioneiras no último andar de uma torre redonda, bordando uma espécie de tapeçaria que, tombando das seteiras no vazio, tentava em vão preenchê-lo: pois todos os outros prédios e criaturas, todas as ondas, navios e florestas da Terra estavam contidos nessa tapeçaria, e a tapeçaria era o mundo. Édipa, obstinada, postara-se diante da pintura e chorara. Ninguém notou, ela usava aqueles óculos escuros convexos que escondem os olhos. Por um momento perguntou-se se a vedação em torno de suas órbitas era capaz de permitir que as lágrimas enchessem todo o espaço circunscrito pelas lentes e nunca se secassem. Carregaria assim para sempre a tristeza do momento, veria o mundo refratado através daquelas lágrimas, aquelas lágrimas específicas, como se índices ainda não identificados variassem de forma significativa entre um e outro pranto. Olhara para os pés e ficara então sabendo, graças a uma pintura, que o chão em que pisava havia sido tecido a alguns milhares de quilômetros de

distância em sua própria torre, só por acidente era conhecido pelo nome de México e, sendo assim, Pierce não a salvara de nada, não tinha havido nenhuma fuga. E do que ela tanto queria escapar? Esse tipo de donzela cativa, tendo tempo de sobra para pensar, logo entende que a torre onde vive, sua altura e desenho arquitetônico são tão incidentais quanto seu próprio ego: o que de fato a mantém onde está é um sortilégio, anônimo e maligno, dirigido contra ela de fora e sem nenhuma razão. Não dispondo de qualquer instrumento, exceto o mais profundo medo e a esperteza feminina, para examinar essa magia informe, para compreender seu funcionamento, medir-lhe o campo magnético, contar suas linhas de força, ela pode recorrer à superstição, ou dedicar-se a um passatempo útil como o bordado, ou enlouquecer, ou casar com um disc-jóquei. Se a torre está em toda a parte e o cavaleiro salvador não é imune ao sortilégio, que mais resta a fazer?

2

Assim, ela saiu de Kinneret sem ter a menor idéia de que estava se dirigindo rumo a algo de novo. Mucho Maas, enigmático, assoviando “Eu quero beijar teus pés”, uma nova gravação de Sick Dick e os Volkswagens (um conjunto inglês de que gostava à época, embora não acreditasse nele), ficou de pé, as mãos enfiadas nos bolsos, enquanto Édipa explicava sua ida a San Narciso por algum tempo para examinar os papéis de Pierce e trocar idéias com Metzger, o co-inventariante. Mucho mostrou-se triste de vê-la partir, mas não desesperado; por isso, depois de dizer-lhe para desligar se o dr. Hilarius telefonasse e para cuidar do orégano no jardim, atacado por um estranho mofo, ela se foi.

San Narciso fica mais ao sul, perto de Los Angeles. Tal como muitos lugares na Califórnia que recebem um nome, era menos uma cidade identificável do que um somatório de conceitos — zonas de recenseamento, distritos para o lançamento de bônus públicos, núcleos de lojas, todos recobertos de vias de acesso a sua própria auto-estrada. Mas tinha sido o domicílio e quartel-general do Pierce: o lugar onde iniciara sua especulação imobiliária dez anos antes, criando o pedestal financeiro sobre o qual mais tarde tudo fora erguido, conquanto ordinário e grotesco, em direção ao céu; e isso, ela supunha, o distinguiria de outros lugares, lhe daria uma certa

aura. Porém, se havia alguma diferença vital entre San Narciso e o resto da Califórnia do Sul, não dava para se perceber à primeira vista. Édipa chegou num domingo, dirigindo um Impala alugado. Tudo estava parado. Do alto de uma colina, apertando os olhos contra a luz do sol, viu um vasto conglomerado de casas que, como uma plantação bem cuidada, haviam crescido juntas da terra marrom-escuro; lembrou-se do dia em que abrira um rádio transistor para mudar as pilhas e vira seu primeiro circuito impresso. O turbilhão ordenado de casas e ruas, vistas do alto, surgiu diante dela com a mesma inesperada e espantosa clareza do cartão onde estava gravado o circuito. Embora entendesse ainda menos de rádios do que de californianos do sul, ambas configurações transmitiam a impressão hieroglífica de um significado oculto, de uma intenção de comunicar. Aparentemente não havia limite para o que o circuito impresso poderia ter-lhe contado (caso houvesse tentado descobrir); do mesmo modo, no seu primeiro minuto em San Narciso, uma revelação também tremeluziu um centímetro além do limiar de sua consciência. O *smog* pairava sobre toda a linha do horizonte, o sol refletido na superfície bege-claro era doloroso; ela e o Chevrolet pareciam estacionados no centro de um instante singular, religioso. Como se, em alguma outra freqüência, ou à margem do olho de um ciclone que girava lentamente demais para que a pele quente de Édipa pudesse sentir seu frescor centrífugo, palavras estivessem sendo ditas. Ao menos, suspeitou que assim fosse. Pensou no marido, Mucho, tentando acreditar em seu trabalho. Será que ele sentia algo parecido ao ver através do vidro à prova de som um colega que, com os fones no ouvido, sinalizava o próximo disco fazendo movimentos tão estilizados quanto os de um sacerdote ao

manusear o crisma, o turíbulo e o cálice, porém na verdade sintonizado na voz, nas vozes, na música, em sua mensagem, imerso nela, entendendo-a como todos os fiéis a quem era dirigida? Será que Mucho olhava para dentro do Estúdio A sabendo que, mesmo se pudesse ouvir a mensagem, não podia acreditar nela?

Passado algum tempo desistiu, como se uma nuvem houvesse tapado o sol ou o *smog* se tornado mais denso, rompendo assim o “instante religioso”, fosse o que fosse; ligou o motor e seguiu a uns cem quilômetros por hora pelo asfalto cantante, entrou numa estrada que supunha rumasse para Los Angeles e acabou num bairro que era pouco mais do que uma esquálida passagem entre os prédios que a margeavam — revendedoras de automóveis, agências de guarda de documentos, restaurantes de *fast food*, pequenas fábricas e edifícios de escritórios cujos números se situavam entre setenta e oitenta mil. Nunca imaginara que a numeração das ruas podia ser tão alta. Parecia estranho. Do lado esquerdo surgiu um conjunto de grandes prédios cor-de-rosa, protegidos por quilômetros de cercas encimadas de arame farpado e interrompidas de quando em quando por torres de vigia; logo adiante passou zunindo um portão ladeado por dois mísseis de vinte metros de altura, o nome YOYODYNE inscrito recatadamente nas pontas cônicas dos foguetes. Tratava-se do principal empregador de San Narciso, a Divisão de Galatrônica da Companhia Yoyodyne, um dos gigantes da indústria aeroespacial. Ela por acaso sabia que Pierce havia possuído um grande bloco de ações da empresa e de algum modo estivera envolvido na negociação de um entendimento com as autoridades fiscais do município para que a Yoyodyne lá se instalasse. Fazia parte, ele havia explicado, de seu papel como fundador da cidade.

O arame farpado cedeu lugar outra vez ao desfile já familiar dos prédios de cor bege, pré-fabricados com lajes de concreto: distribuidoras de máquinas de escritório, fabricantes de material de vedação, usinas de engarrafamento de gás, fábricas de zíper, depósitos, sabe-se lá o quê. O domingo os condenara ao silêncio e à paralisia, com exceção de uma ou outra agência imobiliária, de uma ou outra parada de caminhões. Édipa decidiu entrar no primeiro motel que aparecesse, por mais feio que fosse, o silêncio e quatro paredes tendo-se tornado de repente preferíveis àquela ilusão de velocidade, liberdade, vento nos cabelos, paisagens se abrindo — tudo irreal. Ocorreu-lhe que a estrada era na verdade uma agulha hipodérmica, inserida mais adiante na veia de uma auto-estrada que ia alimentar a viciada Los Angeles, mantendo-a feliz, coerente, protegida da dor ou do que quer que significasse dor para uma cidade. Mas, se Édipa fosse um simples cristal dissolvido de heroína urbana, Los Angeles, na verdade, não estaria menos drogada na ausência dela.

No entanto, quando deu com os olhos no primeiro motel, hesitou por um segundo. Uma figura de ninfa em metal pintado, segurando uma flor branca, elevava-se a uns dez metros de altura; o letreiro, aceso a despeito do sol, anunciava MORADA DE ECO. O rosto da ninfa era bem parecido com o de Édipa, o que não a surpreendeu tanto quanto um sistema oculto de ar comprimido que mantinha sua túnica de gaze em constante agitação, revelando, a cada sopro, enormes seios de bicos carmesim e longas coxas rosadas. Seus lábios carregados de batom ostentavam um sorriso convidativo, não exatamente o de uma mulher da vida, mas também nada que se aproximasse do de uma ninfa definhando por desgosto amoroso.

Édipa parou no estacionamento do motel, desceu do carro e ficou por algum tempo sob o sol quente, no ar parado, observando a ventania artificial acima de sua cabeça lançar a gaze em excursões de dois metros. Lembrando-se de sua idéia de um lento ciclone, das palavras que não podia ouvir.

O quarto era bastante bom para o tempo em que ficaria por lá. A porta dava para um longo pátio interno com uma piscina, cuja superfície naquele dia estava absolutamente lisa, reluzindo ao sol. Na extremidade oposta do pátio havia uma fonte, com outra ninfa. Nada se movia. Se havia outras pessoas atrás das portas ou olhando pelas janelas, cada qual amordaçada por um barulhento aparelho de ar condicionado, Édipa não podia vê-las. Foi atendida por um rapazinho de uns dezesseis anos com jeito de quem abandonou os estudos, chamado Miles, cabelos cortados à moda dos Beatles e um paletó de *mohair* de um só botão, sem lapelas nem punhos, que carregou as malas enquanto cantava para si próprio, quem sabe para ela:

A CANÇÃO DE MILES

Gordo demais para dançar,

Você fica repetindo

Quando quer me humilhar.

Mas eu não quero papo,

Cala essa boca de sapo,

É, baby,

Se sou gordo demais para dançar

Não sou magro demais para te amar.

“É muito boa”, disse Édipa, “mas por que você canta com sotaque inglês se não fala desse jeito?”

“É que faço parte desse grupo”, explicou Miles, “os Paranóicos. Ainda estamos começando. Nosso agente diz que a gente tem que cantar assim. Vemos um bocado de filmes ingleses, por causa do sotaque.”

“Meu marido trabalha como disc-jóquei”, disse Édipa, tentando ser útil, “numa estação só de mil watts, mas se vocês tiverem alguma fita gravada eu podia dar a ele para tocar.” Miles fechou a porta depois que entraram e começou a olhá-la com ar safado. “Em troca de quê?”, perguntou, chegando para perto dela. “É o que eu acho que você quer? Tou topando esse negócio da rádio”, continuou. Édipa pegou a arma mais próxima, no caso a antena da TV que ficava no canto do quarto. “Ah”, disse Miles, parando, os olhos faiscando através da franja. “Você também me odeia.”

“Você é *mesmo* um paranóico.”

“Tenho um corpo enxuto e pensei que as balzaquianas como você gostassem disso”, disse Miles. Foi embora depois de arrancar dela um dólar por ter carregado as malas.

De noite apareceu o advogado Metzger. Era tão bonito que Édipa, a princípio, pensou que Eles, alguém lá em cima, estavam querendo gozá-la. Tinha de ser um ator. Ficou de pé diante da porta, recortado contra o losango da silenciosa piscina que cintilava na luminosidade difusa do céu noturno, e disse: “Senhora Maas”, em tom de censura. Seus olhos enormes, radiantes, com cílios

absurdamente longos, sorriam para ela de um jeito travesso. Édipa olhou a seu redor procurando os refletores, microfones, fios da câmera, mas só havia ele e uma galante garrafa de Beaujolais, que o jovial transgressor da lei se vangloriou de haver contrabandeado no ano passado para a Califórnia enganando os guardas da fronteira.

“Então”, ele murmurou, “depois de correr todos os motéis o dia inteiro para encontrá-la, posso entrar, não posso?” Édipa não planejava nada mais complicado para aquela noite do que ver *Bonanza* na televisão. Vestia calças de jeans bem justas e um suéter preto felpudo, o cabelo inteiramente solto. Sabia que estava muito bem. “Entre”, disse, “mas aqui só tem um copo.”

“Posso beber direto da garrafa”, o cavalheiresco Metzger deixou-a saber. Entrou e sentou-se no chão, de terno e tudo. Abriu a garrafa, encheu o copo dela, começou a falar. Édipa logo verificou que não estava de todo errada ao imaginar que ele era um artista de cinema. Há vinte e poucos anos Metzger tinha sido um desses atores infantis, com o nome de Baby Igor. “Minha mãe”, anunciou amargamente, “estava realmente a fim de me sugar, como se eu fosse uma laranja, queria mesmo tirar todo o suco. As vezes penso que ela conseguiu”, continuou, enquanto alisava para baixo os cabelos atrás da cabeça.

“Isso me apavora. Você sabe o que esse tipo de mãe consegue fazer com que seus filhos sejam.”

“Você certamente não parece...”, Édipa começou, mas pensou duas vezes.

Metzger arreganhou os dentes numa careta cômica. “As aparências não querem dizer mais nada. Vivo escondido por trás da minha aparência e nunca tenho certeza. A possibilidade me

persegue.”

“E quantas vezes”, Édipa perguntou, certa agora de que tudo não passava de conversa fiada, “essa cantada funcionou, hem, Baby Igor?”

“Você sabe”, disse Metzger, “o Inverarity só mencionou você a mim uma única vez.”

“Vocês eram amigos íntimos?”

“Não. Preparei o testamento dele. Não quer saber o que ele disse?”

“Não”, respondeu Édipa, ligando num impulso a televisão. Da tela brotou a imagem de uma criança de sexo indeterminado, as pernas nuas apertadas desajeitadamente uma contra a outra, os cachos que caíam até os ombros misturando-se aos pêlos mais curtos de um São Bernardo, cuja comprida língua, sob o olhar de Édipa, começou a lamber vigorosamente a rosada bochecha da criança, fazendo-a franzir o nariz em súplica e dizer: “Ei, Murray, agora chega, estou ficando todo molhado”.

“Este sou eu, este aí sou eu”, exclamou Metzger, olhando fixo para a televisão. “Meu Deus!”

“Qual dos dois?”, perguntou Édipa.

“Esse filme se chamou...”, Metzger estalou os dedos, “*A corte marcial.*”

“Então era sobre você e sua mãe.”

“Sobre esse garoto e o pai, que havia sido expulso do Exército britânico por covardia, só que ele estava encobrindo um amigo, sabe, e para se redimir ele e o garoto *seguem o* regimento até Galípoli,

onde o pai sei lá como constrói um mini-submarino, e toda semana eles atravessam escondidos o estreito de Dardanelos e entram no mar de Mármara, onde torpedeiam os navios mercantes turcos, o pai, o filho e o São Bernardo. O cachorro se encarrega do periscópio e late quando vê alguma coisa.

Édipa, servindo-se do vinho: “Você está brincando”.

“Escuta, escuta, é aqui que eu canto.”

E, na verdade, a criança, o cachorro e um velho e alegre pescador grego, que surgira do nada com uma citara, postaram-se diante de um duvidoso cenário representando um pôr-do-sol nas praias do Dodecaneso e o garoto cantou.

A CANÇÃO DE BABY IGOR

Frente aos hunos e aos turcos

Jamais faltamos ao dever,

Meu papai, meu cachorrinho e eu.

Nesses tempos de perigo,

Como os Três Mosqueteiros,

Bem juntinhos lutaremos.

Até Constantinopla nosso rumo foi traçado

E cheios de esperança ao mar nos lançaremos

Apoiando nossos homens nas trincheiras,

Meu papai, meu cachorrinho e eu.

Após uma passagem instrumental a cargo do pescador e de sua citara, o jovem Metzger retomou a canção do início, enquanto seu idoso parceiro, apesar dos protestos de Édipa, fazia a segunda voz.

Ou ele inventou o troço todo, pensou Édipa de repente, ou subornou o programador da estação local para passar o filme, é tudo parte de um estratagema, um complicado plano de sedução. Ah, Metzger.

“Você não cantou junto com a gente”, ele observou.

“Não *sabia*”, Édipa sorriu. Seguiu-se, em alto volume, o anúncio das Lagunas Fangoso, um novo lançamento imobiliário a oeste de San Narciso.

“Um dos negócios do Inverarity”, Metzger comentou. Seria entrecortado de canais com desembarcadouros privados para lanchas e um clube no meio de um lago artificial, em cujo fundo haveria galeões restaurados trazidos das Bahamas; fragmentos de colunas e frisos da Atlântida recolhidos nas Canárias; esqueletos humanos genuínos vindos da Itália; conchas gigantes da Indonésia — tudo para gáudio dos entusiastas do mergulho. Ao aparecer na tela um mapa do lugar, Édipa deu um suspiro profundo e Metzger olhou em sua direção, pensando que podia ser por causa dele. Mas ela apenas se lembrara da visão que havia tido ao meio-dia do alto da colina. Outra vez algo a rondava, alguma promessa de revelação arcana: circuito impresso, ruas fazendo curvas suaves, acesso privativo à água, Livro dos Mortos...

Antes que estivesse pronta para isso, o filme recomeçou. O pequeno submarino, chamado *Justine* em memória da mãe morta, estava encostado no cais enquanto as amarras eram recolhidas.

Havia um bocado de gente lá para vê-lo partir, inclusive o velho pescador e sua filha, uma ninfeta de pernas longas e cabelos encaracolados que, se houvesse um final feliz, acabaria com Metzger; uma enfermeira voluntária inglesa, com um corpinho bem razoável, que terminaria com o pai de Metzger; e até uma cadela pastora dando bola para Murray, o São Bernardo.

“Ah, sim”, Metzger disse, “agora vem o pedaço em que temos problemas no estreito. E fogo por causa do campo de minas de Kephez, mas também porque os alemães instalaram há pouco uma rede gigantesca, feita com cabos de seis centímetros de diâmetro.”

Édipa encheu de novo seu copo de vinho. Os dois estavam agora deitados no chão, de olho na tela, os quadris se tocando levemente. Do aparelho de televisão veio uma tremenda explosão. “Minas”, gritou Metzger, cobrindo a cabeça e rolando para longe dela. “Papai, estou com medo”, choramingou o Metzger da telinha. No interior do mini-submarino reinava o caos, o cachorro galopando em todas as direções e espalhando um monte de saliva que se misturava ao borrifo vindo de um furo na parte dianteira, que o pai se apressava a vedar com a camisa. “Só há uma coisa a fazer”, anunciou o pai, “ir para o fundo e tentar passar *por baixo* da rede.”

“Ridículo”, disse Metzger, “eles tinham construído uma entrada na rede para que os submarinos alemães pudessem passar e atacar a frota britânica. Todos os nossos submarinos da classe E simplesmente usavam essa entrada.”

“Como é que você sabe disso?”

“E eu não estava lá?”

“Mas”, começou Édipa, notando de repente que o vinho tinha

acabado.

“Aha”, disse Metzger, fazendo surgir uma garrafa de tequila de um bolso de dentro do paletó.

“Sem limão?”, ela perguntou, com a falsa alacridade de uma atriz de cinema. “Sem sal?”

“Coisas de turista. O Inverarity usou limão quando vocês estavam lá?”

“Como é que você sabe que estivemos lá?”, ela perguntou, vendo-o encher o copo e tornando-se mais anti-Metzger à medida que o nível subia.

“Naquele ano ele deduziu as despesas como gastos de representação da firma. Eu preparei a declaração de renda dele.”

“Sempre o dinheiro” disse Édipa em tom pensativo, “você e o Perry Mason, farinha do mesmo saco, é tudo o que interessa a vocês, seus rúbulas.”

“Mas nossa beleza”, explicou Metzger, “está exatamente nessa imensa capacidade de circunvolução. Um advogado no tribunal, diante de qualquer júri, torna-se um ator, certo? O Raymond Burr é um ator fazendo o papel de um advogado que, perante o júri, se transforma num ator. No meu caso, sou um ex-ator que se tornou um advogado. Na verdade, fizeram um filme-piloto para uma série de televisão baseado livremente na minha carreira e estrelado por meu amigo Manny Di Presso, um ex-advogado que abandonou a firma onde trabalhava para ser ator. Nesse filme-piloto ele faz o meu papel, um ator transformado em advogado que volta periodicamente a ser ator. O filme está guardado nos porões de um estúdio de Hollywood, em condições perfeitas de temperatura, não é afetado

pela luz e pode ser repassado um número infinito de vezes.”

“Você se meteu numa boa encrenca”, Édipa lhe disse, olhando para a tela e sentindo através das roupas o calor da coxa de Metzger.

“Os turcos estão lá em cima”, ele disse, servindo mais tequila e vendo o mini-submarino se encher de água, “com holofotes, barcos de patrulha e metralhadoras. Quer apostar no que vai acontecer?”

“Claro que não, o filme já foi feito”, disse Édipa, enquanto ele sorria de volta, “estamos vendo uma de suas repetições infinitas.”

“Mas você ainda não sabe, não viu o filme”, disse Metzger. Na pausa comercial, rugiu agora o ensurdecido anúncio dos cigarros Beaconsfield, recomendado porque seus filtros usavam carvão feito de ossos, o melhor do gênero.

“Ossos de quê?”, quis saber Édipa.

“O Inverarity sabia. Controlava 51% do processo de fabricação do filtro.”

“Me diga de quê.”

“Outro dia. Agora é sua última chance de fazer a aposta. Eles escapam ou não?”

Estava se sentindo bêbada. Ocorreu-lhe sem qualquer motivo que, no final das contas, o bravo trio talvez não se salvasse. Não tinha como saber quanto tempo ainda faltava para terminar o filme. Olhou para seu relógio, mas estava parado. “Isso é absurdo”, ela disse, “é claro que vão escapar.”

“Como é que você sabe?”

“Todos esses filmes têm um final feliz.”

“Todos?”

“A maioria.”

“Isso faz baixar a probabilidade”, ele disse em tom condescendente.

Édipa olhou de soslaio para ele através do copo. “Então me diz quais são as probabilidades.”

“Se dissesse, perdia a graça.”

“Então”, ela falou em voz alta, talvez perdendo um pouco o controle, “aposto uma garrafa de qualquer coisa. Tequila, está bem? Que você não escapa”, sentindo que as palavras haviam sido arrancadas contra sua vontade.

“Que eu não escapei”, ele disse, pensativo. “Outra garrafa esta noite ia fazer você dormir”, decidiu. “Não.”

“Então o que é que você quer apostar?”, ela perguntou, embora soubesse muito bem. Teimosos, olharam-se olhos nos olhos pelo que pareceu serem cinco minutos. Ela ouviu vários anúncios se sucedendo na televisão. Foi ficando cada vez mais indignada, talvez excitada, quem sabe apenas impaciente para que o filme voltasse.

“Então vá lá”, finalmente cedeu, tentando dar a sua voz um tom irritado, “aposto. O que você quiser. Que você não escapa. Que vão todos virar comida para os peixes no fundo do Dardanelos, teu papai, teu cachorrinho e você.”

“Muito bem”, disse Metzger alongando as sílabas. Tomou a mão dela como se fosse apertá-la para confirmar a aposta, mas em vez disso beijou-lhe a palma, deixando que a ponta seca de sua língua passeasse brevemente entre os sulcos do destino de Édipa, entre os

salgados e imutáveis traços de sua identidade. Ela ainda se perguntou se aquilo estava mesmo acontecendo, da mesma maneira como, por exemplo, a primeira vez que fora para a cama com o falecido Pierce. Mas nesse momento o filme recomeçou.

O pai estava agachado numa cratera de bomba no íngreme penhasco da cabeça-de-ponte de Anzac, estilhaços de metralha turcos voando para todo o lado. Nem Baby Igor nem Murray, o cachorro, estavam à vista.

“Epa, que que está acontecendo?”, perguntou Édipa.

“Meu Deus”, disse Metzger, “devem ter trocado a ordem dos rolos.”

“Isso vem antes ou depois?”, ela perguntou, esticando-se para alcançar a garrafa de tequila num movimento que colocou seu seio esquerdo nas imediações do nariz de Metzger. O irreprimível cômico envesgou os olhos antes de responder.

“Se eu disser, entrego tudo.”

“Responde”, ela disse, roçando o nariz dele com a ponta alcochoada do sutiã e servindo-se da bebida, “senão eu suspendo a aposta.”

“Negativo”, disse Metzger.

“Pelo menos me diz se aquele lá é o antigo regimento dele.”

“Vai em frente”, disse Metzger, “pergunte o que você quiser. Mas, para cada resposta, tem que tirar alguma coisa. Vamos chamar isso de *strip-tease* Botticelli.”

Édipa teve uma idéia maravilhosa. “Muito bem, mas antes vou dar um pulinho no banheiro. Fecha os olhos, vira de costas, não vale

espiar.”

Na tela, o *River Clyde*, um navio carvoeiro transportando dois mil homens, abicou na praia de Sedd-el-Bahr em meio a um silêncio fantasmagórico. “Chegou a hora, pessoal”, sussurrou uma voz com falso sotaque inglês. De repente, centenas de rifles turcos abriram fogo ao mesmo tempo e começou o massacre.

“Conheço bem essa parte”, Metzger disse, com os olhos fechados e a cabeça voltada para longe da televisão. “O mar fica vermelho de sangue numa faixa de cinquenta metros. Isso eles não mostram.” Édipa escapuliu para o banheiro, que por acaso se ligava a um quartinho de vestir, rapidamente tirou a roupa e começou a vestir o máximo das coisas que trouxera na viagem: seis calcinhas de cores variadas, cinta, três pares de meias, três sutiãs, duas calças elásticas, quatro anáguas, um tubinho preto, dois vestidos de verão, meia dúzia de saias, três suéteres, duas blusas, um roupão forrado, um penhoar azul-claro e um velho camisolão de orlom. E, em seguida, braceletes, broches, brincos e um pingente. Tinha a impressão de haver levado horas para botar tudo aquilo e mal podia andar quando terminou. Cometeu o erro de olhar-se no espelho de corpo inteiro, viu uma bola de praia com dois pés e riu tão violentamente que perdeu o equilíbrio, trazendo na queda uma lata de *spray* para cabelo que estava em cima da pia. A lata bateu no chão, algo nela se rompeu e, sob forte pressão, o líquido começou a gaseificar-se, impulsionando a lata velozmente pelo banheiro. Metzger entrou correndo para dar com Édipa rolando pelo chão e tentando levantar-se em meio a um pegajoso miasma de laquê perfumado. “Ah, minha Mãe do Céu”, ele disse, na voz do Baby Igor. A lata, com um silvo maligno, ricocheteou no vaso sanitário e passou zunindo pela orelha

direita de Metzger, não o acertando por milímetros. Metzger atirou-se ao solo e ficou encolhido junto a Édipa, enquanto a lata continuava a dar velozes cambalhotas; do outro aposento veio o lento e grave crescendo de um bombardeio naval, misturado ao som de metralhadoras, morteiros e fuzis, gritos e preces entrecortadas dos soldados agonizantes. Ela olhou por sobre as pálpebras cerradas de Metzger em direção à vigilante lâmpada do teto, seu campo de visão invadido pelos audaciosos e coruscantes sobrevôos da lata, cuja pressão parecia inesgotável. Estava apavorada, mas nem um pouquinho sóbria. A lata parecia saber onde estava indo, ou algo infinitamente rápido — Deus, um computador — talvez houvesse calculado antecipadamente a complexa rede de seus deslocamentos. Mas ela não era rápida o suficiente, e só sabia que podiam ser atingidos a qualquer momento, a lata fazendo uns cento e cinquenta quilômetros por hora. “Metzger”, ela gemeu, e fincou os dentes no braço dele através do tecido leve do terno. Tudo cheirava a laquê. A lata colidiu com um espelho e ricocheteou, deixando uma prateada flor reticular de vidro suspensa por um segundo antes de desabar tilintando na pia; dali disparou para o box do chuveiro, onde destruiu uma divisória de vidro fosco; chocou-se contra as três paredes de azulejo, partiu rumo ao teto, passou rente à lâmpada, deu um rasante sobre os dois corpos prostrados no chão, em meio a seu próprio silvo e à barulheira estridente que vinha da televisão. Ela não conseguia imaginar como a coisa iria acabar, mas, subitamente, a lata desistiu em pleno vôo e caiu ao solo, a uns trinta centímetros do nariz de Édipa. Ela continuou deitada, olhando para o petardo.

“Macacos me mordam”, disse alguém com sotaque inglês. Édipa, liberando o braço de Metzger, virou-se e viu na porta Miles, o rapaz

de franja e terno de *mohair*; agora multiplicado por quatro. Parecia ser o grupo que ele havia mencionado, os Paranóicos. Era impossível distinguir um do outro; três deles carregavam guitarras elétricas e estavam todos boquiabertos. Apareceram também os rostos de várias moças, procurando um ângulo de visão entre axilas e pernas semidobradas. “Que barato”, disse uma delas.

“Vocês são de Londres? Isso agora é moda em Londres?”, perguntou outra moça. O laquê formava um nevoeiro, os cacos do espelho cintilavam pelo chão.

“Vocês são o máximo”, resumiu o rapaz que segurava uma chave-mestra e que Édipa decidiu ser Miles. Com toda a deferência ele começou a relatar, para benefício dos dois, uma bacanal de surfistas de que participara uma semana antes, envolvendo uma lata de vinte litros de sebo, um automóvel pequeno com teto de correr e uma foca amestrada.

“Tenho certeza de que isso aqui nem se compara”, disse Édipa, que conseguira virar-se de barriga para cima. “Por isso, por que é que vocês todos, sabe como é, não dão o fora? Vão cantar. Esse troço só funciona com uma musiquinha de fundo. Vão lá fora fazer uma serenata para nós.”

“Talvez depois”, um dos Paranóicos convidou timidamente, “vocês podiam se juntar a nós na piscina.”

“Vai depender de quanto isso aqui esquentar, pessoal”, respondeu Édipa com um piscar de olhos jocoso. Os rapazes foram saindo um a um, depois de ligar extensões em todas as tomadas disponíveis no outro aposento e passá-las num feixe pela janela.

Metzger ajudou-a a levantar-se. “Alguém topa brincar de *strip-*

tease Botticelli?”, perguntou. Na sala, a televisão estava anunciando aos berros um banho turco no centro de San Narciso, onde quer que ficasse o tal centro, chamado Harém do Hogan. “O Inverarity também era o dono disso”, comentou Metzger. “Você sabia?”

“Sádico” gritou Édipa, “se você disser isso mais uma vez, joga a televisão na tua cabeça.”

“Você está mesmo zangada”, ele sorriu.

Na verdade, não estava. “Que diabo não era dele?”, perguntou. Metzger ergueu uma sobrancelha: “Boa pergunta, me diga você”.

Se ela ia dizer, perdeu a oportunidade, porque do lado de fora, num dilúvio estremeceador de maciços acordes de guitarra, os Paranóicos tinham começado a tocar. O baterista se instalara precariamente no trampolim, os outros não estavam à vista. Metzger chegou por trás dela com a vaga idéia de pousar as mãos sobre seus seios, mas não pôde encontrá-los imediatamente por causa das roupas todas. Ficaram de pé junto à janela e ouviram os Paranóicos cantar.

SERENATA

Deitado eu olho a lua que, no mar solitário,

Puxa a maré para encobrir meu corpo.

Silenciosa, sem rosto, a lua invade a praia

Imitando o dia.

Luar branco, sombras cinzas,

Você sozinha na noite,

Tão sozinha quanto eu.
Menina solitária no teu quarto solitário,
Chora não, chora não.
Como posso chegar até você,
E apagar a lua, e mandar de volta essa maré?
Vou me perder na noite escura
Se não há luz dentro de mim.
Não, vou ficando aqui sozinho
Até que chegue minha hora
E leve o sol, a praia, a lua e o solitário mar,
O mar tão solitário.

“Bom, e agora?”, disse Édipa, um calafrio percorrendo seu corpo.

“Primeira pergunta”, Metzger lembrou. Na tela da TV, o São Bernardo estava latindo. Édipa olhou e viu Baby Igor, disfarçado de mendigo turco, esgueirando-se com o cachorro através de um cenário que ela imaginou pudesse representar Constantinopla.

“Outro rolo do início”, ela disse, esperançosa.

“Não posso permitir essa pergunta”, Metzger disse. Na soleira da porta, como se deixa um pouco de leite para aplacar os duendes noturnos, os Paranóicos haviam depositado uma garrafa de Jack Daniels.

“Oba”, disse Édipa, servindo-se. “O Baby Igor chegou a Constantinopla no poderoso submarino *Justine?*”

“Não”, disse Metzger. Édipa tirou um brinco.

“Chegou lá num, como é que você chamou, num submarino da classe E?”

“Não”, disse Metzger. Ela tirou outro brinco.

“Chegou lá por terra, talvez atravessando a Ásia Menor?”

“Talvez”, ele respondeu. Édipa tirou outro brinco.

“Outro brinco?”, disse Metzger.

“Se eu responder a essa pergunta, você tira alguma coisa?”

“Tiro mesmo sem nenhuma resposta”, Metzger rugiu, livrando-se do paletó num gesto ágil. Édipa reencheu o copo, Metzger tomou outro gole da garrafa. Édipa passou então cinco minutos sentada diante da tela, esquecida de que lhe cabia fazer perguntas. Metzger tirou as calças com grande diligência. O pai a essa altura parecia estar diante de uma corte marcial.

“Não falei?”, ela disse. “Um rolo do início. E aqui que ele foi expulso, ha, ha.”

“Talvez seja um *flashback*”, disse Metzger. “Ou talvez ele tenha sido julgado duas vezes.” Édipa tirou um bracelete. E por aí foi: a sucessão de fragmentos do filme na tela, a progressiva remoção de peças de vestuário que parecia não trazê-la mais perto da nudez, a bebida, a incansável algazarra de vozes e guitarras vinda da piscina. De tempos em tempos entrava um anúncio, a cada vez Metzger dizia “Do Inverarity” ou “Grande bloco de ações”, limitando-se, mais tarde, a sacudir a cabeça e sorrir. Édipa respondia com um franzir do rosto, cada vez mais convencida, enquanto uma dor de cabeça desabrochava atrás de seus olhos, de que eles, dentre todas as

possíveis combinações de novos amantes, tinham descoberto uma maneira de fazer com que o próprio tempo andasse mais devagar. As coisas se tornaram progressivamente menos claras. A certa altura ela foi ao banheiro, tentou encontrar sua imagem no espelho e não conseguiu. Teve um instante de terror quase puro. Lembrou então que o espelho se partira e caíra na pia. “Sete anos de azar, vou estar com 35 anos”, disse em voz alta. Fechou a porta e aproveitou para enfiar, quase maquinalmente, outra combinação e outra saia, uma cinta-liga e dois pares de meia que iam até o joelho. Ocorreu-lhe que, se o sol voltasse a se levantar, Metzger desapareceria. Não estava segura de que queria que isso acontecesse. Voltou para encontrá-lo de cuecas, em pleno sono, com uma ereção bem à vista e a cabeça enfiada embaixo do sofá. Notou também uma barriguinha que o terno escondera. Na tela, turcos e neozelandeses usavam baionetas para empalar-se uns aos outros. Com um grito, Édipa atirou-se sobre ele e começou a acordá-lo aos beijos. Seus radiosos olhos se abriram, transpassando-a como uma lâmina enfiada entre seus seios. Ela se afundou ao lado dele com um enorme suspiro que, como se fosse um fluido mágico, dissolveu toda a rigidez que havia dentro dela. Tão enfraquecida que não pôde ajudá-lo a tirar suas roupas. Metzger levou uns vinte minutos fazendo-a rolar para um lado e para o outro, ajeitando daqui e dali, como se ele fosse, pensou Édipa, uma menininha em escala aumentada, de cabelos curtos e rosto masculinizado, que brincasse com sua boneca Barbie. Ela talvez tenha caído no sono uma ou duas vezes. Quando enfim despertou estava sendo possuída, já em meio a um crescendo sexual, como um corte cinematográfico em que a cena se abrisse com a câmera em movimento. Do lado de fora, as guitarras tinham iniciado uma fuga e

ela contou cada uma das vozes eletrônicas à medida que entravam, até chegar a umas seis; lembrando-se de que só três dos Paranóicos tocavam guitarra, concluiu que outros deviam ter-se ligado nas tomadas.

E tinham mesmo. Ela e Metzger atingiram o clímax no exato instante em que se apagaram as luzes do motel e da tela de TV, todas de repente mortas, extintas. Negrume absoluto, uma estranha experiência. Os Paranóicos tinham queimado um fusível. Quando voltaram as luzes, eles jaziam entrelaçados em meio a um monte de roupas e *bourbon* derramado, e a tela da televisão mostrava o pai, o cachorro e Baby Igor presos no interior cada vez mais escuro do *Justine* à medida que o nível da água subia inexoravelmente. O cachorro foi o primeiro a afogar-se, num turbilhão de bolhas. A câmera aproximou-se para fazer um *close-up* de Baby Igor chorando, uma das mãos sobre a mesa de controle. Houve então um curto-circuito e ele foi eletrocutado, debatendo-se, gritando horripelantemente. Por uma dessas distorções da probabilidade típicas de Hollywood, o pai escapou de ser eletrocutado para que pudesse fazer um discurso de despedida, pedindo perdão a Baby Igor e ao cachorro por tê-los metido naquela enrascada e lamentando que não se encontrariam no céu: “Teus olhinhos estão vendo o papai pela última vez. Para você a salvação eterna, para mim as profundezas do inferno”. No final, seus agoniados olhos encheram toda a tela, o ruído da água entrando aos borbotões tornou-se ensurdecedor, cresceu aquela estranha música dos filmes dos anos 30, com uma poderosa seção de saxofones, aos poucos foi se firmando a palavra FIM.

Édipa levantou-se de um salto, correu para a parede oposta e de lá olhou indignada para Metzger. “Eles não escaparam”, gritou. “Seu

safado, eu ganhei!”

“Você me ganhou”, Metzger sorriu.

“O que que o Inverarity te disse sobre mim?”, ela finalmente perguntou.

“Que você não seria fácil.”

Ela começou a chorar.

“Volta aqui”, disse Metzger. “Pára com isso.”

Passado um tempo ela disse: “Eu vou”. E foi.

3

Não tardou para que as coisas se tornassem curiosas. Se um dos propósitos da descoberta do que ela veio a chamar de Sistema Tristero ou freqüentemente apenas de O Tristero (como se fosse o nome secreto de alguma coisa) era pôr fim a seu encarceramento na torre, então o ato de infidelidade com Metzger naquela noite teria sido logicamente o ponto de partida. Logicamente. Talvez fosse isso o que mais a intrigava: a maneira como tudo se encaixava logicamente. Como se (e assim o intuía no seu primeiro minuto em San Narciso) uma revelação estivesse ganhando forma em torno dela.

Grande parte dessa revelação veio a lume através dos selos que Pierce colecionara, muitas vezes em substituição a ela — milhares de pequenas janelas coloridas se abrindo sobre amplas perspectivas de espaço e de tempo: savanas repletas de antílopes e gazelas, galeões zarpendo para o vazio do ocidente, cabeças de Hitler, poentes, cedros-do-líbano, rostos alegóricos que jamais existiram. Pierce podia passar horas debruçado sobre cada um deles, ignorando-a. Nunca entendera seu fascínio. A idéia de que agora a coleção teria de ser inventariada e avaliada era apenas outra dor de cabeça. Sequer suspeitava de que poderia ter algo a lhe dizer. No entanto, se seus sentidos não houvessem sido preparados ou estimulados, primeiro por aquela estranha aventura amorosa e depois por uma sucessão de

acontecimentos aparentemente incidentais, afinal o que poderiam ter-lhe dito aqueles selos mudos se continuassem apenas como antigos rivais, tão traídos quanto ela pela morte, prestes a serem divididos em lotes para cair nas mãos de outros donos?

O processo de sensibilização começou para valer com a carta de Mucho ou na noite em que ela e Metzger foram parar por acaso num estranho bar chamado O Escopo. Em retrospecto, não lembrava o que viera em primeiro lugar. A carta em si não dizia muito, fora escrita em resposta a um dos bilhetes mais ou menos desconexos que ela conscienciosamente lhe mandava duas vezes por semana e nos quais não confessou a relação com Metzger, pressentindo que de algum modo Mucho saberia da coisa. E, numa daquelas tardes dançantes organizadas nas escolas pela ADOF, ele outra vez olharia através do reluzente piso do ginásio e lá adiante, num dos gigantescos buracos de fechadura usados nos jogos de basquete, veria uma Sharon, Linda ou Michele de dezessete anos e saltos altos pairando desajeitadamente uns três centímetros acima da cabeça de seu par, uma daquelas mocinhas metidas a moderna cujos olhos aveludados finalmente, estatisticamente, esbarrariam convidativos nos de Mucho; e a partir dali as coisas correriam tão bem quanto era possível quando um cidadão não consegue de todo esquecer as leis contra o abuso de menores. Édipa conhecia o processo porque já tinha acontecido algumas vezes, embora ela se houvesse mantido escrupulosamente imparcial e só tivesse mencionado a coisa numa única oportunidade, de fato também lá pelas três da madrugada, na luz plúmbea do amanhecer, indagando se ele não se preocupava com o Código Penal. “Claro”, disse Mucho depois de algum tempo, e foi tudo; mas em seu tom de voz ela acreditou ter ouvido algo mais, a

meio caminho entre a irritação e a agonia. Perguntou-se se a preocupação afetaria o desempenho sexual de Mucho. Tendo já passado pelos dezessete anos, quando costumava rir de quase tudo, sentiu-se invadida de uma certa ternura, que preferia não explorar a fundo com medo de ficar atolada. Mas era o suficiente para impedi-la de fazer qualquer outra pergunta. Como todas as falhas de comunicação entre eles, essa também tinha um motivo virtuoso.

Talvez tenha sido a intuição de que a carta nada continha de relevante que fez Édipa examinar com maior atenção o envelope. De início não viu nada. Na melhor tradição de Mucho, era um envelope roubado da estação, com um selo aéreo normal e, à esquerda do carimbo de cancelamento, uma mensagem colocada pelo governo: COMUNIQUE TODA CORRESPONDÊNCIA OBSCENA A SEU AGENTE DE CORREIAS. Distraidamente, ela passou outra vez os olhos pela carta de Mucho para ver se tinha palavras de baixo calão. “Metzger”, ocorreu-lhe, “o que é um agente de correias?”

“Deve ser um especialista em artigos de couro”, respondeu Metzger, peremptório, do banheiro, “alguém responsável pela fabricação de cintos, arreios de cavalo, chicotes...” Ela jogou um sutiã na direção dele: “Diz aqui que eu tenho de comunicar qualquer correspondência obscena a meu agente de correias”.

“Vê-se que eles cometem erros de impressão”, disse Metzger. “Ótimo, desde que tomem cuidado para não apertar o botão errado, não é mesmo?”

Talvez tenha sido nessa mesma noite que eles foram parar no Escopo, um bar no caminho para Los Angeles, perto da fábrica da Yoyodyne. Vez por outra, como naquela noite, a Morada de Eco

tornava-se insuportável, seja por causa da imobilidade da piscina e das janelas vazias que a circundavam, seja pela presença maciça de jovens *voyeurs* que, munidos de cópias da chave-mestra de Miles, podiam verificar a qualquer momento se os hóspedes estavam praticando alguma atividade sexual insólita. A tal ponto que os dois haviam adotado o hábito de puxar um colchão para dentro do quartinho de vestir, onde Metzger empurrava a cômoda contra a porta, tirava a gaveta de baixo e enfiava as pernas no espaço vazio. Só assim podia esticar o corpo por inteiro, mas a essa altura geralmente já tinha perdido o interesse pela coisa toda.

O Escopo provou ser o ponto de encontro dos especialistas em eletrônica da Yoyodyne. O letreiro de néon verde na fachada imitava engenhosamente o mostrador de um osciloscópio no qual se reproduziam, num balé sempre renovado, as formas vibratórias de Lissajous. Devia ser o dia do pagamento e todos lá dentro já estavam bêbados. Acompanhados por olhares atentos, Édipa e Metzger encontraram uma mesa nos fundos. Apareceu um enrugado garçom, usando óculos escuros, e Metzger pediu dois *bourbons*. Édipa, olhando a seu redor, começou a ficar nervosa. A freguesia do Escopo tinha algo de inquietante: todos usavam óculos e os encaravam em silêncio. Exceto por uns dois ou três mais perto da entrada, concentrados em tirar melecas e ver quem conseguia jogá-las mais longe.

De repente, a vitrola automática nos fundos do bar emitiu uma série de sons estranhos. Todo mundo parou de falar. O garçom voltou nas pontas dos pés com as bebidas.

“Que que está acontecendo?”, sussurrou Édipa.

“Isso é do Stockhausen”, explicou o sabido velhinho, “a turma que chega mais cedo é fã de música atonal. Depois a coisa esquenta pra valer. Somos o único bar da região, sabe como é, que só toca música eletrônica. Apareçam por aqui num sábado, a partir da meia-noite temos uma sessão ao vivo de onda senoidal, vem gente de todo o estado, San José, Santa Bárbara, San Diego...”

“Ao vivo?”, Metzger perguntou, “música eletrônica ao vivo?”

“Eles gravam aqui mesmo, ao vivo, meu amigo, lá atrás tem uma sala cheia de áudio-osciladores, amplificadores, microfones de contato, tudo mesmo, companheiro. Isso é só no caso do sujeito não trazer o seu próprio equipamento, sabe como é, mas se bater a inspiração e ele quiser cruzar com o resto da moçada, tem sempre alguma coisa disponível.”

“Não precisa se aborrecer”, disse Metzger, com um irresistível sorriso de Baby Igor.

Um jovem magricela, vestindo um terno de verão de tecido sintético, sentou-se sem fazer barulho na cadeira à frente deles, apresentou-se como Mike Fallopian e começou a fazer proselitismo de uma organização conhecida pelo nome de Sociedade Peter Pinguid.

“Vocês são um desses grupos de fanáticos de extrema direita?”, perguntou o diplomático Metzger.

Fallopian deu uma piscadela brincalhona: “E depois eles acusam a nós de sermos paranóicos”.

“Eles?”, indagou Metzger, também piscando o olho.

“Nós?”, perguntou Édipa.

A Sociedade Peter Pinguid devia seu nome ao comandante da belonave sulista *Disgruntled*, que no início de 1863 zarpara na liderança de uma flotilha com o audacioso plano de dobrar o cabo Horn e atacar San Francisco, abrindo assim uma segunda frente na Guerra pela Independência do Sul. As tempestades e o escorbuto conseguiram destruir ou desencorajar todos os barcos da flotilha, com exceção do pequeno mas valente *Disgruntled*, que apareceu diante da costa da Califórnia um ano depois. Todavia, sem que disso soubesse o comodoro Pinguid, o czar Nicolau II da Rússia enviara sua frota do Extremo Oriente — quatro corvetas e dois clíperes, sob o comando de um certo contra-almirante Popov — para a baía de San Francisco, como parte de um stratagema destinado (entre outras coisas) a impedir que a Inglaterra e a França interviessem a favor dos estados sulistas. Pinguid não poderia ter escolhido pior momento para sua investida contra San Francisco. Naquele inverno corriam rumores de que os cruzadores rebeldes *Alabama* e *Sumter* estavam de fato prestes a atacar a cidade, e o almirante russo, por iniciativa própria, dera ordens a sua esquadra do Pacífico para esquentar as caldeiras e entrar em ação se ocorresse qualquer tentativa dessa natureza. Os cruzadores, contudo, pareciam satisfeitos em cruzar os mares, o que não impedia Popov de fazer excursões de reconhecimento de tempos em tempos. Não há muita clareza sobre o que ocorreu a 9 de março de 1864, um dia agora considerado sagrado por todos os membros da Sociedade Peter Pinguid. Popov efetivamente enviara um navio, a corveta *Bogatir* ou o clíper *Gaidamak*, a fim de ver o que houvesse para ser visto. Ao largo do que é hoje Carmel-by-the-Sea ou Pismo Beach, ao meio-dia ou possivelmente ao entardecer, as duas belonaves se avistaram. Uma

delas talvez tenha aberto fogo; se o fez, então a outra respondeu, mas ambas estavam fora do alcance dos canhões e por isso não puderam mostrar um único arranhão para provar coisa nenhuma. Caiu a noite. De manhã, o navio russo havia partido. Mas o movimento é algo relativo. A crer num trecho do livro de bordo do *Bogatir* ou do *Gaidamak*, enviado em abril ao general-adjunto em São Petersburgo e atualmente conservado em algum canto do Krasnyi Arkhiv, foi o *Disgruntled* que desapareceu durante a noite.

“Que importa”, disse Fallopian, sacudindo os ombros. “Não tentamos fazer disso uma parte da Bíblia. Obviamente, perdemos assim um bocado de apoio nos meios evangélicos, onde a coisa cairia muito bem. Você sabe, os antigos rebeldes sulistas.

“Mas foi a primeira confrontação militar entre a Rússia e a América. Ataque, retaliação, ambos projéteis enterrados para sempre sob as ondas do Pacífico. Mas as marolas causadas pelos dois esguichos se espalharam, cresceram e agora estão nos engolfando.

“Peter Pinguid foi de fato nossa primeira baixa, e não aquele fanático que nossos amigos mais à esquerda, da Sociedade John Birch, escolheram como mártir.”

“Então o camarote foi morto?”, perguntou Édipa.

Muito pior, na mente de Fallopian. Após a confrontação, arrasado com o que lhe parecia uma aliança militar entre a Rússia abolicionista (Nicolau libertara os servos em 1861) e os estados do Norte, que se diziam contrários à escravidão mas mantinham seus operários praticamente num regime de servidão salarial, Peter Pinguid passou várias semanas, macambúzio, trancado em seu camarote.

“Mas, pelo que você diz”, objetou Metzger, “ele era contra o capitalismo industrial. Isso não o impediria de ser um herói anticomunista?”

“Você raciocina como um membro da Sociedade Birch”, respondeu Fallopian. “Os bandidos contra os mocinhos. Assim não se chega nunca à verdade subjacente. Claro que ele era contra o capitalismo industrial. Nós também. Não foi isso que nos levou inevitavelmente ao marxismo? Na realidade, os dois são parte do mesmo horror que está grassando pelo mundo.”

“Qualquer coisa industrial?”, arriscou Metzger.

“É por aí”, disse Fallopian, concordando com a cabeça.

“O que aconteceu com Peter Pinguid?”, Édipa quis saber.

“Finalmente pediu demissão. Violou sua formação e seu código de honra. Lincoln e o czar o forçaram a fazer isso. Daí eu dizer que foi uma baixa. Ele e a maioria da tripulação fixaram-se perto de Los Angeles. Durante o resto da vida ele fez pouco mais do que enriquecer.”

“Muito comovente”, disse Édipa. “Fazendo o quê?”

“Especulando com terras na Califórnia”, disse Fallopian. Édipa, em meio a um gole de *bourbon*, expeliu a bebida num cone resplandecente de pelo menos três metros e teve um ataque de riso frouxo.

“É verdade”, continuou Fallopian. “Durante a seca daquele ano dava para comprar um terreno no centro de Los Angeles por sessenta e três centavos.”

Ouviu-se um clamor de vozes perto da entrada, *muitos* fregueses

se lançaram na direção de um jovem gordo e pálido que chegara carregando sobre o ombro um saco postal de couro.

“É o correio!”, as pessoas gritavam. E era mesmo, exatamente como no Exército. O rapaz gorducho, com ar aflito, trepou em cima do balcão e começou a fazer a chamada dos nomes, atirando os envelopes na direção da turba. Fallopian pediu licença e juntou-se aos outros.

Metzger colocou os óculos e, apertando as pálpebras, examinou o rapaz trepado no balcão. “Ele está usando um distintivo da Yoyodyne. Que que você acha?”

“Alguma entrega de correspondência interna”, disse Édipa.

“A essa hora?”

“Vai ver que é o turno da noite”, respondeu Édipa, mas Metzger limitou-se a franzir a testa. “Já volto”, ela deu de ombros, dirigindo-se para o banheiro.

Na parede do banheiro, em meio a obscenidades escritas com batom, notou a seguinte mensagem numa grafia precisa de engenheiro:

Interessada em distrações sofisticadas? Você, seu maridinho, suas amigas. Quanto mais melhor. Contatar Kirby, exclusivamente através da MOITA, Caixa Postal 7391, Los Angeles.

MOITA? Édipa ficou perplexa. Abaixo da mensagem, desenhado a lápis em traços leves, havia um símbolo que ela jamais vira — círculo, triângulo e trapézio — assim combinados:



Podia ser algum desenho sexual, mas duvidou disso. Encontrou uma caneta na bolsa e copiou em sua agenda o endereço e o símbolo, pensando: Meu Deus, hieróglifos. Ao sair, Fallopian já voltara e tinha uma expressão preocupada no rosto.

“Não era para vocês terem visto isso”, disse a ambos. Segurava um envelope e Édipa pôde ver que, no lugar do selo, trazia as iniciais manuscritas SPP.

“É claro”, disse Metzger. “A entrega de correspondência é monopólio do governo. Não se pode concordar com um troço desses.”

Fallopian deu um sorriso forçado. “Não é tão rebelde quanto parece. Usamos o sistema de distribuição interna da Yoyodyne, às escondidas. Mas é difícil arranjar entregadores, o movimento é muito grande. Eles têm que obedecer a um horário apertado e ficam nervosos. Os agentes de segurança da fábrica sabem que existe alguma coisa, estão de olho. O DeWitt”, disse, apontando para o gorducho entregador que, contorcendo-se todo, estava sendo ajudado a descer do balcão e recusava os drinques que lhe eram oferecidos, “é o mais nervoso de todos que tivemos esse ano.”

“Até onde vai isso?”, perguntou Metzger.

“Só aqui em nossa seção de San Narciso. Estão organizando um esquema semelhante nas seções de Washington e, se não me engano, de Dallas. Mas até agora somos os únicos na Califórnia. Alguns dos membros mais ricos enrolam suas cartas em volta de um tijolo, embrulham tudo em papel pardo e mandam pelo Expresso Ferroviário, mas não sei...”

“Um pouquinho de apelação, não é?”, Metzger compadeceu-se.

“O que vale é o princípio”, Fallopian concordou em tom defensivo. “Para manter um volume razoável, cada membro tem de enviar pelo menos uma carta por semana através do sistema da Yoyodyne. Se não, é multado.” Abriu sua carta e mostrou aos dois.

Caro Mike, como vai você? Pensei em te mandar uma palavrinha. Como está indo o livro? Acho que é tudo por agora. Nos vemos no Escopo.

“É assim que é”, Fallopian confessou com amargura, “na maior parte do tempo.”

“Que livro é esse que foi mencionado?”, perguntou Édipa. Ficaram sabendo que Fallopian estava escrevendo a história dos serviços postais privados nos Estados Unidos, tentando associar a Guerra Civil ao movimento de reforma dos Correios que se iniciara por volta de 1845. Para ele, não era mera coincidência que justamente em 1861 o governo federal se houvesse lançado com vigor na supressão dos serviços independentes de correio que haviam

sobrevivido às leis de 45, 47, 51 e 55, todas feitas com o propósito de arruinar financeiramente qualquer competidor privado. Encarava tudo isso como uma parábola do poder, sua alimentação, crescimento e abuso sistemático, embora não se aprofundasse sobre o tema com Édipa naquela noite. De fato, tudo que lembrava dele no início era o corpo franzino e o nariz tipicamente armênio, além de uma certa afinidade entre seus olhos e o verde da luz néon.

Assim começou, para Édipa, o lânguido e sinistro desabrochar do Tristero. Ou, antes, sua presença na platéia de um espetáculo extraordinário, prolongado por ser o último da noite, algo especial em benefício de quem ficara até tão tarde. Como se os vestidos que se abrem de cima abaixo, os sutiãs transparentes, as *ligas* com paetês e os fios-dentais da representação histórica, que iriam sendo jogados ao chão, formassem camadas tão densas quanto as roupas de Édipa naquela brincadeira com Metzger diante do filme de Baby Igor; como se o longo mergulho rumo à madrugada através da escuridão fosse realmente necessário antes que O Tristero se revelasse em sua terrível nudez. Seria tímido então o seu sorriso, ao sair inocentemente de cena, dizendo boa-noite com uma reverência de teatro musical e deixando-a em paz? Ou, terminada a dança, voltaria pelo corredor central, seu olhar rútilo fixado nela, o sorriso agora maligno e impiedoso, se curvaria diante de Édipa, solitária em meio às poltronas vazias, e começaria a lhe dizer coisas que ela jamais quis ouvir?

O começo do espetáculo foi bastante claro. Ocorreu enquanto ela e Metzger esperavam pelas cartas de procuração para seus representantes no Arizona, Texas, Nova York e Flórida, onde Inverarity tinha propriedades imobiliárias, e em Delaware, onde

estabelecera uma sociedade anônima. Os dois, seguidos de um conversível entupido pelos Paranóicos Miles, Dean, Serge, Leonard e suas garotas, tinham decidido passar o dia em Lagunas Fangoso, um dos últimos grandes projetos de Inverarity. A ida nada teve de excepcional, exceto pelas duas ou três colisões de que os Paranóicos escaparam por pouco devido ao fato de que Serge, o motorista, mal conseguia enxergar através da franja. Foi persuadido a passar o volante a uma das moças. Para além da pujante e incontrolável proliferação de casas de três quartos que grassavam aos milhares pelas colinas bege-escuro, implícito de alguma forma numa certa arrogância do *smog* que a sonolência mais interiorana de San Narciso não comportava, escondia-se o mar, o inimaginável Pacífico, aquele para quem são irrelevantes todos os surfistas, colchões de praia, sistemas de eliminação de esgotos, incursões de turistas, homossexualidade bronzendo-se ao sol, barcos de pesca de aluguel — o buraco deixado pela Lua ao desgarrar-se da Terra, monumento a seu exílio. Ali havia alguma coisa que não se podia ouvir nem cheirar, algo tão indefinível quanto a atração das marés, que atingia os sentidos muito além dos olhos e dos tímpanos, talvez para estimular frações de corrente cerebral que o mais avançado microeletrodo é grosseiro demais para poder detectar. Bem antes de deixar Kinneret, Édipa já acreditava no mar como uma redenção para a Califórnia do Sul (não, é óbvio, para a parte do estado onde vivia e que aparentemente não precisava disso), uma idéia não expressa de que, fizesse o que se fizesse com a costa, o verdadeiro Pacífico permaneceria inviolado e íntegro, ou incorporaria a feiúra de suas margens numa verdade mais ampla. Talvez tenha sido apenas essa noção, a árida esperança nela contida, o que sentiu naquele começo

de tarde enquanto seguiam rumo ao mar, sem nunca atingi-lo.

Ao chegar, encontraram escavadeiras, uma total ausência de árvores, a habitual geometria hierática e, finalmente, sacolejando pelo caminho em espiral ainda não asfaltado, uma massa líquida de contornos bem desenhados, o lago Inverarity. No centro, numa ilhota feita de entulho e lambida por ondinhas azuis, acocorava-se o clube, reprodução corpulenta em estilo *art nouveau* de algum cassino europeu, onde não faltavam as ogivas e os ornamentos de metal recobertos de patina. Édipa se apaixonou por ele à primeira vista. A turma dos Paranóicos desceu atabalhoadamente do carro, trazendo os instrumentos musicais e olhando em volta como se procurassem tomadas sob a areia branca trazida em caminhões. Édipa apanhou no porta-malas do Impala uma cesta cheia de sanduíches de berinjela e queijo parmesão que comprara num restaurante italiano de beira de estrada, enquanto Metzger fazia surgir uma enorme garrafa térmica com tequila *sour*. Seguiram todos desorganizadamente pela praia até uma pequena marina para uso dos proprietários de barcos cujos lotes não davam para o lago.

“Ei, gente”, gritou Dean ou talvez Serge, “vamos pegar uma lancha.”

“Oba, oba!”, exclamaram as garotas.

Metzger cerrou os olhos e tropeçou numa velha âncora. “Por que você está andando por aí de olhos fechados?”, perguntou Édipa.

“Apropriação indébita, talvez eles precisem de um advogado”, respondeu Metzger. Em meio aos barcos alinhados ao longo do embarcadouro como porquinhos mamando, ouviu-se um rosnado seguido de uma nuvem de fumaça, indicando que os Paranóicos de

fato haviam dado partida na lancha de alguém. “Vamos embora, pessoal”, eles chamaram. De repente, a uns doze barcos de distância, surgiu um vulto coberto com um encerado de plástico azul, que disse: “Baby Igor, preciso de ajuda”.

“Conheço essa voz”, disse Metzger.

“Rápido”, disse o encerado azul, “deixa eu pegar uma carona com vocês.”

“Depressa, anda, gente”, gritaram os Paranóicos.

“Manny Di Presso”, disse Metzger, com cara de quem não está muito feliz da vida.

“Teu amigo, o ator-advogado”, Édipa lembrou-se.

“Ei, não fala tão alto”, disse Di Presso, esgueirando-se pelo cais em direção a eles com toda a agilidade que pode ter um cone de plástico. “Eles estão vendo tudo. De binóculos.” Metzger ajudou Édipa a descer para a embarcação prestes a ser seqüestrada, um trimarã de alumínio de dezessete pés chamado *Godzilla II*, e tentou segurar a mão de Di Presso; mas só pegou plástico e, ao puxar, a cobertura caiu, aparecendo Di Presso por inteiro numa roupa de mergulho e óculos escuros.

“Eu explico tudo”, ele disse.

“Ei”, gritaram da praia duas vozes quase em uníssono, o som chegando abafado até eles. Surgiu correndo um homem atarracado, cabelos cortados à escovinha, pele queimada de sol e também usando óculos escuros, um de seus braços dobrado como uma asa, a mão enfiada no paletó à altura do peito.

“As câmeras estão rodando?”, perguntou Metzger secamente.

“Isso é pra valer”, gaguejou Di Presso, “vamos dar o fora.” Os Paranóicos soltaram as amarras, afastaram o *Godzilla II* do cais, fizeram a volta e, em meio aos vivas da tripulação, saíram mais rápido do que um morcego fugindo do inferno, quase jogando Di Presso pela borda da popa. Olhando para trás, Édipa pôde ver que outro homem de porte semelhante se juntara ao que os perseguia. Ambos usavam ternos cinza. Não dava para ver se carregavam armas.

“Deixei meu carro no outro lado do lago” disse Di Presso, “mas sei que ele mandou alguém ficar vigiando.”

“Ele quem?”, perguntou Metzger.

“O Anthony Giunghierace”, respondeu Di Presso em tom funéreo, “também conhecido como Tony Jaguar.”

“Quem?”

“Ah, *sfacim*”, deu de ombros Di Presso, cuspiendo na esteira da lancha. Os Paranóicos cantavam, seguindo a melodia de “Adestes Fideles”:

Ei, cidadão honesto, roubamos o seu barco,

Ei, cidadão honesto, roubamos o seu barco...

Estavam se esbaldando, tentando empurrar uns aos outros para dentro d’água. Édipa encolheu-se num canto e ficou observando Di Presso. Se, como Metzger lhe dissera, Di Presso havia de fato representado o papel dele num filme-piloto para uma série de televisão, a escolha dos atores tinha sido típica de Hollywood: não se

pareciam em nada.

“Então”, disse Di Presso, “você não sabe quem é Tony Jaguar? Figurão da Cosa Nostra, isso é o que ele é.”

“Você é um ator”, disse Metzger. “Como foi se meter com eles?”

“Voltei a trabalhar como advogado”, respondeu Di Presso. “Ninguém vai comprar aquele filme, Metz, a menos que você faça alguma coisa espetacular, como o Darrow. Despertando o interesse do público, quem sabe com uma defesa sensacional.”

“Me diga como.”

“Por exemplo, ganhando a ação que eu estou fazendo contra o espólio do Pierce Inverarity”, disse Di Presso. Metzger, apesar de seu autocontrole, arregalou os olhos. Di Presso riu e deu-lhe um tapa no ombro: “E isso mesmo, meu amigo”.

“Tem certeza? Então é melhor você falar também com a outra inventariante.” Apresentou Édipa e Di Presso levantou polidamente os óculos escuros. De repente o ar ficou frio, o sol se escondeu. Os três olharam para cima assustados, estavam prestes a bater no prédio pintado de verde-claro que se erguia acima deles com suas grandes janelas em forma de ogiva, os enfeites florais de ferro forjado, o sólido silêncio, a impressão de estar esperando por eles. Dean, o Paranóico que controlava o leme, fez uma manobra perfeita e encostou o barco num pequeno desembarcadouro de madeira, onde todos desceram e Di Presso dirigiu-se nervosamente para uma escada externa. “Quero ver como está meu carro”, disse. Édipa e Metzger, carregando o material de piquenique, subiram atrás dele, enveredaram por uma sacada que os levou ao lado ensolarado do edifício, escalaram uma escadinha de ferro e foram parar no teto. Era

como se estivessem andando sobre a superfície de um tambor: ouviam as reverberações de seus passos dentro do prédio vazio e os gritos de prazer dos Paranóicos. Di Presso, sua roupa de mergulho brilhando ao sol, engatinhou até o topo de uma cúpula. Édipa estendeu a toalha e serviu os drinques em copinhos de plástico branco. “Ainda está lá”, disse Di Presso, descendo, “tenho que me mandar.”

“Quem é o teu cliente?”, perguntou Metzger passando-lhe uma tequila *sour*.

“O cara que está atrás de mim”, concedeu Di Presso, segurando entre os dentes o copinho, que lhe cobria o nariz, e olhando para eles com um ar maroto.

“Você costuma correr de seus clientes?”, perguntou Édipa. “Costuma fugir de ambulâncias?”

“Ele está querendo um dinheiro emprestado desde que eu lhe disse que não ia conseguir nenhum adiantamento por conta de uma solução amigável da ação.”

“Então você está preparado para perder”, ela disse. “Não estou levando fé”, Di Presso admitiu. “E, se nem consigo pagar as prestações do Jaguar XKE que comprei num momento de loucura, como é que posso emprestar algum dinheiro?”

“Esse momento já vem durando uns trinta anos, não é?”, disse Metzger em tom irônico.

“Não sou maluco a ponto de não saber quando as coisas vão mal. E o Tony Jaguar está na pior, meus amigos. Basicamente por causa das dívidas de jogo, mas corre por aí que ele está sendo chamado para se explicar com os chefões locais. Não estou precisando desse

tipo de problema.”

Édipa lançou-lhe um olhar fulminante: “Você é bem egoísta, hem?”.

“A Cosa Nostra está sempre alerta”, disse Metzger em tom apaziguador, “de olho. E mau negócio ajudar alguém que a organização não quer que seja ajudado.”

“Eu tenho parentes na Sicília”, disse Di Presso num sotaque cômico de italiano. Surgindo contra o céu brilhante por trás das torrezinhas, coruchéis e condutos de ventilação, os Paranóicos e suas amigas lançaram-se sobre os sanduíches de berinjela. Metzger sentou-se em cima da garrafa térmica para não ter de repartir a bebida. Começara a ventar.

“Me fala sobre a ação”, disse Metzger, usando as duas mãos para tentar manter o cabelo no lugar.

“Você já examinou os livros do Inverarity. Conhece o negócio dos filtros Beaconsfield”, disse Di Presso, enquanto Metzger fazia um trejeito de boca sem se comprometer.

“Carvão de ossos”, Édipa lembrou.

“Pois é. Meu cliente, o Tony Jaguar, diz que forneceu uns ossos e o Inverarity nunca pagou. Esse é que é o caso.”

“Olha, sem conhecer os detalhes”, disse Metzger, “isso não parece coisa do Inverarity. Ele era muito escrupuloso com relação a esse tipo de pagamentos. A menos que fosse um suborno. Eu só cuidava das deduções legais de impostos, por isso não saberia de nada se fosse algo assim. Para que empreiteira teu cliente trabalha?”

“Empreiteira, é?”, disse Di Presso piscando o olho.

Metzger olhou em volta. Os Paranóicos e as garotas pareciam estar longe demais para ouvi-los. “Ossos humanos, certo?”, perguntou, enquanto Di Presso confirmava com a cabeça. “Está bem, era assim que ele conseguia o material. As empreiteiras que construíam estradas na região, aquelas em que o Pierce tinha participação, ganhavam os contratos. Tudo muito certinho, Manfredo. Se corria dinheiro por baixo, duvido que haja algum registro.”

“Por favor, me expliquem”, pediu Édipa. “Como é que uma empreiteira tem condições de vender ossos?”

“As vezes é necessário atravessar um cemitério antigo”, Metzger explicou, “como no caso da auto-estrada a leste de San Narciso. O cemitério não tinha o menor direito de estar lá, então foi só desencavar o troço todo, nenhum problema.”

“Nem suborno nem auto-estrada”, retrucou Di Presso, sacudindo a cabeça. “Esses ossos vieram da Itália. Uma simples venda. Alguns deles”, continuou, gesticulando em direção ao lago, “estão lá embaixo, enfeitando o fundo para a turma do mergulho. É isso que eu estava fazendo hoje, examinando a mercadoria em disputa. Pelo menos até que o Tony começou a me caçar. O resto dos ossos foi usado na fase de pesquisas do projeto dos filtros, lá por volta dos anos 50, antes que se falasse em câncer. O Tony Jaguar diz que recolheu tudo do fundo do lago di Pietà.”

“Meu Deus”, disse Metzger quando o nome acendeu uma luzinha em sua cabeça. “Ossos de soldados americanos?”

“Quase uma companhia inteira”, disse Manny Di Presso. O lago di Pietà ficava perto da costa do Tirreno, entre Nápoles e Roma, e

fora palco de uma batalha agora esquecida (trágica em 1943) numa área que ficou isolada durante o avanço sobre Roma. Ao longo de várias semanas, um bom número de soldados americanos, cercados e sem comunicação com o exterior, amontoaram-se na margem estreita de um lago plácido e transparente enquanto os alemães, do alto dos penhascos que se elevavam vertiginosamente acima da pequena praia, os mantinham sob fogo cerrado dia e noite. A água do lago era gélida: quem tentava nadar morria antes de alcançar uma margem segura. Não havia árvores com que construir jangadas. Não passava por lá nenhum avião, exceto um ou outro Stuka com as metralhadoras abertas. É incrível que tão poucos homens houvessem resistido por tanto tempo. Cavaram buracos tão profundos quanto o permitia o solo rochoso da praia; alguns grupos de soldados fizeram incursões galgando os penhascos, mas poucos voltaram, embora certa feita tivessem chegado a tomar de assalto um ninho de metralhadoras. As patrulhas de reconhecimento tentaram encontrar vias de escape, mas seus raros sobreviventes nada tinham a anunciar. Fizeram tudo para escapar; não conseguindo, agarraram-se à vida enquanto puderam. Morreram todos, um a um, estupidamente, sem deixar vestígio ou uma única palavra. Certo dia os alemães desceram os penhascos e os soldados rasos empurraram para o lago todos os corpos encontrados na praia, junto com as armas e os equipamentos que não mais serviam a qualquer das partes. Pouco depois os corpos afundaram e lá ficaram até o início dos anos 50, quando Tony Jaguar, que sabia de tudo por ter servido como cabo numa unidade italiana incorporada às tropas alemãs no lago di Pietà, decidiu ver, com a ajuda de alguns companheiros, o que era possível recuperar. Tudo que trouxeram do fundo foram os ossos.

Com base num raciocínio algo turvo, para o qual teriam contribuído o fato de que os turistas americanos, cada dia mais numerosos, pareciam dispostos a desembolsar bons dólares em troca de qualquer coisa; as histórias sobre o cemitério de Forest Lawn em Los Angeles e o culto dos americanos a seus mortos; quem sabe uma vaga esperança de que o senador McCarthy e seus seguidores, tendo por essa época alcançado uma certa ascendência sobre os ricos *cretini* do outro lado do mar, dariam outra vez atenção aos heróis da Segunda Guerra Mundial, sobretudo àqueles cujos corpos nunca tinham sido encontrados; enfim, em meio a um labirinto de suposições, Tony Jaguar decidiu que certamente poderia desovar sua colheita de ossos em algum lugar dos Estados Unidos, através de seus contatos com a “família”, então conhecida como Cosa Nostra. E tinha razão. Uma firma de exportação-importação comprou os ossos e revendeu-os a um fabricante de fertilizantes, que talvez tenha usado um ou dois fêmures em testes de laboratório antes de resolver concentrar suas atividades em torno da farinha de arenque, transferindo as várias toneladas restantes para uma firma que as manteve por um ano num depósito nos subúrbios de Fort Wayne, Indiana, até que a Beaconsfield se interessasse pelo produto.

“Aha!”, exclamou Metzger. “Então foi a Beaconsfield que comprou os ossos. E não o Inverarity. Ele só tinha ações da Osteólise, a companhia que criaram para desenvolver o filtro. Não tinha qualquer participação na Beaconsfield.”

“Vocês sabem, pessoal”, observou uma das garotas, uma belezinha de cintura fina e cabelos castanhos que usava uma malha preta e mocassins de ponta fina, “é muito estranho, mas isso tudo faz lembrar um bocado aquela peça inglesa doidona, uma história de

vingança passada no século XVII, que vimos na última semana.”

“A *tragédia do mensageiro*”, disse Miles. “Ela tem razão. Sabe como é, o mesmo troço esquisito. Ossos de um batalhão desaparecido que foram jogados num lago, pescados de volta, transformados em carvão...”

“Eles estavam escutando”, exclamou Di Presso, “esses garotos estavam ouvindo tudo que nós falávamos. O tempo todo tem alguém escutando, espionando; põem microfones no apartamento da gente, gravam as conversas de telefone...”

“Mas nós não vamos repetir o que ouvimos. Nenhum de nós fuma esses cigarros Beaconsfield. Aqui todo mundo só queima fumo”, disse outra das garotas. Risada geral. Mas não era piada: Leonard, o baterista, meteu a mão no bolso do roupão de banho e puxou um punhado de cigarros de maconha, que distribuiu entre os companheiros. Metzger fechou os olhos, virou a cabeça de lado e murmurou: “Posse de entorpecentes”.

“Socorro”, disse Di Presso, olhando apavorado para o lago. Outra lancha tinha aparecido e rumava na direção deles. Dois vultos vestidos de cinza agachavam-se atrás do pára-brisa. “Metz, vou dar no pé. Se ele parar aqui, não cria caso, é meu cliente”, disse Di Presso, desaparecendo escada abaixo. Édipa, com um suspiro, deitou-se de costas e ficou olhando para o céu vazio e azul, enquanto o vento continuava a soprar. Logo se ouviu o motor da *Godzilla II* sendo ligado.

“Metzger”, ocorreu a ela, “ele está levando o barco? Então estamos ilhados.”

E assim ficaram até bem depois que o sol se pôs, quando Miles,

Dean, Serge, Leonard e as garotas, erguendo seus baseados para que as brasas formassem alternadamente as letras S e O, tal como nos jogos de futebol americano os alunos levantam retângulos de papelão para soletrar o nome da universidade, conseguiram atrair a atenção da Força de Segurança das Lagunas Fangoso. uma guarnição de vigilantes noturnos composta de atores de faroeste aposentados e ex-motociclistas da polícia de Los Angeles. Tinham passado o tempo escutando as canções dos Paranóicos, bebericando, servindo pedaços de sanduíche de berinjela a um bando de gaivotas pouco inteligentes que haviam confundido as Lagunas Fangoso com o Pacífico e tentando entender o enredo da *Tragédia do mensageiro*, de Richard Wharfinger, tornado praticamente ininteligível por oito memórias que progressivamente se perdiam em regiões tão difíceis de mapear quanto as espirais de fumaça que subiam dos baseados. Ficou tudo tão confuso que, no dia seguinte, Édipa resolveu ver ela própria a peça, e até convenceu Metzger a acompanhá-la.

A tragédia do mensageiro estava sendo levada por um grupo de San Narciso chamado A Turma do Tanque, sendo o tal tanque um pequeno teatro de arena situado entre uma firma de planejamento de trânsito e uma fábrica de duvidosos transistores, que não existia há um ano e não existiria no ano seguinte, mas que nesse meio tempo estava vendendo mais barato até do que os japoneses e fazia um dinheirão. Édipa e o relutante Metzger entraram numa sala meio vazia, que não chegou a se encher até o início da peça. Mas o figurino era lindo, a iluminação imaginativa e, embora a pronúncia dos atores fosse uma mistura bárbara de inglês teatral e sotaques do Meio-Oeste americano, após cinco minutos Édipa descobriu-se totalmente imersa no clima maléfico que Richard Wharfinger criara para suas

platéias do século XVII, tão pré-apocalípticas, mórbidas, sensualmente fatigadas, comoventemente despreparadas para aquele abismo frio e profundo da guerra civil em que cairiam poucos anos depois.

Ângelo, o malvado duque de Squamuglia, assassinara uns dez anos antes o duque da vizinha Faggio envenenando na capela da corte os pés de uma imagem de são Narciso, bispo de Jerusalém, que o bondoso nobre costumava beijar todos os domingos durante a missa. Isso permite que seu cruel filho bastardo, Pasquale, assumo o poder como regente até a maioridade do meio irmão, Niccolò, legítimo herdeiro do duque e o moço bom da peça. Pasquale obviamente não tem a menor intenção de deixá-lo viver até lá. Mancomunado com o duque de Squamuglia, Pasquale monta um plano para eliminar o jovem Niccolò, sugerindo-lhe uma brincadeira de esconder em que Niccolò terminaria por enfiar-se no cano de um enorme canhão; um subordinado acenderia então a mecha e o rapazinho seria pulverizado, como Pasquale recorda pesaroso no terceiro ato:

Chuva de sangue a irrigar os campos

Em meio ao canto orgíaco do enxofre

E do salitre a voz enlouquecida.

De fato pesaroso, pois o subordinado, um simpático conspirador chamado Ercole, está secretamente ligado aos grupos dissidentes na corte de Faggio que desejam manter Niccolò vivo e consegue colocar um cabritinho no canhão, retirando o jovem do palácio ducal

disfarçado de idosa alcoviteira.

Fica-se sabendo disso na primeira cena, quando Niccolò confia sua história a um amigo, Domenico. Niccolò a essa altura já é um rapagão e circula pela corte do assassino de seu pai, o duque Ângelo, fazendo-se passar por mensageiro especial da família Thurn und Taxis, que à época detinha o monopólio dos correios em quase todo o Sacro Império Romano Germânico. Ostensivamente, sua missão consiste em abrir um novo mercado, pois o maligno duque de Squamuglia, apesar das tarifas mais baixas e do serviço mais rápido oferecidos pelo sistema Thurn und Taxis, recusava-se teimosamente a empregar outros mensageiros que não seus próprios homens para comunicar-se com seu títere Pasquale na vizinha Faggio. Na realidade, é claro, Niccolò está apenas esperando uma oportunidade para vingar-se do duque.

Enquanto isso, o cruel duque Ângelo planeja unir os ducados de Squamuglia e Faggio fazendo com que a única mulher de sangue real disponível, sua irmã Francesca, se case com Pasquale, o usurpador de Faggio. O único obstáculo a esse casamento decorre do fato de que Francesca é a mãe de Pasquale, tendo sido sua relação ilícita com o bondoso ex-duque de Faggio uma das razões pelas quais Ângelo o envenenara. Há uma divertida cena em que Francesca tenta delicadamente lembrar ao irmão os tabus sociais contra o incesto. Ângelo retruca que ela aparentemente esqueceu-se de tais tabus durante os dez anos em que *eles mesmos* vêm mantendo um caloroso *affair*. Incesto ou não, o casamento tem de ocorrer, é vital para seus planos políticos de longo prazo. A Igreja nunca o aprovará, diz Francesca. Se isso acontecer, responde o duque Ângelo, tratarei de subornar um cardeal. Enquanto segue a conversa, ele começa a

acariciar a irmã e mordiscar-lhe o pescoço; o diálogo ganha os tons febris do desejo incontrollável e a cena se encerra com ambos atirando-se em cima de um divã.

O ato termina com Domenico, a quem no início o ingênuo Niccolò confiara seu segredo, tentando obter uma audiência com o duque Ângelo para trair o amigo querido. O duque, naturalmente, está em plena ação em seus aposentos, por isso Domenico só consegue ter acesso a um assistente administrativo, que não era outro senão o Ercole que já salvara uma vez a vida de Niccolò e o ajudara a escapar de Faggio. Confessa isso a Domenico, mas não sem antes haver induzido o delator a curvar-se e enfiar tolamente a cabeça numa curiosa caixa preta, sob o pretexto de mostrar-lhe um diorama pornográfico. Um torno de metal imediatamente prende a cabeça do pérfido Domenico e a caixa preta abafa seus gritos de socorro. Ercole amarra seus pés e mãos com cordões de seda escarlate, deixa-o saber com quem se meteu, enfia na caixa um torquês, arranca a língua de Domenico, dá-lhe algumas estocadas, derrama na caixa um jarro de água-régia e enumera os outros padecimentos, incluindo a castração, que Domenico sofrerá antes que lhe seja permitido morrer, tudo isso em meio aos guinchos guturais da vítima que, debatendo-se desesperadamente, tenta rezar sua última oração. Com a língua espetada em seu espadim, Ercole corre para um archote preso à parede, põe fogo nela e, sacudindo-a no ar com gestos tresloucados, fecha o ato urrando:

Emasculado agora tu serás,

Pois aqui represento o Paracleto

E a ti, discípulo de Satanás,

Será dado o destino de um inseto.

As luzes se apagaram e, no silêncio que se seguiu, alguém do outro lado da platéia deixou escapar um distinto “blé”.

“Quer ir embora?”, perguntou Metzger.

“Quero ver a parte dos ossos”, disse Édipa.

Teve de esperar até o quarto ato. O segundo foi quase todo consagrado à longa tortura e finalmente à morte de um príncipe da Igreja que prefere o martírio a abençoar o casamento de Francesca com seu filho. Uma das interrupções ocorre quando Ercole, observando a agonia do cardeal, envia emissários aos inimigos de Pasquale em Faggio e os aconselha a espalhar a notícia de que o usurpador planeja casar-se com a própria mãe, imaginando que isso provocaria certo mal-estar na opinião pública; a outra interrupção se dá na cena em que Niccolò, conversando à toa com um mensageiro do duque Ângelo, ouve a história da Guarnição Perdida, um grupo de uns cinquenta cavaleiros escolhidos a dedo, a fina flor da juventude de Faggio, que servira como guarda pessoal do bom duque. Certo dia em que faziam manobras perto da fronteira com a Squamuglia, sumiram todos sem deixar vestígio e pouco depois o bondoso nobre foi envenenado. O honesto Niccolò, com a dificuldade habitual de ocultar seus sentimentos, observou que, se houvesse uma vinculação entre os dois eventos e ambos pudessem ser atribuídos ao duque Ângelo, era melhor que ele se cuidasse. O outro mensageiro, um tal de Vittorio, fica ofendido e, num aparte para a platéia, promete que comunicará essa perfídia ao duque Ângelo na primeira

oportunidade. Entrementes, de volta à câmara de tortura, o cardeal está sendo obrigado a consagrar seu próprio sangue derramado num cálice, não a Deus, mas ao Demônio. Cortam-lhe também um dedão do pé e o obrigam a erguê-lo como uma hóstia, dizendo “Esse é meu corpo”, ao que o espirituoso Ângelo comenta ser esta a primeira vez em que o cardeal fala algo parecido com a verdade após cinquenta anos de mentiras sistemáticas. Na essência, trata-se de uma cena bastante anticlerical, talvez destinada a agradar os puritanos da época (gesto inútil, pois nenhum deles jamais ia ao teatro por considerá-lo, sabe-se lá por que, imoral).

O terceiro ato passa-se na corte de Faggio, quando Pasquale é morto ao final de um levante provocado pelos agentes de Ercole. Enquanto prosseguem os combates nas ruas próximas ao palácio, Pasquale tranca-se em sua aristocrática estufa e comanda uma bacanal. Participa dos folguedos um ardente gorila amestrado, trazido de recente viagem às índias. Naturalmente, trata-se de alguém fantasiado de macaco que, a um sinal, salta do lustre sobre Pasquale, ao mesmo tempo em que meia dúzia de travestis, que até então se faziam passar por bailarinas, correm de todos os cantos do palco em direção ao usurpador. Nos dez minutos seguintes, o grupo de vingadores dedica-se, entre outras coisas, a mutilar, estrangular, envenenar, queimar, pisar e cegar Pasquale, que descreve em detalhes suas diversas sensações para gáudio da platéia. Morre enfim em meio a pavoroso sofrimento e entra em cena um tal de Gennaro, figura totalmente apagada que se proclama chefe de Estado provisório até que possa ser localizado Niccolò, o legítimo duque.

No intervalo, Metzger cambaleou até o diminuto saguão para fumar e Édipa foi ao banheiro. Procurou em vão o símbolo que vira

aquela noite no Escopo, mas surpreendentemente não havia uma única inscrição nas paredes. Não sabia dizer exatamente por que, mas sentiu-se ameaçada pela ausência dessa tentativa mínima de comunicação que caracteriza os banheiros públicos.

Ao se abrir o quarto ato, encontramos o vil duque Ângelo em meio a um ataque de nervos depois de saber do golpe em Faggio e da possibilidade de que Niccolò, afinal de contas, possa estar vivo em algum lugar. Chegara a ele a informação de que Gennaro estava organizando um exército para invadir Squamuglia, bem como o rumor de que o papa encontrava-se prestes a intervir por causa do assassinato do cardeal. Cercado de traição por todos os lados, o duque dá ordens a Ercole, de cujo verdadeiro papel ainda não desconfia, para finalmente convocar o mensageiro de Thurn und Taxis, acreditando que não pode mais confiar em seus próprios homens. Ercole traz Niccolò para que aguarde as instruções do duque. Lançando mão de pena, pergaminho e tinta, o duque explica à platéia — mas não aos mocinhos da peça, que ainda desconhecem os recentes acontecimentos — a necessidade de manifestar prontamente a Gennaro suas boas intenções a fim de evitar a invasão pelas tropas de Faggio. Enquanto escreve, faz alguns comentários críticos e desordenados sobre a tinta que está usando, dando a entender que se trata de um fluido muito especial. Por exemplo:

Negro líquido, a “encre” dos gauleses,

Qual âncora do fundo foste erguida.

E:

*Arrancou-se do cisne a oca pluma,
Do cordeiro infeliz a tenra pele;
Mas aquilo que flui sedoso e negro
Da pena ao pergaminho foi colhido
De muitos animais que a morte uniu.*

Tudo isso o diverte enormemente. Terminada e selada a mensagem para Gennaro, Niccolò a enfia em seu gibão e parte para Faggio, ainda sem saber, tal qual Ercole, do levante e de sua iminente restauração como legítimo duque de Faggio. A ação se desloca para Gennaro, à frente de um pequeno exército a caminho de Squamuglia. As longas conversas giram em torno do fato de que, se Ângelo deseja a paz, deveria enviar-lhes um emissário antes que cheguem à fronteira, pois de outro modo, com grande relutância, vão ter de transformá-lo em picadinho. Retorna a ação para Squamuglia, onde Vittorio, o mensageiro de Ângelo, relata ao duque as palavras traiçoeiras de Niccolò. Alguém chega com a notícia de que foi achado o corpo mutilado de Domenico, o amigo infiel de Niccolò; mas, escondida em seu sapato, havia uma mensagem rabiscada com sangue revelando a verdadeira identidade de Niccolò. Ângelo tem um acesso apoplético de ódio e dá ordens para que ele seja perseguido e eliminado. Mas não por seus próprios homens.

É nesse ponto da peça, em verdade, que as coisas se tornam realmente esquisitas, e um sopro frio, uma certa ambigüidade, começa a insinuar-se nas palavras. Até então tudo era dito de forma

literal ou por metáforas. Mas agora, quando o duque dá sua ordem fatal, surge um modo novo de expressão. Só pode ser definido como uma espécie de relutância ritual. Certas coisas, torna-se claro, não serão ditas em voz alta, certos acontecimentos não serão mostrados no palco, embora seja difícil imaginar, após os excessos dos atos anteriores, quais possam ser essas coisas. O duque não quer, talvez não pode, nos esclarecer. Berrando com Vittorio, é bastante explícito com relação a quem *não* deve perseguir Niccolò: chama seus próprios guarda-costas, na frente deles, de canalhas, idiotas e poltrões. Quem seriam, então, os encarregados da perseguição? Vittorio sabe, todos aqueles lacaios de libré, vagabundeando pela corte e trocando olhares significativos entre si, também sabem. Trata-se de um segredo de polichinelo. As audiências daquele tempo sabiam. Ângelo sabe, mas não diz. Quando chega mais perto de fazê-lo, suas palavras não são suficientemente esclarecedoras:

Que o vil usurpador de honrado nome

Conserve seu disfarce até a cova.

A ele brindaremos com punhais

Nas ágeis mãos daqueles que, sedentos,

Anseiam dia e noite por vingança.

Ao mais leve sussurro deste nome,

Que Niccolò roubou sem piedade,

Terão fim cruel que bem merece,

As profundas do inferno está fadado.

De volta a Gennaro e seu exército. Um espião chega de Squamuglia e diz que Niccolò está vindo na direção deles. Grande regozijo, em meio ao qual Gennaro, que prefere discursar a conversar, implora a todos que se lembrem de que Niccolò ainda cavalga sob as cores de Thurn und Taxis. Cessam as exclamações de alegria. De novo, como na corte de Ângelo, sente-se uma curiosa sensação de calafrio. Todos em cena (obviamente seguindo as instruções do diretor) tornam-se conscientes de alguma possibilidade. Gennaro, ainda menos esclarecedor do que Ângelo, invoca para Niccolò a proteção de Deus e de São Narciso. Todos retomam a cavalcada. Gennaro pergunta a um tenente onde estão e fica sabendo que se encontram a mais ou menos uma légua do lago onde a Guarnição Perdida de Faggio foi vista antes de seu misterioso desaparecimento.

Enquanto isso, no palácio de Ângelo, a sorte do astuto Ercole chega ao fim. Abordado por Vittorio e meia dúzia de outros homens, é acusado de assassinar Domenico. Testemunhas se apresentam, há um simulacro de julgamento, e Ercole, numa cena de refrescante simplicidade, cai perfurado por inúmeros golpes de punhal.

Na cena seguinte Niccolò é visto pela última vez. Parou para descansar às margens de um lago onde, como se recorda de ter ouvido, a Guarnição de Faggio desaparecera. Sentando-se sob uma árvore, abre a carta de Ângelo e por fim toma conhecimento do levante e da morte de Pasquale. Compreende que o espera a restauração, o amor de todos os seus súditos no ducado, a realização de suas mais justas esperanças. Encostando-se no tronco, lê em voz alta parte da carta, comentando com sarcasmo as óbvias mentiras destinadas a acalmar Gennaro até que Ângelo possa reunir seu

próprio exército para invadir Faggio. Fora do palco ouve-se o ruído de passos. Niccolò levanta-se de um salto, olhando em direção a um dos corredores radiais do teatro, a mão crispada no punho da espada. Estremece e não consegue falar, gaguejando apenas o que talvez seja a mais curta linha jamais escrita em versos brancos: “T-t-t-t-t...”. Como se vencesse uma paralisia de pesadelo, começa a recuar, cada passo um enorme esforço. De repente, num silêncio macio e terrível, com a leveza de bailarinos, três figuras esbeltas e efeminadas, usando malhas e luvas pretas, as cabeças cobertas por meias de seda também pretas, chegam saltitando no palco e param, olhando fixamente para ele. Por trás das meias, suas faces parecem sombrias, deformadas. Elas esperam. As luzes se apagam.

De volta a Squamuglia, Ângelo tenta em vão organizar um exército. Desesperado, reúne os cortesãos e as mulheres bonitas que restaram, tranca ritualmente todas as saídas, ordena que se traga vinho e dá início a uma orgia.

O ato termina com as tropas de Gennaro agrupadas às margens do lago. Um soldado se apresenta e informa que um corpo, identificado como sendo o de Niccolò pelo tradicional amuleto posto em volta de seu pescoço quando criança, foi encontrado num estado pavoroso demais para ser descrito. Outra vez faz-se silêncio e todos se entreolham. O soldado entrega a Gennaro um rolo de pergaminho, manchado de sangue, que fora achado junto ao corpo. Pelo selo pode-se ver que é a carta de Ângelo que Niccolò trazia. Gennaro passa os olhos na carta, tem um sobressalto e a lê em voz alta. Não mais se tratava do mentiroso documento que Niccolò havia lido em parte, tendo-se transmudado milagrosamente numa longa confissão feita por Ângelo de todos os seus crimes. Termina com a revelação do

que realmente aconteceu com a Guarnição Perdida de Faggio. Eles tinham sido — grande surpresa — massacrados por Ângelo até o último homem e jogados no lago. Mais tarde seus ossos foram trazidos do fundo e transformados em carvão; do carvão foi feita a tinta que Ângelo, com seu macabro senso de humor, usara em todas as comunicações subseqüentes com Faggio, inclusive no documento lido por Gennaro.

E agora aos ossos desses jovens puros

O sangue de Niccolò se mistura.

Mas deste matrimônio de inocências —

Miraculoso evento — nasce a luz:

De uma vida as mentiras se desnudam

E por fim a verdade vem à tona.

Nobres mortos de Faggio, durmam em paz!

Na presença do milagre, caem todos de joelhos, bendizem o nome de Deus, choram por Niccolò, juram que arrasarão Squamuglia. Mas Gennaro termina com uma nota de total desespero, provavelmente um verdadeiro choque para as platéias de então, porque finalmente pronuncia o nome que Ângelo omitira e Niccolò tentara revelar:

Aquele que por último avistamos

Portando a flâmula de Thurn und Taxis

Jamais retornará a seu torrão

Tácita para sempre a trompa de ouro:

Não há fada madrinha que proteja

Quem cruzou os caminhos de Tristero.

Tristero. A palavra ficou suspensa no ar ao final do ato, enquanto não se acendiam as luzes do teatro; suspensa, no escuro, para intrigar Édipa, mas não ainda para exercer sobre ela o poder que viria a ter.

O quinto ato, totalmente anticlimático, é tomado pelo banho de sangue que Gennaro inflige à corte de Squamuglia. Empregam-se todas as formas de morte violenta disponíveis ao homem da Renascença, incluindo um poço de soda cáustica, minas espalhadas pelo chão e um falcão amestrado de garras envenenadas. Como Metzger observou, parecia um desenho animado do Papaléguas em versos brancos. No final, o único personagem ainda de pé no palco coalhado de cadáveres era Gennaro, o insosso administrador.

Segundo o programa, o diretor da peça era um tal de Randolph Driblette, que também interpretava o papel do imbatível Gennaro. “Olha, Metzger”, disse Édipa, “vem comigo aos camarins.”

“Você conhece algum deles?”, perguntou Metzger, ansioso para ir embora.

“Quero verificar uma coisa. Preciso falar com Driblette.”

“Ah, sobre os ossos”, ele disse, com um ar pensativo.

“Não sei. Só que me deixou meio nervosa. As duas coisas assim tão parecidas.”

“Está bem”, disse Metzger, “e depois o que, vai fazer uma demonstração em frente à Agência dos Veteranos de Guerra? Uma marcha sobre Washington? Deus me livre”, continuou, falando para o teto do pequeno teatro e fazendo com que as cabeças de algumas pessoas que deixavam a sala se virassem na direção deles, “dessas mulheres liberadas e intelectuais de coração mole. Tenho trinta e cinco anos e já devia ter aprendido a essa altura.”

“Metzger”, Édipa sussurrou, envergonhada, “eu pertenço à Ala Jovem do Partido Republicano.”

“As histórias em quadrinhos do Hap Harrigan”, disse Metzger, em voz ainda mais alta, “que ela é muito criança para ler, o John Wayne nas tardes de sábado massacrando dez mil japoneses a dentadas, essa é que é a Segunda Guerra Mundial de dona Édipa Maas. Uma porção de gente hoje em dia dirige Volkswagens ou carrega no bolso da camisa um radinho Sony. Mas ela não, meus senhores, ela quer consertar o que houve de errado vinte anos depois de tudo acabado. Acordar os fantasmas. E só por causa de uma conversa de bêbados com o Manny Di Presso. Esquecendo que sua primeira responsabilidade, legal e moral, é para com o espólio que representa. E não para com nossos soldadinhos, por mais valentes que eles tenham sido ou onde quer que tenham morrido.”

“Não é nada disso”, ela protestou. “Não me importa o que a Beaconsfield usa em seus filtros. Não me importa o que o Pierce comprou da Cosa Nostra. Nem me interessa pensar nisso. Ou no que aconteceu no lago di Pietà, ou no câncer...”, continuou, procurando as palavras certas, sentindo-se vulnerável.

“Então o quê?”, Metzger perguntou em tom de desafio, pondo-se

de pé, crescendo acima dela. “O quê?”

“Não sei”, respondeu, com uma ponta de desespero. “Metzger, não me pressiona, fica do meu lado.”

“Contra quem?”, indagou Metzger, pondo os óculos escuros.

“Quero ver se existe alguma conexão. Estou curiosa.”

“É, você é muito curiosa. Vou esperar no carro, está bem?” Édipa seguiu-o com os olhos até que desaparecesse e saiu à procura dos camarins; deu duas voltas pelo corredor circular externo antes de decidir-se por uma porta no sombrio intervalo entre duas lâmpadas de teto. Penetrou num caos suave e elegante, uma impressão de emanções que interagiam entre si, como se as extremidades nervosas de cada um dos atores fossem antenas, irradiando ainda alguma mensagem inaudível.

Uma moça, removendo do rosto as manchas de sangue artificial, indicou-lhe uma área de espelhos fortemente iluminados. Édipa avançou entre bíceps cobertos de suor e cortinas momentâneas de longas cabeleiras jogadas para trás até chegar finalmente diante de Driblette, que ainda usava a indumentária cinzenta de Gennaro.

“Achei formidável”, disse Édipa.

“Sente só aqui”, disse Driblette estendendo o braço. Ela tocou em sua roupa e verificou que era de flanela. “A gente sua como um louco, mas nenhuma outra fazenda faria justiça ao personagem, não acha?”

Édipa concordou com a cabeça. Não podia tirar os olhos dos dele. Eram de um negro reluzente, cercados de rugas incrivelmente numerosas, como se formassem um labirinto de laboratório para estudar a inteligência das lágrimas. Pareciam saber o que Édipa

queria, mesmo se ela própria não o soubesse.

“Você veio conversar sobre a peça”, ele disse. “Gostaria de dissuadi-la de fazer isso. Foi escrita simplesmente para divertir o público. Como um filme de horror. Não é literatura, não significa nada. O Wharfinger não era nenhum Shakespeare.”

“Quem era ele?”

“E quem era Shakespeare? Já passou muito tempo.”

“Será que eu podia ler o texto?”, ela perguntou, sem saber ao certo o que estava procurando. Driblette fez sinal na direção de um armário de aço próximo ao único chuveiro.

“É melhor eu tomar banho logo antes que chegue a turma que gosta de jogar o sabonete no chão. Os textos estão na gaveta de cima.”

Mas lá só havia cópias rabiscadas de vermelho, usadas, rasgadas, manchadas de café. Não havia mais nada na gaveta. “Ei”, ela gritou para dentro do box do chuveiro, “onde está o original? De onde você tirou essas cópias?”

“De um livro de bolso”, Driblette gritou de volta. “Não me pergunte qual é a editora. Achei no sebo do Zapf, perto da auto-estrada. É uma antologia, *Peças sobre a vingança no período jacobita*. Tinha uma caveira na capa.”

“Você me empresta o livro?”

“Alguém pegou. Na festa de estréia. Perco pelo menos meia dúzia em cada uma dessas festas”, ele disse, enfiando a cabeça para fora do chuveiro. O resto do corpo estava envolto em vapor, fazendo com que sua cabeça boiasse como um estranho balão. Cuidadoso, olhando

para ela com ar de quem está se divertindo muito, continuou: “Havia outro exemplar lá. Talvez o Zapf ainda o tenha. Sabe onde é a livraria?”.

Ela sentiu um repuxão nas vísceras, que dançou brevemente e desapareceu. “Você está me gozando?” Durante alguns momentos os olhos enrugados apenas a encararam.

“Por que está todo mundo tão interessado nos textos?”, Driblette enfim perguntou.

“Quem mais?”, ela atalhou, depressa demais. Talvez ele só estivesse falando em geral.

Driblette balançou a cabeça para a frente e para trás. “Não me envolvam em suas briguinhas acadêmicas, quem quer que vocês sejam”, ele disse, com um sorriso familiar. De repente, Édipa percebeu, os frios dedos do terror tocando sua pele, que era exatamente o mesmo olhar que ele instruía os atores a trocar sempre que surgia o tema dos assassinos de Tristero. O olhar sagaz que algum ser malévolo nos lança nos pesadelos. Ela decidiu perguntar o que significava.

“Isso constava das marcações cênicas? Todas aquelas pessoas obviamente partilhando de um segredo? Ou foi um toque seu?”

“A idéia é minha”, Driblette disse, “isso e o fato de que os três assassinos aparecem em cena no quarto ato. Wharfinger não os mostrava em nenhum momento.”

“Por que você fez isso? Tinha ouvido falar neles em algum outro lugar?”

“Você não entende”, disse, já irritado. “Vocês são iguais aos

puritanos com a Bíblia. Obcecados com palavras e mais palavras. Sabe onde é que aquela peça existe? Não é nesse armário nem no livro que você está procurando”, continuou, enquanto uma mão emergia do manto de vapor e apontava para sua cabeça, “é aqui. Essa é que é minha função. Dar substância ao espírito. As palavras, quem se importa com elas? São ruídos que precisam ser decorados para sustentar a ação, para vencer as barreiras ósseas que cercam a memória dos atores, não é mesmo? Mas a realidade está dentro *desta* cabeça. Da minha cabeça. Eu sou o projetor no planetário, todo aquele pequeno e fechado universo que é visível no palco está saindo da minha boca, dos meus olhos, às vezes também de outros orifícios.”

Mas ela não podia se satisfazer com isso. “O que fez você se afastar de Wharfinger com relação a essa coisa, esse Tristero?” Ao som da palavra, o rosto de Driblette foi subitamente tragado pelo vapor. Como se um interruptor tivesse sido desligado. Édipa não havia querido pronunciá-la. Ali, nos bastidores, ele tinha conseguido criar em torno da palavra a mesma aura de relutância ritual que existira no palco.

“Se eu me dissolvesse aqui”, especulou a voz que escapava das nuvens de vapor, “se escorresse pelo ralo em direção ao Pacífico, o que você viu hoje à noite também ia desaparecer. Você mesma, a parte de você que está tão preocupada, Deus sabe quanto, com aquele pequeno mundo, também ia desaparecer. Só sobrariam de fato as coisas sobre as quais Wharfinger não mentiu. Talvez Squamuglia e Faggio, se é que esses lugares existiram. Talvez o sistema de correios de Thurn und Taxis, que os colecionadores de selos me dizem que realmente existiu. Quem sabe o outro também. O

Adversário. Mas seriam vestígios, fósseis. Mortos, minerais, sem qualquer valor ou potencial.

“Você poderia se apaixonar por mim, conversar com meu analista, esconder um gravador no meu quarto, saber o que eu falo onde quer que esteja enquanto durmo. Quer fazer isso? Você poderia juntar várias pistas, desenvolver uma tese, ou muitas teses, sobre por que os personagens reagiram à possibilidade do Tristero da forma como reagiram, por que os assassinos apareceram em cena, por que usavam roupas pretas. Podia passar a vida toda fazendo isso sem nunca chegar perto da verdade. Wharfinger entrou com as palavras e uma história. Eu dei vida a elas. É só isso.” Calou-se. A água chapinhava no chão.

“Driblette?”, Édipa chamou passado algum tempo.

Seu rosto reapareceu por um momento. “Podíamos fazer isso”, ele disse, sem sorrir. Os olhos ficaram esperando, no centro de suas teias.

“Eu te telefono”, disse Édipa. Saiu e só do lado de fora deu-se conta de que tinha ido lá perguntar sobre os ossos e, em vez disso, haviam falado sobre a tal coisa do Tristero. No estacionamento quase deserto, vendo os faróis do carro de Metzger aproximar-se, perguntou-se se tinha sido um mero acaso.

O rádio do carro estava ligado. Édipa entrou e já haviam rodado uns três quilômetros quando reparou que, por um desses caprichos da recepção noturna, estavam captando a estação ADOF, lá de Kinneret, e que o disc-jóquei era seu marido, Mucho.

4

Embora Édipa tivesse visto Mike Fallopian outra vez e conseguisse seguir até certo ponto a trilha da *Tragédia do mensageiro*, nada disso foi mais inquietante do que as revelações que agora pareciam se acumular de forma exponencial, como se, a cada coisa que descobrisse, muitas outras viessem à tona, até que tudo o que via, cheirava, sonhava e lembrava de certo modo terminava por entrelaçar-se com o Tristero.

Para começar, releu com mais cuidado o testamento. Se realmente Pierce tentara deixar para trás algo organizado após sua morte, então ela tinha a obrigação — não é mesmo? — de soprar vida no que restava, de procurar ser o que Driblette era, o negro projetor no centro do planetário, dando um Significado à herança como quem acende uma estrela pulsante na imensa abóbada que a circundava. Mas eram tantos os obstáculos diante dela: seu total desconhecimento dos assuntos legais, de negócios, do mercado imobiliário, em última instância do próprio homem morto. A caução exigida pelo juiz talvez correspondesse à avaliação em dólares de todas as barreiras que se erguiam a sua frente. Na agenda, abaixo do símbolo que copiara no banheiro do Escopo, ela escreveu: *Devo projetar um mundo?* Se não, ao menos deveria iluminar na abóbada uma seta que deslizaria entre as constelações para traçar o contorno

do Dragão, da Baleia, do Cruzeiro do Sul. Qualquer coisa ajudaria.

Foi um sentimento desse tipo que a fez acordar bem cedo certa manhã para comparecer a uma reunião de acionistas da Yoyodyne. Não tinha nada a fazer lá, porém convenceu-se de que assim podia redimir parte de sua inércia. Entregaram-lhe no portão um crachá branco e redondo com a palavra “Visitante” e ela foi parar num enorme estacionamento junto a um edifício cor-de-rosa, de teto abaulado, com uns cem metros de comprimento. Era o restaurante da companhia e o local da reunião. Durante duas horas Édipa ficou sentada num longo banco entre dois homens idosos que poderiam ser irmãos gêmeos e cujas mãos (como se seus proprietários estivessem dormindo e aqueles apêndices cheios de verrugas e manchas sardentas explorassem paisagens de sonho) vinham pousar alternadamente nas coxas dela. Em torno dos acionistas, uma porção de garçons pretos carregavam imensos arsenais de purê, espinafre, camarão, abobrinha e carne assada para os longos balcões aquecidos de metal reluzente, preparando-se para enfrentar ao meio-dia a invasão dos empregados da Yoyodyne. Os assuntos de rotina tomaram uma hora e outra hora foi consagrada a uma cantoria de que participaram acionistas, seus procuradores e dirigentes da empresa. Seguindo a melodia do hino da Universidade Cornell, cantaram:

HINO

Bem acima das estradas de Los Angeles

E do som estridente dos motores,

Ergue-se a famosa Yoyodyne

E sua Divisão Galatrônica.

A ti juramos eterna lealdade,

Pavilhões cor-de-rosa brilhando com fulgor,

Qual palmeiras imperiais.

Foi o próprio presidente da companhia, o sr. Clayton (“Bloody”) Chiclitz, quem comandou o coro. Depois disso atacaram, com a melodia da “Aura Lee”:

CANÇÃO CÔMICA

A Bendix guia as ogivas até o alvo

Nos foguetes que a Avco produz.

A Douglas, a North American e a Grumman

Também pegam uma fatia desse bolo.

A Martin lança o míssil de uma rampa,

A Lockheed de um submarino nuclear.

Só nós não conseguimos um vintém

Pra fabricar um simples teco-teco.

A Convair acelera os satélites

Pra que entrem numa órbita circular,

E enquanto a Boeing produz o Minuteman

Não nos deixam nem ao menos decolar.

Yoyodyne, Yoyodyne,

Onde estão os teus contratos?

O Ministério da Defesa te ferrou

Por despeito, por despeito, sim senhor.

Seguiram-se dezenas de velhos sucessos de cujas letras ela não lembrava. Os cantores foram então organizados em pelotões para fazer uma rápida visita à fábrica.

Édipa, sem saber como, se perdeu. Estava olhando o modelo de uma cápsula em tamanho natural, na companhia tranqüilizadora de velhos sonolentos, quando de repente se viu sozinha em meio ao murmúrio fluorescente de um imenso escritório. Até onde a vista alcançava tudo era branco ou em cores pastel: as camisas dos homens, os papéis, as pranchetas. Sua única reação foi pôr os óculos escuros para se defender da luz intensa, esperando que alguém a socorresse. Mas ninguém reparou nela. Começou a vagar pelos corredores entre escrivaninhas pintadas de azul-claro, dobrando uma ou outra esquina. Ao som de seus sapatos altos, as cabeças se levantavam das mesas, os engenheiros a olhavam até que se afastasse, mas nenhum deles dirigiu-lhe a palavra. Passaram-se assim uns cinco ou dez minutos, o pânico crescendo dentro dela: era impossível sair daquele lugar. Então, por acaso (o dr. Hilarius, se perguntado, a acusaria de ter usado pistas subliminares no ambiente para guiá-la até determinada pessoa) ou sabe-se lá como, chegou perto de um certo Stanley Koteks, que usava óculos bifocais de aro de metal, sandálias e meias escocesas, parecendo à primeira vista moço demais para trabalhar na Yoyodyne. Como Édipa verificou, não estava trabalhando, mas apenas rabiscando com uma esferográfica

de ponta grossa este símbolo:



“Olá”, disse Édipa, espantada pela coincidência. Uma súbita inspiração fez com que acrescentasse: “O Kirby me disse para vir aqui”. Era o nome escrito na parede do banheiro. Tinha querido dar um tom de conspiração a suas palavras, mas saíram simplesmente ridículas.

“Oi”, disse Stanley Koteks, enfiando agilmente o grande envelope em que estava rabiscando numa gaveta aberta, que fechou em seguida. Olhou para o crachá pregado na roupa de Édipa e observou: “Você se perdeu, não é?”.

Ela sabia que qualquer pergunta direta, do tipo “Qual é o significado desse símbolo?”, não levaria a nada. Por isso, respondeu: “Só estou de visita. Sou uma acionista”.

“Acionista”, Koteks repetiu, olhando-a de cima abaixo enquanto puxava com o pé uma cadeira giratória da outra escrivaninha e a colocava diante de Édipa. “Sente-se. Você pode realmente influenciar as decisões da companhia, dar idéias que eles não vão simplesmente jogar na lata de lixo?”

“Posso”, Édipa mentiu, para ver até onde podiam chegar.

“Olha”, continuou Koteks, “se você puder diga a eles para acabar com essa cláusula sobre as patentes. Esse, minha senhora, é o meu cavalo de batalha.”

“As patentes?”, perguntou Édipa. Koteks explicou que cada engenheiro, ao assinar o contrato de trabalho com a Yoyodyne, cedia os direitos de patente com respeito a qualquer coisa que viesse a inventar.

“Isso acaba com os engenheiros realmente criativos”, disse Koteks, acrescentando com amargor, “onde quer que existam.”

“Não sabia que ainda existiam inventores”, disse Édipa, sentindo que isso o estimularia. “Quer dizer, quem é que apareceu depois do Thomas Edison? Não é tudo agora um trabalho de equipe?”, indagou, lembrando que Bloody Chiclitz, no discurso de boas-vindas daquela manhã, havia enfatizado o trabalho de equipe.

“Trabalho de equipe”, rosnou Koteks, “é uma boa expressão, é mesmo. E a melhor maneira de fugir à responsabilidade. Um sintoma da falta de coragem de toda a sociedade.”

“Deus meu”, disse Édipa, “deixam você falar assim?”

Koteks olhou para um lado e para o outro, puxando a cadeira para mais perto dela. “Você já ouviu falar da Máquina de Nefastis?”, perguntou, enquanto os olhos de Édipa se arregalavam. “Pois é, foi inventada pelo John Nefastis, que agora está na Universidade de Berkeley. John é um dos poucos sujeitos que ainda inventa coisas. Olha aqui, tenho uma cópia da patente”, continuou, tirando de uma gaveta um maço de fotocópias; a folha de cima mostrava uma caixa com a figura de um homem barbudo da era vitoriana desenhada na

frente e, saindo do topo, dois pistões ligados a um virabrequim e um volante.

“Quem é esse aí com a barba?”, perguntou Édipa. James Clerk Maxwell, explicou Koteks, um famoso cientista escocês que havia postulado a existência de uma minúscula inteligência, conhecida como o Demônio de Maxwell. O Demônio, sentado dentro de uma caixa em que as moléculas de ar se moviam aleatoriamente com velocidades diferentes, era capaz de separar as mais rápidas das mais lentas. As rápidas têm mais energia do que as lentas. Se um número suficiente das moléculas rápidas for concentrado num determinado lugar, a temperatura ali será maior. Pode-se então usar a diferença de temperatura entre essa parte mais quente e qualquer outra parte mais fria da caixa para acionar um motor. Como o Demônio fica sentado e só faz separar as moléculas, não é necessário introduzir nenhuma energia no sistema. Com isso, a Segunda Lei da Termodinâmica é violada, obtendo-se alguma coisa do nada e criando-se o moto-contínuo.

“E para separar não se gasta energia?”, disse Édipa. “Conta essa para o pessoal dos correios, eles vão te mandar dentro de um saco para Fairbanks, Alaska, sem nem botar a etiqueta de FRÁGIL.”

“É um trabalho mental, e não no sentido termodinâmico” Koteks disse, explicando como a Máquina de Nefastis continha realmente um Demônio de Maxwell. Bastava olhar fixo para a fotografia de Clerk Maxwell e se concentrar em que cilindro, direito ou esquerdo, você queria que o Demônio aumentasse a temperatura. O ar então se expandia e empurrava o pistão. A célebre fotografia da Sociedade para a Propagação do Saber Cristão, mostrando o perfil direito de Maxwell, parecia ser a que dava melhores resultados.

Édipa, por trás dos óculos escuros, olhou cuidadosamente em volta, procurando não mover a cabeça. Ninguém prestava atenção neles: o ar-condicionado continuava a ronronar, as máquinas de escrever IBM matraqueavam baixinho, as cadeiras giratórias gemiam, os grossos volumes de referência fechavam-se com estrondo, os papéis de desenho farfalhavam ao serem dobrados e desdobrados, enquanto lá no alto os longos e silenciosos tubos de luz fluorescente brilhavam alegremente. Tudo na Yoyodyne era normal. Exceto ali, onde Édipa Maas, com mil pessoas para escolher, chegara sem que ninguém a coagisse à presença da loucura.

“Obviamente, não é todo mundo que faz a coisa funcionar”, continuou Koteks, cada vez mais animado. “Só as pessoas que têm o dom. Os ‘sensitivos’, como John os chama.”

Édipa empurrou os óculos para o meio do nariz e deu umas pestanejadas, imaginando que um charminho podia ajudá-la a escapar daquela conversa de louco: “Você acha que eu seria uma boa sensitiva?”.

“Quer mesmo tentar? Você podia escrever para ele. O John conhece muito poucos sensitivos. Ia deixar você tentar.”

Édipa abriu sua agenda na página em que copiara o símbolo e escrevera a frase *Devo projetar um mundo?* “Caixa Postal 573”, ele disse.

“Em Berkeley.”

“Não”, retrucou Koteks com uma voz esquisita, fazendo-a levantar a cabeça subitamente demais, embora a essa altura, impelido por seus pensamentos, ele já houvesse acrescentado: “Em San Francisco. Não há nenhum...”, percebendo então que cometera

um erro. “Ele está morando lá pelas bandas da Telegraph Avenue”, balbuciou, “eu te dei o endereço errado.”

Ela resolveu arriscar. “Quer dizer que o endereço da MOITA não serve mais?”, perguntou, mas pronunciando como uma palavra, moita. O rosto de Koteks se fechou numa fria máscara de desconfiança. “É M.O.I.T.A., minha senhora, um acrônimo, e não ‘moita’. E é melhor a gente parar por aí.”

“Eu vi isso num banheiro de mulheres”, ela confessou. Koteks, porém, não estava mais interessado em conversa fiada.

“Esquece”, aconselhou, abrindo um livro e se desligando dela.

Édipa, é claro, certamente não ia esquecer de nada. O envelope onde Koteks estava rabiscando o que ela começou a considerar como o “símbolo da MOITA” tinha sido enviado, sem dúvida, por John Nefastis. Ou por alguém como ele. Suas suspeitas foram fortalecidas por ninguém menos do que Mike Fallopian, da Sociedade Peter Pinguíd.

“Com certeza esse Koteks faz parte de uma rede clandestina”, Mike lhe disse alguns dias depois, “talvez uma rede de gente meio doida, mas como criticá-los por estarem um pouco amargurados? E só ver o que está acontecendo com eles. Na escola, como todos nós, tomam uma lavagem cerebral para acreditar no Mito do Inventor Americano — Morse e seu telégrafo, Bell e seu telefone, Edison e sua lâmpada, Tom Swift e seu isso ou aquilo. Um único homem por invenção. Quando se tornam adultos, descobrem que têm de assinar um contrato cedendo todos os seus direitos para um monstro como a Yoyodyne; acabam presos a um ‘projeto’, um ‘grupo de trabalho’ ou uma ‘equipe’ e começam a ser moídos até o anonimato. Ninguém

quer que inventem nada, só têm de cumprir sua pequena função num ritual de planejamento, está tudo descrito direitinho no manual de rotinas. Já pensou, Édipa, se ver sozinho dentro de um pesadelo desses? Naturalmente se juntam, mantêm contato uns com os outros. Sabem sempre reconhecer uma alma irmã. Talvez só aconteça uma vez de cinco em cinco anos, mas, seja como for, imediatamente se reconhecem.”

Metzger, que a acompanhara ao Escopo naquela noite, quis argumentar: “Você é tão direitista que acaba caindo na esquerda. Como é que pode ser contra uma companhia que exige que os empregados abram mão do direito de patente? Isso está me cheirando à teoria da mais-valia, meu caro, você fala como se fosse um marxista”. A medida que foram ficando bêbados, esse diálogo típico da Califórnia do Sul deteriorou-se ainda mais. Édipa ficou sentada no seu canto, melancólica. Havia decidido ir naquela noite ao Escopo não apenas por causa do encontro com o Stanley Koteks, mas também devido a outras revelações, porque começava a surgir uma trama relacionada com os correios e a entrega de correspondência.

Na outra margem do lago, nas Lagunas Fangoso, havia uma placa de bronze com a seguinte indicação histórica:

Neste local, em 1853, doze homens do Wells, Fargo lutaram bravamente contra um grupo de bandidos mascarados que usavam misteriosos uniformes pretos. Devemos essa descrição a um dos tripulantes da diligência postal, única testemunha do massacre, que morreu logo depois. O outro indício foi uma cruz,

traçada no chão por uma das vítimas. Até hoje a identidade dos assassinos permanece envolta em mistério.

Uma cruz? Ou a inicial T? A mesma balbuciada por Niccolò na *Tragédia do mensageiro*? Édipa ficou remoendo essa possibilidade. Chamou Randolph Driblette de um telefone público para saber se ele conhecia o incidente com a diligência do Wells, Fargo, se tinha sido por isso que vestira seus assassinos de preto. A campainha tocou e tocou no vazio. Ela desligou e se dirigiu para o sebo do Zapf. Ele próprio emergiu de um pálido cone de luz, produzido por uma lâmpada de quinze watts, e ajudou-a a procurar o livro de bolso que Driblette mencionara, *Peças sobre a vingança no período jacobita*.

“Está tendo uma boa saída”, disse Zapf. A caveira na capa os encarava na luz mortiça.

Será que ele se referia apenas ao Driblette? Abriu a boca para perguntar, mas calou-se. Era somente a primeira de muitas hesitações futuras.

De volta à Morada de Eco, como Metzger fora passar o dia em Los Angeles para cuidar de outros assuntos, Édipa procurou imediatamente a única menção à palavra Tristero. Na margem do verso, escrito a lápis, ela leu *Cf. variante, ed. 1687*, talvez a anotação de algum estudante. Sentiu-se vagamente reconfortada. Outra versão daquele verso poderia contribuir para iluminar a sombria face da palavra. Segundo o breve prefácio, o texto se baseara numa edição *in fólho*, sem data. Estranhamente, não constava o nome do autor do prefácio. Examinou a página onde figuram os direitos autorais e descobriu que a edição original de capa dura tinha sido um livro

escolar, intitulado *Peças de Ford, Webster, Tourneur e Wharfinger*; publicado pela Lectern Press, de Berkeley, Califórnia, em 1957. Encheu meio copo de Jack Daniels (de uma garrafa que os Paranóicos lhes haviam deixado na noite anterior) e telefonou para a biblioteca pública de Los Angeles. Não tinham a edição de capa dura, mas disseram que poderiam tentar obtê-la por empréstimo de outra biblioteca. “Olha, a editora é de Berkeley, talvez eu possa conseguir diretamente com eles”, disse Édipa, tendo-lhe ocorrido uma idéia. Pensando também que poderia fazer uma visita a John Nefastis.

Ela só havia descoberto a placa histórica porque certo dia voltara, deliberadamente, ao lago Inverarity, movida por aquela crescente obsessão de contribuir com algo de si própria — nem que fosse apenas sua presença — para a massa informe de negócios que Pierce deixara atrás de si. Queria ordená-los, criar constelações. No dia seguinte visitou o Refúgio do Entardecer, um abrigo de velhos que Inverarity havia fundado à época em que a Yoyodyne se instalara em San Narciso. Na sala de recreação, a luz do sol parecia penetrar por todas as janelas. Um homem muito idoso cochilava diante de um desbotado desenho animado de Leon Schlesinger, enquanto uma mosca preta passeava despreocupadamente na clareira rosada e caspenta que repartia seus cabelos. Uma gorda enfermeira entrou correndo com uma bomba de inseticida e, aos gritos, deu ordens à mosca para que levantasse vôo a fim de que ela pudesse matá-la. O astuto inseto tratou de ficar onde estava. “Você está incomodando o senhor Thoth” ela insistiu em voz estentórea. Despertando com um sobressalto, o sr. Thoth deslocou a mosca, que partiu desesperada rumo à porta. A enfermeira saiu em seu encalço com rajadas de inseticida.

“Olá”, disse Édipa.

“Estava sonhando”, disse-lhe o sr. Thoth, “com meu avô. Era muito velho, pelo menos tão velho quanto eu sou agora, com meus noventa e um anos. Quando eu era criança, achava que ele sempre tinha tido noventa e um anos. Agora”, continuou, com uma risada, “eu é que me sinto como se tivesse tido noventa e um anos a vida toda. Ah, as histórias que ele contava. Nos tempos da corrida do ouro ele trabalhava como mensageiro do Pony Express. O cavalo dele se chamava Adolf, eu me lembro disso.”

Édipa, já de prontidão e pensando na placa de bronze, caprichou num sorriso de netinha e perguntou: “Ele alguma vez teve de lutar com bandidos?”.

“Ele era durão”, disse o sr. Thoth, “matou muitos índios. Puxa, chegava a babar quando falava nisso. Acho que era a parte que ele mais gostava, matar os índios.”

“E seu sonho era sobre ele?”

“Ah, o sonho”, ele respondeu meio sem jeito, apontando para a televisão. “Estava tudo misturado com um desenho do Porcolino. Você sabe, isso aí acaba entrando nos sonhos da gente. O máquina infernal. Você viu aquele do Porcolino e do anarquista?”

Na verdade, tinha, mas disse que não.

“O anarquista está todo vestido de preto. No escuro, só dá para ver os olhos dele. Foi feito lá pelos anos 30. O Porcolino era bem jovem naquela época. Soube pelas crianças que agora ele tem um sobrinho, o Cícero. Você lembra durante a guerra, quando o Porcolino trabalhava numa fábrica de armas? Ele e o Pernalonga. Esse também era bom.”

“Todo vestido de preto”, disse Édipa, incentivando-o.

“No sonho estava meio misturado com os índios”, ele tentou lembrar-se, “os índios que usavam penas pretas, que não eram índios de verdade. Meu avô me contou. As penas eram brancas, mas esses índios falsos queimavam os ossos e passavam as penas no carvão para elas ficarem pretas. Assim não podiam ser vistos no escuro, porque eles atacavam de noite. Por isso é que meu avô, Deus o guarde, soube que não eram índios. Nenhum índio ataca de noite. Se morresse, sua alma ia ficar penando no escuro para sempre. Coisa de gente pagã.”

“Se não eram índios”, Édipa perguntou, “então o que que eles eram?”

“Um nome espanhol”, disse o sr. Thoth, franzindo a testa, “um nome mexicano. Ah, não consigo me lembrar. Será que escreveram no anel?”, continuou, remexendo num saco de tricô que estava ao lado de sua cadeira, de onde tirou um novelo de lã azul, agulhas, moldes e, finalmente, um anel de sinete em ouro fosco. “Meu avô arrancou isso do dedo de um bandido que ele matou. Você consegue imaginar um homem de noventa e um anos tão cruel?”

Édipa arregalou os olhos. O desenho gravado no anel era, outra vez, o símbolo da MOITA.

Olhou a sua volta, estranhando aqueles raios de sol que entravam por todas as janelas, como se estivesse no centro de um complexo cristal, e disse: “Meu Deus”.

“É, eu sinto a presença dele alguns dias”, disse o sr. Thoth, “dependendo da temperatura e da pressão barométrica. Sabe disso? Sinto ele bem pertinho de mim.”

“Seu avô?”

“Não, meu Deus.”

Daí ela ter ido procurar Mike Fallopian, que devia entender muito do Pony Express e do Wells, Fargo se estava escrevendo um livro sobre a história dos correios. Entender, entendia, mas não sabia nada sobre seus sombrios adversários.

“Claro que já encontrei umas indicações vagas. Escrevi para as autoridades estaduais em Sacramento sobre aquela placa histórica, mas os burocratas estão há meses passando minha carta de mão em mão. Algum dia vão me indicar uma fonte bibliográfica que dirá: ‘Segundo a tradição oral...’. É isso que chamam de documentação histórica, uma baboseira tipicamente californiana. Aposto que o autor já morreu. Não há como retornar às origens do relato, a menos que você siga uma correlação acidental, como a que conseguiu com o velho.”

“Você acha que é realmente uma correlação?”, Édipa perguntou, pensando quão tênue ela era, como um longo fio de cabelo branco que se estendesse por mais de um século. Dois homens muito idosos. Todas aquelas cansadas células cerebrais entre ela e a verdade.

“Bandidos sem nome, sem rosto, vestidos de preto. Provavelmente contratados pelo governo federal. A repressão naquela época era muito violenta.”

“Não pode ser um serviço rival?”

Fallopian sacudiu os ombros. Édipa mostrou-lhe o símbolo da MOITA e ele mais uma vez deu de ombros.

“Estava aqui mesmo no Escopo, Mike, no banheiro das

mulheres.”

“Mulheres. Quem sabe o que se passa na cabeça delas?” Caso Édipa tivesse prestado atenção num outro verso da peça de Wharfinger, talvez houvesse achado sozinha a conexão seguinte. Mas, na verdade, foi ajudada por um certo Genghis Cohen, o mais eminente filatelista da área de Los Angeles. Metzger, seguindo as instruções constantes do testamento, contratara o simpático perito de voz anasalada para inventariar e avaliar a coleção de selos de Inverarity, recebendo para isso uma comissão baseada no valor que viesse a estimar.

Numa manhã chuvosa em que a névoa cobria a piscina, estando Metzger outra vez fora da cidade e os Paranóicos fazendo uma gravação sabe-se lá onde, Édipa recebeu uma chamada de Genghis Cohen, cuja agitação era evidente até mesmo através do telefone.

“Encontrei algumas irregularidades, dona Maas. A senhora podia vir até aqui?”

Seguindo pela estrada escorregadia, Édipa de algum modo sabia que as “irregularidades” tinham a ver com a palavra Tristero. Quando uma semana antes Metzger recolheu os álbuns de selos do cofre onde estavam guardados e os levou para entregar a Cohen no seu Impala, ela nem se interessou em ver o que havia neles. Mas agora deu-se conta, como se a chuva o tivesse murmurado, de que Cohen podia saber sobre os correios privados tudo aquilo que Mike Fallopian não sabia.

Quando Cohen abriu a porta do apartamento, que também servia como escritório, Édipa o viu emoldurado por uma longa sucessão de portas, quarto após quarto se abrindo na direção geral de Santa

Mônica, todos banhados na luz chuvosa do dia. Genghis Cohen tinha um ligeiro resfriado, sua braguilha estava semi-aberta e vestia uma camiseta de propaganda do Barry Goldwater. Os instintos maternos de Édipa foram imediatamente despertados. Num quarto situado no primeiro terço do apartamento, Cohen convidou-a a sentar-se numa cadeira de balanço e trouxe um genuíno vinho de dente-de-leão feito em casa, servido em delicados copinhos de cristal.

“Colhi os dentes-de-leão num cemitério, há dois anos. Agora o cemitério já não existe mais, removeram tudo para construir a auto-estrada a leste de San Narciso.”

A essa altura, Édipa já era capaz de reconhecer sinais desse tipo assim como, para um epilético, a chegada do ataque é anunciada por um aroma, uma cor, um som puro e penetrante. Mais tarde, é apenas desse sinal, simples escória, desse pré-aviso corriqueiro que ele se lembra, e não daquilo que foi revelado durante o ataque. Édipa perguntou-se se, quando tudo terminasse (se é que terminaria), ela também não ia ficar apenas com a lembrança acumulada dos indícios, prenúncios e insinuações, e nunca com a verdade central, talvez ofuscante demais para que sua memória a pudesse reter; uma verdade que a cada vez escaparia num clarão de fogo, destruindo irrevogavelmente sua própria mensagem e deixando um espaço em branco, como um filme superexposto, quando a vida cotidiana retornava. No curto espaço de um gole de vinho de dente-de-leão, ocorreu-lhe que jamais saberia quantas vezes já sofrerá um desses ataques ou como apreendê-lo se acontecesse novamente. Quem sabe neste último segundo... Mas era impossível dizer. Olhou a sucessão de quartos na luz incerta da chuva e pela primeira vez entendeu como seria fácil perder-se dentro de tudo aquilo.

“Tomei a liberdade”, Genghis Cohen estava dizendo, “de entrar em contato com um Comitê de Peritos. Ainda não enviei para eles os selos em questão, aguardando sua autorização e, naturalmente, a do doutor Metzger. No entanto, estou certo de que os honorários podem correr por conta do espólio.”

“Não sei se estou entendendo bem.”

“Se me permite”, ele continuou, empurrando na direção dela uma mesinha. De dentro de um envelope de celofane tirou delicadamente com uma pinça um selo comemorativo americano, o Pony Express de 1940, no valor de três centavos e de cor castanho-avermelhada. Tinha o carimbo de cancelamento. “Olha”, ele disse, acendendo uma pequena lâmpada de foco intenso e lhe passando uma lente de aumento retangular.

“Está do lado errado”, ela disse, enquanto Cohen passava cuidadosamente um algodão embebido em benzina no selo antes de colocá-lo sobre um tabuleiro preto.

“A filigrana.”

Édipa examinou com atenção. Lá estava, outra vez, o símbolo da MOITA, em tinta preta, ligeiramente à direita do centro.

“O que é isso?”, perguntou, quebrando um silêncio que não sabia quanto tempo durara.

“Não estou seguro”, disse Cohen. “Por isso é que preciso ter a opinião do comitê sobre este selo e alguns outros. Uns amigos meus vieram aqui dar uma olhada, mas estão todos muito reticentes. O que acha disso?” Do mesmo envelope de celofane retirou com a pinça o que parecia ser um velho selo alemão, com os números 1/4 no centro, a palavra *Freimarke* no alto e, ao longo da borda direita, a

inscrição *Thurn und Taxis*.

“Eles eram”, disse Édipa, recordando-se da peça de Wharfinger, “uma espécie de correio privado, não é?”

“Mais ou menos de 1300 até que Bismarck os comprou em 1867, dona Maas, eram simplesmente o único correio da Europa. Esse é um dos raros selos adesivos que lançaram. Mas repare nos cantos.”

Decorando cada um dos cantos, Édipa viu uma trompa com uma única espiral. Quase idêntica ao símbolo da MOITA. “Uma trompa postal”, Cohen disse, “o símbolo do Thurn und Taxis. Fazia parte do brasão deles.”

Tácita para sempre a trompa de ouro, Édipa lembrava-se do verso. Claro. “Então, essa filigrana que você encontrou é quase igual, a não ser por aquela coisa que parece sair da boca da trompa.”

“Parece ridículo”, disse Cohen, “mas acho que é uma surdina.”

Édipa concordou com a cabeça. As roupas pretas, o silêncio, a atmosfera de segredo. Quem quer que fossem, seu objetivo era emudecer a trompa postal de Thurn und Taxis.

“Normalmente, esses selos, assim como os outros, não têm filigranas e, considerando outras características, como o sombreado do desenho, o número de perfurações e o modo pelo qual o papel envelheceu, trata-se sem dúvida de uma falsificação. Não de um simples erro.”

“Então não vale nada.”

Cohen sorriu, assoou o nariz. “A senhora ficaria surpresa de saber quanto vale uma boa falsificação. Alguns colecionadores se especializam nisso. A pergunta é, quem fez essas falsificações? Elas

são atrozés.” Virou o selo e, com a ponta da pinça, mostrou a Édipa. A imagem representava um cavaleiro do Pony Express saindo de um forte do Oeste. Acima dos arbustos que ficavam à direita, talvez na direção em que cavalgava o mensageiro, surgia uma única e cuidadosamente desenhada pena preta. “Qual a razão desse erro proposital?”, perguntou Cohen sem ligar, se é que o notou, para o olhar pasmo de Édipa. “Até agora encontrei oito ao todo. Cada um deles tem um erro como esse, laboriosamente inserido no desenho, como uma provocação. Há até uma troca de letras, *correias* em vez de correios, imagine só.”

“E é coisa recente?”, Édipa deixou escapar, falando mais alto do que era necessário.

“Algo de errado, dona Maas?”

Édipa falou-lhe inicialmente da carta de Mucho, com o carimbo recomendando que toda a correspondência obscena fosse comunicada ao agente de *correias*.

“Estranho”, Cohen concordou. “A troca de letras”, continuou, consultando um caderno de notas, “só ocorre no selo Lincoln de quatro centavos. Emissão normal, de 1954. As outras falsificações remontam a 1893.”

“São setenta anos”, ela disse. “O falsário tinha que ser muito velho.”

“Se fosse o mesmo. Quem sabe isso vem do tempo do Thurn und Taxis. Omedio Tassis, banido de Milão, organizou o primeiro serviço de mensageiros na região de Bérgamo por volta de 1290.”

Ficaram em silêncio, ouvindo a chuva tamborilar nas janelas e clarabóias, confrontados por inteiro com aquela maravilhosa

possibilidade.

“Isso já aconteceu antes?”, ela foi forçada a perguntar.

“Uma tradição de oitocentos anos de fraude postal? Que eu saiba, não.” Édipa contou-lhe então tudo sobre o anel de sinete do velho Thoth, sobre o símbolo que surpreendera Stanley Koteks rabiscando e sobre a trompa com a surdina desenhada no banheiro de mulheres do Escopo.

“Seja o que for”, Cohen comentou quase superfluamente, “eles parecem estar ainda muito ativos.”

“Contamos tudo ao governo, ou o quê?”

“Tenho certeza de que eles sabem mais do que nós”, ele respondeu com um ar nervoso, como se de repente quisesse bater em retirada. “Não, eu não faria isso. Não temos nada a ver com a coisa, não é mesmo?”

Édipa perguntou-lhe então sobre as iniciais M.O.I.T.A., mas de algum modo era tarde demais. Já o perdera. Ele disse que não, mas tão abruptamente fora de sintonia com os pensamentos dela que poderia até estar mentindo. Serviu mais um pouco de vinho de dente-de-leão.

“Está mais claro agora”, ele disse, em tom bastante formal. “Há alguns meses ficou muito turvo. Você sabe, na primavera, quando os dentes-de-leão começam outra vez a brotar, o vinho sofre uma fermentação. Como se lembrasse.” Não, pensou Édipa, com tristeza. Como se o cemitério onde floresceram ainda existisse, numa terra em que ainda se pudesse caminhar, em que a auto-estrada a leste de San Narciso não fosse necessária, onde os ossos pudessem descansar em paz, alimentando fantasmas de dente-de-leão, sem ninguém para

desenterrá-los. Como se os mortos realmente perdurassem, mesmo numa garrafa de vinho.

5

Sua primeira providência deveria ter sido entrar em contato outra vez com Randolph Driblette, mas Édipa decidiu ir antes a Berkeley. Queria descobrir onde Wharfinger encontrara a informação sobre Tristero. Talvez pudesse também verificar como o inventor John Nefastis recebia sua correspondência.

Tal como acontecera com Mucho ao partir de Kinneret, Metzger não pareceu ficar desesperado quando ela anunciou a viagem. Dirigindo rumo ao Norte, ficou na dúvida se dava um pulo em casa na ida ou na volta. Ao perder a saída para Kinneret, o problema ficou resolvido. Seguiu sem pressa pela margem oriental da baía, depois subiu as colinas de Berkeley e por volta da meia-noite chegou num vasto hotel de vários andares, em estilo barroco alemão, a decoração puxada a grossos tapetes verdes, corredores em curva e lustres de cristal. Um anúncio no saguão dizia BEM-VINDOS À SEÇÃO CALIFORNIANA DA SOCIEDADE AMERICANA DOS SURDOS-MUDOS. A iluminação era assustadoramente feérica, mas reinava um silêncio profundo no hotel. Um empregado pulou de trás do balcão onde dormia e dirigiu-se a ela através de sinais. Édipa pensou em fazer um O com o polegar e o indicador para ver como ele reagia. Mas tinha dirigido sem parar e, de repente, o cansaço se abateu sobre ela. Atravessando corredores que faziam curvas suaves como as ruas

de San Narciso, todos envolvidos no mais absoluto silêncio, o empregado a levou até um quarto onde havia uma reprodução de um quadro de Remedios Varo. Dormiu quase imediatamente, mas acordou várias vezes em meio a um pesadelo que tinha a ver com alguma coisa no espelho em frente à cama. Nada de específico, só uma possibilidade, nada que pudesse ver. Quando por fim caiu de vez no sono, sonhou que estava tendo relações sexuais com Mucho numa praia de areias brancas e fofas que não fazia parte de nenhuma Califórnia que ela conhecesse. Acordou de manhã já sentada na cama, olhando no espelho seu rosto exausto.

Encontrou a Lectern Press num pequeno edifício de escritórios na Shattuck Avenue. Não tinham em estoque as *Peças de Ford, Webster, Toumeur e Wharfinger*, mas, aceitando seu cheque no valor de doze dólares e cinqüenta centavos, deram-lhe o endereço do depósito em Oakland e um recibo para entregar ao gerente. Já era de tarde quando recebeu o livro. Folheou-o rapidamente em busca do verso que a levara até lá. E, na luz fraturada pelas folhas de uma árvore, Édipa ficou petrificada. O dístico dizia:

Não há fada madrinha que proteja

Quem a sanha de Angelo desperta.

“Não!”, protestou em voz alta. “O certo é *Quem cruzou os caminhos de Tristero*”.

A anotação a lápis no livro de bolso mencionava uma variante, mas ele era suposto ser uma simples reprodução do livro de capa dura que Édipa tinha agora em suas mãos. Intrigada, reparou que

nessa edição havia uma nota de rodapé:

De acordo com a edição in-quarto de 1687. Na edição in-fólio anterior, o último verso está coberto por uma tira de chumbo. D'Amico sugere que Wharfinger talvez houvesse feito uma comparação caluniosa envolvendo alguma figura importante da corte, de tal forma que a “restauração” posterior teria sido obra do impressor, Inigo Barfstable. Na discutível versão “Whitechapel” (de cerca de 1670) lê-se “Deste fado tão triste, rotundo fracasso”, o que, além de introduzir um insólito alexandrino, faz pouco sentido sintático, a menos que se aceite a explicação pouco ortodoxa mas persuasiva de J. K. Sale de que o verso representa um jogo de palavras para exprimir indiretamente a palavra “tristero”. Cumpre assinalar, entretanto, que isso não altera a mediocridade do verso, pois não se conhece o verdadeiro significado da palavra “tristero”, a menos que seja uma variante pseudo-italianizada de triste (miserável, depravado). Todavia, a edição “Whitechapel”, além de ser um fragmento, contém, como mencionamos anteriormente, muitos versos deformados e provavelmente espúrios, não podendo assim ser usada como fonte fidedigna.

Então, Édipa perguntou-se, onde é que o livro de bolso que comprei no Zapf foi buscar seu verso sobre “Tristero”? Teria havido outra edição, além da *in-quarto*, da *in-fólio* e do fragmento de “Whitechapel”? O prefácio do editor, dessa vez assinado por um certo Emory Bortz, professor de literatura inglesa na Universidade da Califórnia em Berkeley, não mencionava nenhuma outra edição.

Édipa passou quase uma hora vasculhando todas as notas de rodapé, sem nada encontrar.

“Merda”, falou em voz alta, ligando o carro e partindo para Berkeley em busca do professor Bortz.

Deveria ter atentado para a data de publicação do livro — 1957. Outro mundo. A moça no Departamento de Literatura Inglesa informou Édipa de que o professor Bortz não pertencia mais à faculdade. Estava agora lecionando na Universidade de San Narciso, em San Narciso, Califórnia.

Óbvio, pensou Édipa, fazendo uma careta, onde mais poderia estar? Copiou o endereço e saiu, tentando lembrar em vão o nome da editora que havia publicado o livro de bolso.

Era verão, um dia de semana e o meio da tarde, três boas razões para que o campus da universidade estivesse vazio. Mas não ali. Édipa desceu a colina onde ficava o Wheeler Hall, atravessou o Sather Gate e entrou num pátio cheio de pernas nuas ou cobertas de veludo cotelê e jeans, cabelos louros, óculos com armação de tartaruga, aros de bicicleta brilhando ao sol, bolsas com livros, mesas de armar pouco sólidas, longas petições que iam quase até o chão, pôsteres em favor de associações com iniciais incompreensíveis, tais como FSM, YAF e VDC, espuma de sabonete na fonte, estudantes em animados *tête-à-tête*. Atravessou tudo aquilo carregando seu grosso livro, atraída, insegura, uma estranha, querendo se sentir parte do ambiente mas sabendo quantas escolhas entre universos alternativos isso implicava. Porque ela tinha se formado numa época de cinzenta placidez e introspecção, não apenas entre os estudantes, mas em quase toda a estrutura visível à volta deles como reflexo, em nível

nacional, de certas patologias nos altos escalões que só a morte tinha sido capaz de curar; e esta Berkeley não se parecia em nada com a sonolenta Siwash que freqüentara, lembrando muito mais aquelas universidades da Ásia e da América Latina que se conhece através de leituras, aqueles centros autônomos de cultura onde as mais sagradas crenças podem ser questionadas, onde a mais cataclísmica contestação encontra respaldo, onde se pode até optar por caminhos suicidas — aquele tipo de coisas que derruba governos. Mas a língua que ela ouvia, enquanto cruzava o Bancroft Way entre crianças louras e o ronronar das Hondas e das Suzukis, era o inglês, o inglês falado nos Estados Unidos da América. Onde estariam os secretários de Estado James e Foster, o senador Joseph, aquelas divindades meio tantãs que haviam dominado a amena juventude de Édipa? Em outro mundo. Seguindo outros trilhos, havendo tomado outras decisões, os anônimos sinaleiros que antes abriam e fechavam os desvios foram todos transferidos, desertaram, debandaram, refugiaram-se na loucura, a cavalo, bêbados, fanatizados, usando pseudônimos, mortos, impossíveis de serem reencontrados. Mas, todos juntos, haviam conseguido transformar a jovem Édipa numa criatura certamente especial, incapaz talvez de participar de marchas e demonstrações políticas, mas uma verdadeira perita na caça a palavras estranhas em textos jacobitas.

Parou o Impala num posto de gasolina da Telegraph Avenue e encontrou no catálogo telefônico o endereço de John Nefastis. Dirigiu-se então para um edifício em estilo pseudomexicano, procurou seu nome nas caixas de correspondência, subiu uma escada externa e caminhou ao longo de uma série de janelas fechadas com cortinas até chegar à porta de seu apartamento. Ele tinha o cabelo

cortado à escovinha e parecia tão jovem quanto Koteks, mas vestia uma camisa com motivos polinésios que vinha dos tempos do governo Truman.

Apresentando-se, Édipa invocou o nome de Stanley Koteks. “Ele disse que você saberia se eu sou ou não uma ‘sensitiva’.”

A televisão estava mostrando um bando de gente moça dançando uma espécie de watusi. “Gosto de ver esses programas”, ele explicou. “As garotas nessa idade têm algo de especial.”

“Meu marido também acha”, Édipa disse. “Compreendo perfeitamente.”

John Nefastis sorriu para ela, com um jeito simpático, e trouxe a Máquina de um escritório nos fundos. Era bem parecida com o desenho na patente. “Sabe como funciona?”

“O Stanley me deu uma boa idéia da coisa.” Surpreendentemente, ele começou a falar de algo chamado entropia. A palavra o incomodava tanto quanto “Tristero” incomodava Édipa. Mas a explicação era técnica demais para ela. Conseguiu entender que havia dois tipos de entropia. Uma se relacionava com os motores movidos a calor, a outra com a comunicação. Nos anos 30, as equações referentes às duas pareciam muito semelhantes. Era pura coincidência. Não havia qualquer relação entre os dois campos, exceto num ponto: o Demônio de Maxwell. Enquanto o Demônio separava as moléculas quentes das frias, dizia-se que o sistema estava perdendo entropia. Mas, de algum modo, essa perda era compensada pela informação que o Demônio obtinha sobre a posição de cada molécula.

“A comunicação é o elemento-chave”, disse Nefastis

animadamente. “O Demônio transmite sua informação para o sensitivo, que deve pagar na mesma moeda. Há bilhões e bilhões de moléculas naquela caixa. O Demônio coleta informações sobre cada uma delas. Em algum nível psíquico profundo ele consegue comunicar isso. O sensitivo deve receber esse volume inimaginável de energia e devolver a mesma quantidade de informação. Para manter o sistema funcionando. No dia-a-dia, tudo que se vê é um pistão se movendo. Um movimento pequeno quando comparado com toda aquela massa complexa de informações, que é destruída a cada ciclo da operação.”

“Socorro”, disse Édipa, “não estou entendendo nada.”

“A entropia, digamos assim, é uma figura de linguagem”, suspirou Nefastis, “uma metáfora. Liga o mundo da termodinâmica com o mundo do fluxo de informações. A Máquina se serve de ambos. O Demônio faz com que a metáfora seja não apenas verbalmente elegante, mas também objetivamente verdadeira.”

“Mas, e se o Demônio”, ela disse, sentindo-se uma herege, “só existir porque as duas equações se parecem? Por causa da metáfora?”

Nefastis sorriu, impenetrável, tranqüilo, um crente. “Ele existiu para Clerk Maxwell muito antes de surgir a metáfora.” Todavia, será que Clerk Maxwell tinha sido tão fanático sobre a realidade de seu Demônio? Ela olhou para a imagem colada à caixa. Clerk Maxwell estava de perfil e se recusava a encará-la diretamente. A testa era redonda e lisa; tinha uma curiosa protuberância na parte de trás da cabeça, coberta de cabelos encaracolados. O olho visível parecia sereno e circunspecto, mas Édipa imaginou que neuroses, que crises, que assombrações poderiam fluir no meio da noite das sutilezas de

sua boca sombria, obscurecida por espessa barba.

“Olhe para o retrato e se concentre em um dos cilindros. Não fique preocupada. Se você for uma sensitiva, saberá em qual deles. Deixe sua mente aberta, receptiva à mensagem do Demônio. Volto daqui a pouco.” Nefastis retornou à televisão, que agora estava mostrando desenhos animados. Édipa ficou sentada ao longo de dois desenhos do Zé Colméia, um do Maguila Gorila e um do Peter Potamus, olhando fixamente para o enigmático perfil de Clerk Maxwell, esperando pela comunicação do Demônio.

Você está aí, companheiro, Édipa perguntou ao Demônio, ou será que o Nefastis está me gozando? A menos que um pistão se movesse, jamais saberia. As mãos de Clerk não apareciam na, fotografia. Talvez ele estivesse segurando um livro, enquanto seus olhos descansavam sobre uma paisagem da Inglaterra vitoriana cuja luz se perdera para sempre. A ansiedade de Édipa foi crescendo. Por trás da barba parecia que ele tinha começado, muito de leve, a sorrir. Algo em seus olhos, sem, dúvida, mudara...

Atenção. No limite superior de seu campo de visão, será que o pistão direito não tinha se movido? Um pouquinho de nada? Ela não podia verificar diretamente, suas instruções eram de que mantivesse o olhar fixo em Clerk Maxwell. Passaram-se vários minutos, os pistões imóveis. Da televisão chegavam vozes agudas, com acentos cômicos. O que pensava ter visto não passara de uma contração da retina, uma célula nervosa que disparara a esmo. Será que um verdadeiro sensitivo veria algo mais? Um medo visceral começou a crescer dentro dela, o medo de que não ia acontecer nada. Por que se preocupar, perguntou-se preocupada. Nefastis é um doido, esquece, um doido sincero. O verdadeiro sensitivo é alguém capaz de partilhar

das alucinações dele, só isso.

Como seria maravilhoso partilhar delas! Tentou por mais quinze minutos, repetindo mentalmente: se você está aí, seja quem for, mostre-se a mim, preciso de você, aparece para mim. Mas nada aconteceu.

“Sinto muito”, ela falou na direção dele, surpreendentemente prestes a chorar de frustração, a voz embargada. “Não adianta.” Nefastis aproximou-se e passou o braço pelos ombros dela.

“Está bem”, ele disse. “Por favor, não chore. Vem para o sofá. O noticiário já vai começar. Podemos fazer lá mesmo.”

“Fazer?”, perguntou Édipa. “Fazer o quê?”

“Ter relações sexuais”, respondeu Nefastis. “Talvez esta noite mostrem alguma coisa sobre a China. Gosto de fazer isso enquanto eles falam sobre o Vietnam, mas a China ainda é melhor. A gente fica pensando em todos aqueles chineses, aos montes. Aquela profusão de vida. É mais excitante, não acha?”

“Me larga!”, gritou Édipa e saiu correndo, enquanto Nefastis a perseguia pelos quartos sombrios estalando os dedos como quem chama um cachorrinho, coisa que certamente também aprendera vendo televisão.

“Dê lembranças ao Stanley”, ela ainda ouviu quando disparava escada abaixo até a rua, onde jogou um lenço de cabeça sobre a placa do carro e arrancou pela Telegraph Avenue. Dirigiu de forma mais ou menos automática até que um jovem em seu veloz Mustang, talvez incapaz de reprimir a nova sensação de virilidade que o carro lhe transmitia, quase a matou com uma fechada. Ela reparou então que estava na auto-estrada, rumando inexoravelmente para a Bay Bridge,

em plena hora do *rush*. Ficou atônita com o espetáculo, pois sempre pensara que só havia um tal volume de tráfego em lugares como Los Angeles. Alguns minutos depois, olhando San Francisco do ponto mais alto do arco da ponte, viu que a cidade estava encoberta de *smog*. Neblina, corrigiu-se, só pode ser neblina. Impossível existir *smog* em San Francisco, a sabedoria popular tinha como certo que a poluição só começava mais ao sul. Sem dúvida a culpa era do ângulo do sol.

Em meio àquela mistura de descarga dos motores, suor, reverberação e mau humor que caracterizam uma tarde de verão numa estrada americana, Édipa Maas refletiu sobre a questão do Tristero. Todo o silêncio de San Narciso — a superfície calma da piscina do motel, os contornos contemplativos das ruas residenciais que se pareciam com as linhas desenhadas com ancinho nos jardins de pedra japoneses — não havia permitido que ela pensasse com tanta tranqüilidade quanto em meio à loucura da estrada.

Para John Nefastis (tomando um exemplo recente), dois tipos de entropia, a da termodinâmica e a das informações, se assemelhavam, supostamente devido a uma coincidência, quando transformadas em equações. No entanto, ele tornara sua mera coincidência algo de respeitável com a ajuda do Demônio de Maxwell.

Ora, aqui estava Édipa, confrontada com uma metáfora de sabe-se lá quantas facetas: mais que duas, sem dúvida. Enquanto as coincidências pipocavam ultimamente onde quer que olhasse, ela só dispunha de um som, uma única palavra — Tristero — para mantê-las unidas.

Já sabia algumas coisas: tinha-se oposto ao sistema postal de

Thurn und Taxis na Europa; seu símbolo era uma trompa postal com surdina; em algum momento antes de 1853 surgira nos Estados Unidos e combatera tanto o Pony Express quanto o Wells, Fargo, seja como bandidos vestidos de preto, seja disfarçados de índios; e sobrevivia até os dias de hoje na Califórnia, servindo como canal de comunicação para pessoas com tendências sexuais pouco ortodoxas, para inventores que acreditavam na existência do Demônio de Maxwell, possivelmente para seu próprio marido, Mucho Maas (mas há muito tempo jogara fora a carta dele e não havia maneira de o Genghis Cohen examinar o selo: por isso, se quisesse saber de fato, teria de perguntar ao próprio Mucho).

De duas, uma: ou o Tristero existia realmente ou Édipa estava elaborando uma fantasia por causa de sua preocupação e envolvimento com o espólio de Inverarity. Ali em San Francisco, longe de todas as manifestações concretas do testamento, talvez tivesse ainda uma chance de fazer com que tudo desaparecesse e se desintegrasse tranqüilamente. Bastava vagar à toa aquela noite e ver que nada acontecia para convencer-se de que era simples nervoso, alguma bobagenzinha que seu analista trataria de consertar. Abandonou a estrada em North Beach, rodou pelo bairro e finalmente estacionou numa íngreme rua lateral margeada de depósitos. Saiu andando pela Broadway, que começava a encher-se das pessoas que vinham fazer programas noturnos.

Mas não passou uma hora antes que visse a trompa postal com a surdina. Estava batendo perna por uma rua repleta de homens de meia-idade vestindo ternos da Roos/Atkins quando colidiu com um grupo de turistas que, junto com seu guia, descia barulhentemente de um microônibus Volkswagen para conhecer a vida noturna de San

Francisco. “Deixa eu pregar isso em você, vou sair sozinho por aí”, falou uma voz junto a seu ouvido. Habilmente espetado acima do seu seio direito havia agora um grande distintivo cor de cereja com os dizeres: OLÁ! MEU NOME É ARNOLD SNARB E QUERO ME DIVERTIR MUITO. Édipa olhou a seu redor e viu um rosto de querubim que, com um piscar de olhos, estava prestes a desaparecer entre os ternos sem ombreiras e as camisas listradas. E lá se foi Arnold Snarb, em busca de divertimentos ainda mais sensacionais.

Alguém soprou um apito digno de uma competição esportiva e Édipa foi comboiada, junto com outros cidadãos igualmente identificados pelos distintivos, em direção a um bar chamado Do Jeito Grego. Ah, não, Édipa pensou, um bar de bichas, essa não. E por um momento tentou escapar da maré humana antes de lembrar-se de que decidira vagar à toa naquela noite.

“Aqui”, disse o guia, enquanto tentáculos de suor vinham macular seu colarinho, “vocês vão ver os membros do terceiro sexo que tornaram famosa essa cidade às margens da baía. Para alguns de vocês a experiência pode ser um pouco estranha, mas lembrem-se de não agir como um bando de turistas. Se alguém propuser alguma coisa, levem na brincadeira, é tudo parte da alegre vida noturna desse extraordinário bairro de North Beach. Cada um tem direito a dois drinques e, quando ouvirem o apito, corram todos para se reunir aqui mesmo. Se todo mundo se comportar direitinho, ainda vamos visitar o Finocchio’s.” Soprou duas vezes o apito e os turistas, com um grito de excitação, arremeteram freneticamente rumo ao bar, levando Édipa de roldão. Quando as coisas se acalmaram, ela viu-se perto da porta, com uma bebida impossível de identificar na mão, apertada contra um homem alto vestindo um casaco de

camurça. Em cuja lapela não havia o distintivo cor de cereja, mas, finamente trabalhado em metal pálido e reluzente, um broche com a forma da trompa postal de Tristero. Sem faltar a surdina.

Está bem, ela se disse, você perdeu. Bem que tentou, mas não durou nem uma hora. Deveria ir embora imediatamente, de volta ao hotel em Berkeley. Mas não podia.

“Que tal se eu te dissesse”, dirigindo-se ao proprietário do broche, “que eu sou uma agente do Thurn und Taxis?”

“O que é isso, alguma agência de teatro?”, ele perguntou. Tinha grandes orelhas, o cabelo praticamente raspado a navalha, espinhas no rosto e um olhar curiosamente vazio, que deslizou por um instante pelos seios de Édipa.

“Como é que te deram esse nome de Arnold Snarb?”

“Só digo se você me contar onde arranjou esse broche.”

“Sinto muito.”

Ela pensou em provocá-lo: “Se é algum símbolo homossexual, não ligo para isso”.

Os olhos não mostravam nada. “Esse não é o meu negócio. Nem você”, ele disse, virando-se de costas e encomendando um drinque. Édipa tirou o distintivo, colocou-o num cinzeiro e disse com toda a calma, evitando parecer histérica: “Olha, você tem de me ajudar. Porque eu acho, de verdade, que estou ficando louca”.

“Você escolheu o confessor errado, Arnold. É melhor procurar um padre.”

“Eu uso o serviço de correios do governo porque nunca soube que havia outro”, ela disse em voz suplicante. “Mas não sou sua

inimiga e nem quero ser.”

“Que tal ser minha amiga?”, ele perguntou, girando no tamborete para encará-la outra vez. “Quer ser minha amiga, Arnold?”

“Não sei”, ela achou melhor dizer.

Ele a olhou sem demonstrar nenhuma emoção. “E o que é que você sabe?”

Édipa contou tudo. Por que não? Sem esconder nada. Quando acabou, os turistas já haviam atendido ao apito e ele pagara duas rodadas de bebidas contra as três que haviam corrido por conta dela.

“Já ouvi falar sobre o ‘Kirby’ ”, ele disse, “é um codinome, ninguém de verdade. Mas nunca ouvi falar do resto, do teu sinófilo do outro lado da baía, ou dessa peça esquisita. Nem pensei que isso existia há tanto tempo.”

“Não penso em outra coisa”, ela disse, melancólica.

“E”, ele perguntou, coçando os cabelos ralos, “você não tem ninguém para contar isso? Só alguém num bar, que você nem conhece o nome?”

“Acho que não”, ela respondeu, sem olhá-lo de frente.

“Nem um marido, um analista?”

“Tenho os dois, mas eles não sabem.”

“Não pode dizer a eles?”

Ela enfim enfrentou por um instante o vazio dos olhos dele e sacudiu os ombros.

“Então vou te contar o que eu sei”, ele decidiu. “O broche que estou usando significa que sou um membro do IA. Isso quer dizer

Inamorati Anônimos. Um inamorato é alguém que está apaixonado. O pior vício que existe.”

“Se alguém está a ponto de se apaixonar”, disse Édipa, “você conversa com a pessoa, é isso?”

“Exatamente. A idéia é chegar a um ponto em que não se precise mais de ajuda. Eu tive sorte. Me liberei quando era ainda muito moço. Mas há homens de sessenta anos, acredite ou não, e mulheres até mais velhas que acordam chorando no meio da noite.”

“Então vocês fazem reuniões, como o AA?”

“Não, claro que não. Os membros têm um número de telefone com um serviço de resposta automático. Ninguém conhece o nome de ninguém, só o número, se a coisa ficar muito ruim e não der para segurar sozinho. Nós somos solitários, Arnold. Qualquer reunião ia estragar tudo.”

“E a pessoa que vem dar os conselhos? O que acontece se quem chamou se apaixonar por uma delas?”

“Elas vão embora. Nunca aparecem duas vezes. A central de atendimento é que diz quem deve ir e nunca deixa haver uma repetição.”

E onde entrava a trompa postal? Isso vinha da criação do IA. Nos primeiros anos da década de 60, um executivo da Yoyodyne que vivia perto de Los Angeles e, na hierarquia da firma, situava-se acima dos supervisores mas abaixo dos vice-presidentes, perdeu o emprego aos trinta e nove anos com a chegada das técnicas de automação. Tendo sido desde os sete anos formado numa escatologia que só apontava para uma presidência e a morte, treinado para não fazer absolutamente nada a não ser assinar o nome em memorandos

técnicos que era incapaz de compreender, e preparado para aceitar a culpa pelo fracasso de programas complexos cujas falhas se deviam a complexas razões que alguém precisava explicar-lhe, os primeiros pensamentos do executivo se voltaram, naturalmente, para o suicídio. Mas o treinamento anterior prevaleceu: não podia tomar tal decisão sem antes consultar um comitê. Pôs um anúncio na seção pessoal do *Los Angeles Times*, perguntando se alguém que já estivera em situação semelhante havia encontrado bons motivos para não se matar. Partiu da sagaz premissa de que nenhum suicida responderia, com o que só receberia reflexões válidas. A premissa era falsa. Passou uma semana olhando ansiosamente a caixa de correspondência através dos binóculos japoneses que sua mulher lhe dera como presente de despedida (tendo-o abandonado um dia depois de ele perder o emprego) e nada recebeu além das ofertas publicitárias que o carteiro entregava regularmente ao meio-dia. Até que, num fim de tarde de domingo, insistentes pancadas na porta despertaram-no rudemente de um alcoolizado sonho em preto-e-branco no qual se jogava do Stack em meio ao tráfego da hora do *rush*. Abriu a porta e deparou-se com um velho andrajoso, com um gorro de marinheiro e um gancho no lugar da mão, que lhe entregou uma bolada de cartas e partiu rapidamente sem dizer uma palavra. A maioria das cartas era de suicidas que haviam fracassado por incompetência ou covardia de última hora. Nenhuma delas, no entanto, oferecia razões de peso para se continuar vivo. Apesar disso, o executivo continuou indeciso e passou mais uma semana às voltas com pedaços de papel em que relacionava, nas colunas de PRÓS e CONTRAS, as razões pelas quais devia ou não sair dessa para melhor. Na falta de um elemento catalisador, era-lhe impossível chegar a uma decisão satisfatória. Um

dia, finalmente, reparou numa reportagem na primeira página do *Times*, acompanhada de uma fotografia da *Associated Press*, sobre um monge budista no Vietnã que ateara fogo às vestes em protesto contra as políticas do governo. “Beleza!”, exclamou o executivo. Foi para a garagem, retirou com um sifão toda a gasolina que havia no tanque do Buick, vestiu seu melhor terno com colete, enfiou todas as cartas dos suicidas fracassados num bolso do paletó, dirigiu-se para a cozinha, sentou no chão e encharcou-se de gasolina dos pés à cabeça. Estava prestes a dar o giro do adeus na rodinha dentada de seu fiel Zippo (que o acompanhara desde as sebes da Normandia até as Ardenas, a Alemanha e os Estados Unidos do pós-guerra), quando ouviu a chave rodando na porta da frente e o som de vozes. Era sua mulher e um homem, que ele logo reconheceu como sendo o perito em administração da Yoyodyne que causara sua substituição por um IBM 7094. Intrigado pela ironia da coisa, continuou sentado na cozinha e ouviu a conversa, tendo deixado a gravata imersa no balde de gasolina como uma espécie de pavio. Pelo que pôde depreender, o perito em administração desejava ter relações com sua esposa no tapete marroquino da sala de estar. Ela não parecia em nada avessa à idéia. O executivo ouviu risos lascivos, zíperes que se abriam, o baque de sapatos, respiração ofegante, gemidos. Tirou a gravata do balde e começou a rir baixinho. Fechou a tampa do Zippo. “Estou ouvindo um riso” disse sua mulher. “Estou sentindo cheiro de gasolina”, disse o perito em administração. De mãos dadas, nus, os dois foram até a cozinha. “Estava a ponto de imitar o monge budista” explicou o executivo. “Você precisou de três semanas para se decidir! Sabe de quanto tempo o IBM 7094 precisaria? Doze milésimos de segundo. Não é por nada que foi substituído”, disse o perito em

administração. O executivo jogou a cabeça para trás e riu às gargalhadas durante dez minutos bem contados, mas antes de chegar ao fim sua esposa e o amiguinho, alarmados, voltaram para a sala, se vestiram e saíram para chamar a polícia. O executivo despiu-se, tomou um banho de chuveiro e pendurou o terno na corda para secar. Notou então uma coisa curiosa. Os selos em algumas das cartas que havia guardado no bolso do paletó tinham ficado quase brancos. Concluiu que a gasolina dissolvera a tinta usada na impressão. Despreocupadamente, descolou um selo e viu de repente a imagem da trompa postal com a surdina, a pele de sua mão claramente visível através da filigrana. “Um sinal, com certeza”, ele murmurou. Se fosse um homem religioso, teria se posto de joelhos. Na verdade, porém, simplesmente declarou com grande solenidade: “Meu grande erro foi amar. A partir de hoje, juro que me libertarei do amor: hétero, homo, bi, de gato ou de cachorro, de automóveis, de todos os tipos. Vou fundar uma sociedade de solitários, dedicada a essa causa, e este sinal, revelado pela própria gasolina que quase me destruiu, será seu emblema”. E foi o que fez.

Édipa, a essa altura bastante bêbada, perguntou: “E onde ele está agora?”.

“Ele é anônimo”, disse o anônimo inamorato. “Por que você não escreve para ele usando o teu sistema MOITA? Manda em nome do ‘Fundador, ia’.”

“Mas eu não sei como usar o sistema.”

“Pensa bem”, ele disse, também bêbado. “Toda uma rede subterrânea de suicidas fracassados. Que se mantêm em contato através desse sistema secreto de entrega. O que é que eles têm para

se dizer?” Sacudiu a cabeça, sorrindo, desceu trôpego do tamborete e foi urinar, desaparecendo em meio à massa de fregueses. Não voltou.

Édipa continuou sentada, sentindo-se mais só do que nunca, agora a única mulher, reparou, num lugar cheio de homossexuais bêbados. É a história da minha vida, pensou. Mucho não conversa comigo, o Hilarius não me ouve, o Clerk Maxwell nem olhou para mim, e esses aí, Deus me livre. O desespero tomou conta dela, como ocorre quando ninguém em volta demonstra qualquer interesse sexual pela gente. O sentimento que despertava naquele lugar ia do ódio violento (um garotão com feições de índio, os cabelos com mechas brancas puxados para trás das orelhas e caindo até os ombros, botas pontudas de caubói) à fria especulação (um sujeito com ar de oficial da SS e óculos com armação de chifre, que olhava fixamente para suas pernas tentando descobrir se ela era um travesti), nada que lhe pudesse trazer qualquer alívio. Por isso, depois de algum tempo, levantou-se e foi embora do bar, penetrando novamente na cidade, na infectada cidade.

E passou o resto da noite encontrando a imagem da trompa postal do Tristero. Na Chinatown, acreditou tê-la visto na sombria vitrina de uma loja de ervas misturada aos ideogramas num cartaz. Mas a luz do lampião de rua era fraca. Mais tarde, desenhadas a giz numa calçada, deparou com duas trompas distando cinco metros uma da outra. Entre elas havia uma complicada estrutura de quadrados, alguns com letras e outros com números. Uma brincadeira infantil? Locais num mapa, datas de uma história secreta? Copiou o diagrama na agenda. Ao levantar a vista, reparou que um homem, talvez um homem, vestindo um terno preto, a observava do recesso de uma porta a meio quarteirão de distância.

Achou que a gola do paletó dele estava levantada, mas não quis se arriscar: voltou na direção em que viera, o coração na boca. Um ônibus parou na esquina seguinte e ela correu para pegá-lo.

Depois disso, não largou mais os ônibus, só descendo vez por outra para andar um pouco e se manter acordada. Os fragmentos de sonho que teve se relacionavam todos com a trompa postal. Mais tarde, talvez lhe seria difícil separar a realidade do sonho naquela noite.

Em alguma passagem indefinida da sonora partitura noturna, ocorreu-lhe também que estaria a salvo, que algo, talvez apenas o desaparecimento linear de sua bebedeira, a protegeria. A cidade, maquiada e embelezada com as palavras e imagens de praxe (cosmopolitanismo, cultura, bondes), era sua como jamais fora antes: aquela noite ela tinha um salvo-conduto que lhe permitia transitar por onde quer que o sangue da cidade fluísse, dos capilares tão finos que mal podiam ser entrevistados de fora até as veias dilaceradas, formando indecentes hematomas municipais que só os turistas eram incapazes de perceber. Nada na noite poderia atingi-la; nada a atingiu. A repetição dos símbolos era o bastante, sem traumas que a atenuassem ou simplesmente a deslocassem de sua memória. *Querem que eu me lembre.* Édipa encarou essa possibilidade como quem de altíssima varanda vê a rua de brinquedo lá embaixo, como quem considera a montanha-russa, a hora de alimentar as feras no jardim zoológico ou qualquer outro impulso de autodestruição que pode ser satisfeito com um mínimo gesto. Tateou a borda de seu campo voluptuoso, sabendo como seria bom deixar-se imergir nele, sabendo que nem a força da gravidade, as leis da balística ou a voracidade dos animais selvagens poderiam oferecer-lhe um prazer

comparável. Testou a idéia, estremeçando: querem que eu me lembre. Cada sinal que me chega vem propositalmente carregado de sua própria claridade, de uma indelével marca de permanência. No entanto, perguntou-se se os “sinais” que reluziam como pedras preciosas não eram apenas uma espécie de compensação. Por haver perdido a Palavra direta e epiléptica, o grito que poderia revogar a noite.

No Golden Gate Park, encontrou uma roda de crianças vestindo pijamas que lhe disseram estar sonhando aquele encontro. Mas que o sonho de fato não era diferente da realidade, porque de manhã, ao acordarem, se sentiam cansadas como se houvessem passado em claro a maior parte da noite. Quando suas mães acreditavam que elas estavam brincando, na verdade dormiam, encolhidinhas nos cantos dos armários das casas dos vizinhos, em plataformas construídas entre os galhos das árvores, em recôncavos secretos abertos nas cercas vivas, para se recuperar do sono perdido. A noite não lhes inspirava o menor temor, pois no meio da roda havia uma fogueira imaginária e a elas bastava um senso inviolável de comunhão. Conheciam a trompa postal, mas nada sabiam sobre a brincadeira que Édipa vira desenhada com giz na calçada. Usavam uma única imagem da trompa, explicou uma menina, e pulavam num pé só, como no jogo de amarelinha, da espiral para a boca e dali para a surdina, enquanto as companheiras cantavam:

Tristo, Tristo, um, dois, três,

É o turno do táxi, que eu sou freguês...

“Thurn und Taxis, é isso que você quer dizer?”

Nunca tinham ouvido falar desse jeito. Continuaram aquecendo as mãos no fogo invisível. Édipa, em represália, parou de acreditar nelas.

Num reles restaurante mexicano aberto a noite toda, lá pelos lados da rua 24, ela encontrou um fragmento do passado na figura de um certo Jesús Arrabal, que estava sentado a um canto, embaixo do aparelho de televisão, mexendo tranqüilamente seu prato de opaca sopa com um pé de galinha.

“Ei, você é a dona lá de Mazatlán”, ele a reconheceu, fazendo sinal para que se sentasse.

“Você se lembra de tudo, Jesús”, disse Édipa, “até dos turistas. Como vai tua CIA?” Não se tratava da famosa agência, e sim de uma organização clandestina mexicana chamada Conjuración de los Insurgentes Anarquistas, que remontava à época dos irmãos Flores Magón e mais tarde se aliara por pouco tempo a Zapata.

“Como você vê, no exílio”, respondeu, mostrando a sala com um gesto largo do braço. Era sócio do restaurante, em parceria com um nativo do Iucatã que ainda acreditava na Revolução. A Revolução *deles*. “E você? Ainda está com aquele gringo que gastava dinheiro demais contigo? O oligarca, o milagre?”

“Ele morreu.”

“Ah, pobrecito.” Tinham encontrado Jesús Arrabal na praia, onde ele havia convocado uma demonstração contra o governo. Ninguém apareceu. Por isso, começou a conversar com Inverarity, o inimigo que, por fidelidade a sua crença política, ele era obrigado a conhecer. Pierce, que adotava um ar neutro quando confrontado com

alguém hostil, nada tinha a dizer a Arrabal; desempenhou com tamanha perfeição o papel de gringo rico e detestável que Édipa viu a pele do braço de Arrabal se arrepiar, sem que isso se devesse à brisa do Pacífico. Quando Pierce foi dar um mergulho, Arrabal perguntou a Édipa se ele era assim mesmo, ou era um espião, ou o estava gozando. Ela não compreendeu a pergunta e Jesús então explicou:

“Você sabe o que é um milagre? Não é o que o Bakunin disse, e sim a interpenetração de outro mundo neste nosso mundo. Na maior parte do tempo, coexistimos pacificamente, mas quando os dois se tocam acontece um cataclisma. Tanto quanto a Igreja que odiamos, nós anarquistas também acreditamos em outro mundo. Onde as revoluções pipocam espontaneamente e sem um líder, e o talento da alma humana para chegar a um consenso faz com que as massas cooperem sem qualquer esforço, tão automaticamente como o próprio corpo humano. E, no entanto, minha senhora, se qualquer dessas coisas acontecesse com tal perfeição, eu também teria de proclamar que era um milagre. Um milagre anarquista. Como o seu amigo. Ele encarna de uma maneira perfeita demais, sem uma única falha, tudo aquilo que combatemos. No México, o privilegiado, até uma porcentagem finita, é sempre redimido, faz parte do povo. Mas seu amigo, a menos que esteja brincando, me causa tanto terror quanto a Virgem Maria se aparecesse diante de um índio.”

Nos anos seguintes, Édipa lembrara de Jesús porque ele tinha visto isso no Pierce que ela não vira. Como se ele, de uma forma que nada tinha a ver com o sexo, fosse um rival dela. Agora, bebendo um café forte e morno servido de um bule de barro que descansava sobre o fogão do iucatego, ouvindo Jesús dissertar sobre as conspirações, ela perguntou-se se, sem o milagre de Pierce para fortalecer sua fé,

Jesús não teria eventualmente abandonado a CIA para filiar-se, como todo mundo, ao partido do governo, evitando assim o exílio.

O falecido, tal como o Demônio de Maxwell, era o traço de união numa coincidência. Sem ele, nem Édipa nem Jesús estariam exatamente ali, exatamente naquele instante. Era o suficiente, uma advertência em código. E o que, naquela noite, acontecia por acaso? Por isso os olhos de Édipa foram logo depois bater num velho exemplar enrolado do jornal anarcosindicalista *Regeneración*. Datava de 1904 e não trazia nenhum selo: apenas, carimbado a mão, o símbolo da trompa postal.

“Eles acabam chegando”, disse Arrabal. “Será que ficam no correio todo esse tempo? Será que substituíram o nome de alguém que morreu pelo meu nome? Levou mesmo sessenta anos para ser entregue? Será uma reprodução? Perguntas inúteis. Sou um soldado raso. Os altos escalões têm lá seus motivos”, ele concluiu. Édipa carregou consigo esse pensamento ao partir de novo rumo à noite.

Na praia da cidade, há muito fechadas as barraquinhas de pizza e o parque de diversões, ela caminhou sem ser incomodada através de um indolente enxame de jovens delinquentes; seus blusões, identificando cada gangue, eram de material leve por causa do verão, mas traziam todos a trompa postal bordada em fios que pareciam ser de prata sob o pálido luar. Estavam todos fumando, aspirando ou se injetando alguma coisa, e talvez nem a viram.

De volta a um ônibus, cercada de pretos exaustos que iam pegar o turno da madrugada por toda a cidade, Édipa viu, arranhado nas costas de um assento, luzindo para ela em meio à fumaça dos cigarros, a trompa postal com a palavra MORTE. Mas, ao contrário

da MOITA, alguém tinha tido o trabalho de escrever a lápis: MOVIDOS PELO ÓDIO REERGUEREMOS A TROMPA EMUDECIDA.

Em algum lugar perto de Fillmore, encontrou o símbolo pregado no quadro de avisos de uma lavanderia automática, entre outros pedaços de papel em que as pessoas se ofereciam para passar roupa barato ou tomar conta de crianças. Sob o símbolo estava escrito: *Se você sabe o que isso significa, sabe onde encontrar mais.* Em volta dela o cheiro de cloro subia aos céus como se fosse incenso. As máquinas resfolegavam e agitavam as roupas furiosamente. Édipa estava sozinha na loja e as luzes fluorescentes pareciam proclamar a brancura a que tudo ali estava dedicado. Era um bairro de pretos. Será que a Trompa também tinha igual dedicação? Será que o simples fato de perguntar despertaria mais ódio? A quem perguntar?

Nos ônibus, ela ouvira a noite toda os rádios transistores transmitindo músicas situadas entre os últimos lugares das Duzentas Mais Tocadas, que nunca seriam populares, cujas letras e melodias pereceriam como se jamais houvessem sido cantadas. Uma moça mexicana, esforçando-se por ouvir uma das músicas em meio à estática causada pelo motor do ônibus, cantarolava a canção como se fosse lembrar dela para sempre, enquanto com o dedo desenhava trompas postais e corações no vidro embaçado por sua respiração.

No aeroporto, sentindo-se invisível, Édipa peruou um jogo de pôquer em que o jogador que perdia o tempo todo anotava cuidadosamente cada prejuízo num livrinho de contabilidade em cujas páginas internas estavam desenhadas trompas postais à guisa de decoração. “Estou com uma média de retorno de 99,375%, pessoal”, ela o ouviu dizer. Os outros, todos estranhos, o encaravam

com indiferença ou irritação. “E olha que isso cobre um período de vinte e três anos”, ele continuou, tentando sorrir. “Só falta uma fraçãozinha para eu ficar em casa. Vinte e três anos. Não vou nunca entrar no lucro. Por que é que eu não paro?”, perguntou, sem obter resposta.

Num dos banheiros havia uma anotação convidando as usuárias a fazer parte do CMCA, significando Culto da Morte do Condado de Alameda, juntamente com o número de uma caixa postal e o símbolo da trompa. A cada mês, escolheriam entre pessoas inocentes, virtuosas e socialmente bem ajustadas uma vítima, que seria violentada sexualmente e depois executada. Édipa não copiou o número.

Preparando-se para pegar o vôo da TWA para Miami, havia um garoto desengonçado que planejava entrar de noite nos aquários e entabular negociações com os golfinhos, que em breve substituiriam o homem. Durante a despedida, beijava apaixonadamente sua mãe na boca, usando a língua. “Eu te escrevo, mamãe”, ele ficou repetindo. “Manda pela MOITA”, ela disse, “lembra que o governo abre a carta se você mandar pelo correio normal e os golfinhos vão ficar aborrecidos.” “Eu te amo muito, mamãe.” “Trata de amar os golfinhos”, ela o aconselhou, “e manda todas as cartas pela MOITA.”

E por aí foi. Édipa via e ouvia tudo. Entre outros, encontrou um soldador que tinha o rosto deformado e se comprazia de sua feiura; uma criança, vagando na noite, que se sentia triste por não ter nascido morta, assim como certos párias sentem falta do vazio aconchegante da comunidade; uma preta, com uma intrincada cicatriz no rosto, que repetia os rituais do aborto, cada vez por uma razão diferente, tão deliberadamente quanto outras mulheres

seguem o ritual do nascimento, dedicada não à continuidade mas a uma espécie de interregno; um velho vigia mordiscando uma barra de sabonete, que havia treinado seu estômago de virtuoso para também aceitar loções, desodorantes de ambiente, tecidos, tabaco e ceras numa vã tentativa de tudo assimilar — a promessa, a produtividade, a traição, as úlceras — antes que fosse tarde demais; e até outro *voyeur*, dependurado diante de uma das poucas janelas ainda iluminadas da cidade, procurando sabe-se lá que imagem específica. Decorando cada alienação, cada espécie de fuga, sob a forma de abotoaduras, decalques ou rabiscos feitos à toa, lá estava sempre a trompa postal. Édipa já a aguardava com tamanha certeza que talvez não a tivesse visto tantas vezes quanto mais tarde lembrava-se de tê-lo feito. Na verdade, duas ou três vezes teria sido o suficiente. Ou demais.

Ela continuou a andar de ônibus ou a pé até de madrugada, deixando-se dominar por um fatalismo que não lhe era comum. Onde estava a Édipa que dirigira tão resolutamente de San Narciso até lá? Aquela mocinha otimista se comportara como um detetive particular nas novelas radiofônicas de antigamente, acreditando que bastava coragem, esperteza e certo desprezo pelas regras dos policiais caxias para solucionar qualquer grande mistério.

Mas o detetive cedo ou tarde leva uma surra. A profusão noturna de trompas postais, aquela reiteração maligna e deliberada, era a maneira de surrá-la. Conheciam seus pontos nevrálgicos, seus gânglios de otimismo, e, um a um, com toques precisos, a estavam imobilizando.

No começo da noite ela tinha motivos para se perguntar que redes clandestinas, além das poucas que conhecia, se comunicavam

através do sistema MOITA. Ao amanhecer, tinha melhores razões para se perguntar quais as redes que não o faziam. Se, como Jesús Arrabal tinha enunciado anos antes na praia de Mazatlán, os milagres eram intrusões de outro mundo no nosso próprio mundo, a carambola de bolas de bilhar cósmicas, então o mesmo se aplicava a cada uma das trompas postais daquela noite. Pois aqui estavam sabe Deus quantos cidadãos optando por não se comunicar através do correio oficial. Não era um ato de traição, talvez nem mesmo de desafio. Mas um distanciamento calculado da vida da República, de seus mecanismos. O que quer que lhes estivesse sendo negado por ódio, indiferença a seu poder de voto, lacunas das leis ou simples ignorância, esse distanciamento lhes pertencia inteiramente, era algo discreto, privado. Como não podiam escapar para o vazio (ou podiam?), tinha de existir aquele mundo à parte, silencioso, insuspeitado.

Pouco antes do *rush* matinal, ela desceu de um lotação cujo velho motorista terminava todo dia no prejuízo. Estava na Howard Street, no centro da cidade, e começou a caminhar na direção do Embarcadero. Sabia que sua aparência era horrorosa, os nós dos dedos borrados de preto onde havia esfregado os olhos, a boca com um gosto pavoroso de bebida e café. Passando por uma porta aberta, Édipa viu, na escada que levava à penumbra cheirando a desinfetante de uma casa de cômodos, um velho todo encolhido, soluçando baixinho. As mãos, de um branco leitoso, cobriam-lhe o rosto. Nas costas da mão esquerda ela avistou a trompa postal, tatuada com uma tinta que, de tão antiga, desbotara e se espalhara pela pele. Fascinada, penetrou nas sombras e subiu os degraus que rangiam, hesitando em cada um deles. Quando estava a três degraus

dele, as mãos subitamente se afastaram e seu rosto arruinado, o terror dos olhos glorificados pelas veias arrebetadas, fez com que ela parasse.

“Posso ajudá-lo?”, disse Édipa, tremendo, exausta.

“Minha mulher está em Fresno”, ele disse. Vestia um surrado jaquetão, camisa cinza puída e gravata larga, mas não usava chapéu. “Fui embora de casa. Há muito tempo, não lembro. Isso é para ela”, continuou, dando a Édipa uma carta que, pelo jeito, carregava com ele por muitos anos. “Manda pela...”, disse, levantando a mão tatuada e olhando fixamente para ela, “você sabe. Não posso ir lá. E muito longe e tive uma noite péssima.”

“Eu sei”, disse Édipa, “mas sou nova na cidade. Não sei onde é.”

“Debaixo do elevador”, ele disse, apontando na direção em que ela estava indo. “Tem sempre um. Você vai ver.” Os olhos se fecharam. Expulso todas as noites daquele sulco seguro que a cidade recomeçava virtuosamente a arar a cada manhã, que solos férteis ele teria revirado, que planetas concêntricos haveria desenterrado? Que vozes teria ouvido por acaso, que estilhaços de deuses luminescentes haveria entrevisto entre as folhas manchadas do papel de parede, quantos tocos de vela teriam iluminado suas noites, prefigurando o cigarro que um dia cairia das mãos sonolentas dele ou de um amigo, para assim acabar entre as chamas que devorariam os seus segredos guardados ao longo dos anos pelo insaciável enchimento de um colchão capaz de conservar os vestígios do suor de todos os pesadelos, dos transbordamentos incontrolláveis da bexiga, das poluições noturnas consumadas entre lágrimas vis, como se fosse a memória de um computador dos entes perdidos. Ela foi de repente

tomada pela necessidade de tocá-lo, como se só assim pudesse acreditar na sua existência ou fosse capaz de lembrar dele. Esgotada, sem saber direito o que estava fazendo, subiu os três últimos degraus, sentou-se e tomou-o em seus braços, os olhos borrados de maquilagem voltando-se para a manhã que brilhava ao pé da escada. Sentiu uma umidade contra seu seio e viu que ele estava chorando outra vez. Quase não respirava, mas as lágrimas escapavam como se bombeadas de dentro. “Não posso fazer nada, sinto muito”, ela murmurou, acalentando-o. Fresno ficava longe, muito longe.

“É ele?”, perguntou uma voz atrás dela, mais acima da escada. “É o marinheiro?”

“Ele tem uma tatuagem na mão.”

“Então é ele. Você pode trazer ele aqui para cima?”, perguntou a voz. Virando-se, Édipa viu um homem ainda mais velho e mais baixo, que usava um chapéu de feltro e sorria para ela. “Eu ajudaria se não fosse pela artrite.”

“Ele tem de subir?”, ela disse. “Aí para cima?”

“E para onde mais ele podia ir, minha senhora?”

Não sabia. Afastou-se dele por um momento, relutante como se fosse seu próprio filho, e o velho levantou os olhos para ela. “Vamos”, Édipa disse. Ela segurou a mão tatuada que ele lhe oferecia e assim subiram até o fim daquele lance de escada e dois outros mais: de mãos dadas, bem devagar para que o velho artrítico pudesse acompanhá-los.

“Ele desapareceu ontem à noite. Disse que ia procurar a mulher dele. Faz isso de vez em quando.” Entraram num labirinto de corredores e quartos, iluminados por lâmpadas de dez watts e

separados por tabiques de madeira compensada. O velho os seguia com passos rígidos. Finalmente anunciou: “Aqui”.

No cubículo havia outro terno, uns dois ou três panfletos religiosos, um tapete, uma cadeira. O quadro de um santo no momento em que transformava a água de um poço em óleo para as lamparinas da Páscoa de Jerusalém. Uma lâmpada elétrica, queimada. A cama. O colchão, à espera. Édipa imaginou então um cenário em que teria algum papel a desempenhar. Podia descobrir o nome do proprietário da casa de cômodos e processá-lo, comprar para o marinheiro um terno na Roos/Atkins, uma camisa, sapatos e, por fim, dar-lhe a passagem de ônibus para Fresno. Mas ele, com um suspiro, havia soltado sua mão enquanto Édipa estava tão imersa na fantasia que nem reparou, como se o velho tivesse sabido qual o melhor momento de liberá-la.

“É só mandar a carta, já está com o selo”, ele disse. Édipa olhou o envelope e viu o conhecido selo aéreo de oito centavos, de cor carmim, com um avião a jato sobrevoando a cúpula do Capitólio. No entanto, no topo da cúpula aparecia uma figura desenhada em preto, com os braços abertos. Ela não sabia exatamente o que havia no alto do Capitólio, mas estava certa de que não se parecia em nada com aquilo.

“Por favor, agora vá embora. Você não tem nada que fazer aqui”, disse o marinheiro. Ela remexeu na bolsa, encontrou uma nota de dez dólares e outra de um dólar, deu-lhe a de dez. “Vou gastar em bebida”, ele disse.

“Lembre-se dos amigos”, disse o artrítico, olhando para a nota de dez.

“Sua burra”, disse o marinheiro. “Por que não esperou até ele ir embora?”

Édipa ficou olhando enquanto ele se acomodava sobre o duro colchão. Aquela memória estofada. Item A...

“Me dá um cigarro, Ramírez”, disse o marinheiro. “Eu sei que você tem.”

Seria hoje? “Ramírez”, Édipa falou em voz alta. O velho artrítico virou-se para ela, girando o enferrujado pescoço. “Ele vai morrer.”

“E quem não vai?”, disse Ramírez.

Ela lembrou-se de John Nefastis falando sobre sua Máquina e a destruição maciça de informação. O mesmo aconteceria quando aquele colchão pegasse fogo em torno do marinheiro, no seu funeral de viking: os anos armazenados e codificados de inutilidade, morte prematura, tormentos íntimos, a inevitável dissolução da esperança, o conjunto de todos os homens que sobre ele haviam dormido, quaisquer que tivessem sido suas vidas, deixariam verdadeiramente de existir, para sempre, quando o colchão se incendiasse. Édipa o olhou maravilhada. Como se só então houvesse descoberto o processo irreversível. Espantou-se ao pensar que tudo aquilo podia se perder, até mesmo o coeficiente de alucinação que pertencia apenas ao marinheiro e do qual não restaria vestígio no mundo. Tendo-o tomado nos braços, sabia que ele sofria de DT. Por trás das iniciais havia uma metáfora, *delirium tremens*, os solavancos incontrolados do arado mental. O santo cuja água podia acender lamparinas, o vidente cujo lapso de memória é o sopro divino, o verdadeiro paranóico para quem tudo se organiza em esferas aconchegantes ou ameaçadoras em torno da pulsação central de si

próprio, o sonhador cujos jogos de palavras exploram fétidos poços e túneis de antigas verdades, todos eles agem essencialmente em função da relevância da palavra, ou daquilo que a palavra, como um anteparo, está ali para nos proteger. Assim, o ato da metáfora era uma investida rumo à verdade ou uma mentira, dependendo de onde a pessoa se encontrava: dentro e seguro, ou fora e perdido. Édipa não sabia onde estava. Trêmula, descarrilando, ela escorregou de lado por sobre os sulcos de muitos anos até ouvir outra vez a voz ansiosa e esganiçada de seu segundo ou terceiro namorado colegial, Ray Glozing, maldizendo, entre exclamações guturais e toques sincopados da língua numa cárie, os exercícios de cálculo; “dt”, que Deus ajudasse aquele velho tatuado, também significava uma derivada temporal, um instante minúsculo e evanescente no qual a transformação tinha de ser encarada pelo que de fato era, não mais podendo disfarçar-se de algo tão inócuo como uma taxa média; onde a velocidade residia no projétil mesmo que ele fosse imobilizado em pleno vôo, onde a morte residia na célula embora ela parecesse estar funcionando com todo vigor. Ela sabia que o marinheiro vira mundos que nenhum outro homem havia visto, quando nada porque existia algo de sublimemente mágico nos piores trocadilhos, porque os DT’s dão acesso aos dt’s de espectros muito além do universo conhecido, música feita apenas de solidão e terror antárticos. Mas nada do que ela sabia poderia preservá-los, ou a ele. Despediu-se, desceu as escadas e seguiu na direção que o velho lhe indicara. Durante uma hora perambulou entre as sombrias colunas de concreto do elevado, encontrando bêbados, vagabundos, pedestres, pederastas, prostitutas, psicóticos ambulantes, nenhuma caixa de correios secreta. Mas finalmente divisou nas sombras uma lata com

tampa de vaivém, do tipo em que se joga lixo, velha e pintada de verde, com pouco mais de um metro de altura. Na tampa basculante estavam inscritas as iniciais M.O.I.T.A., os pontos entre as letras quase apagados.

Édipa recostou-se na sombra de uma coluna. Talvez tivesse cochilado. Acordou para ver um rapaz jogando um punhado de cartas dentro da lata. Ela aproximou-se e depositou a carta do marinheiro para Fresno; voltou a esconder-se, esperando. Por volta do meio-dia um jovem alto e magro, com jeito de bêbado contumaz, apareceu com um saco, destrancou a portinhola num dos lados da lata e recolheu todas as cartas. Édipa deixou que se afastasse meio quarteirão e começou a segui-lo. Congratulou-se, pelo menos, por estar usando sapatos de salto baixo. Atravessaram a Market Avenue e foram em direção à Prefeitura. Numa rua suficientemente próxima do Civic Center para ser infectada por sua lúgubre massa de pedras cinzentas, ele encontrou-se com outro mensageiro e trocaram de sacos. Édipa decidiu permanecer com o que já vinha seguindo. Acompanhou-o de volta ao longo da suja, movimentada e ruidosa Market Avenue e daí para a First Street, até o terminal dos ônibus que cruzavam a baía, onde ele comprou uma passagem para Oakland. Édipa fez o mesmo.

Atravessaram pela ponte e penetraram na grande luminosidade vazia da tarde de Oakland. A paisagem se tornou monótona. O mensageiro desceu num bairro que Édipa não sabia identificar. Seguiu em seu enalço durante horas, ao longo de ruas cujos nomes nunca conhecera, atravessando artérias em que quase morreu atropelada apesar da relativa calma do trânsito vespertino, entrando e saindo de quarteirões coalhados de cortiços, subindo

colinas repletas de casas de dois ou três quartos cujas janelas refletiam cegamente o sol e nada mais. Uma a uma, as cartas foram saindo do saco. Por fim ele tomou um ônibus para Berkeley. Édipa nos seus calcanhares. Na metade da Telegraph Avenue, ele desceu e a conduziu em direção a um edifício de apartamentos em estilo pseudomexicano. Nem uma vez havia olhado para trás. Era ali que morava John Nefastis. Édipa estava de volta onde começara, não podendo acreditar que se haviam passado vinte e quatro horas. Deveria ter sido mais ou menos?

De regresso ao hotel, encontrou o saguão cheio de delegados surdos-mudos com chapéus de papel crepom, imitando os gorros de pele dos comunistas chineses que haviam ficado conhecidos durante a Guerra da Coréia. Estavam todos bêbados, sem exceção, e alguns dos homens a agarraram, tentando levá-la para uma festa no grande salão de bailes. Édipa tentou desvencilhar-se do enxame silencioso e gesticulante, mas estava fraca demais. Suas pernas doíam, tinha um gosto horrível na boca. Foi varrida em direção ao salão, onde um jovem bonito, vestindo um paletó de *tweed*, tomou-a pela cintura e saiu valsando em meio ao sussurro das roupas e do arrastar de pés, sob um imenso lustre de cristal apagado. Cada casal dançava segundo o compasso imaginado pelo cavalheiro: tango, foxtrote, bossa nova, *twist*. Mas quanto tempo podia passar, pensou Édipa, antes que as colisões se tornassem um problema? Elas deviam ser inevitáveis. A menos que houvesse uma forma impensável de música, multirrítmica, todos os tons presentes ao mesmo tempo, uma coreografia em que cada par se entrosasse perfeitamente por força de alguma predestinação. Algo que todos ouvissem com um poder extra-sensorial nela atrofiado. Seguiu os comandos de seu parceiro,

maleável nos braços do jovem surdo-mudo, esperando pela hora em que começariam os esbarrões. Mas não ocorreu nem um único. Dançou durante meia hora até que, graças a misterioso consenso, todos pararam para descansar, ninguém tendo ao menos a tocade além de seu par. Jesús Arrabal teria dito que se tratava de um milagre anarquista. Édipa, sem ter um nome para definir aquilo, sentiu-se apenas desmoralizada. Fez uma reverência e escapou.

No dia seguinte, após doze horas de sono e nenhum sonho digno do nome, Édipa pagou o hotel e desceu a península rumo a Kinneret. No caminho, com tempo para pensar sobre o dia anterior, decidira procurar seu analista, o dr. Hilarius, e contar-lhe tudo. Quem sabe estava presa nas frias garras de uma psicose. Verificara com seus próprios olhos a existência de um sistema MOITA; vira dois mensageiros da MOITA, uma caixa de correios da MOITA, selos da MOITA, carimbos de cancelamento da MOITA. E a imagem da trompa postal emudecida praticamente saturando toda a área em torno da baía. No entanto, queria que tudo não passasse de uma fantasia — o mero efeito de seus muitos ferimentos emocionais, de suas carências, de seus obscuros impulsos. Queria que Hilarius lhe dissesse que ela estava meio perturbada, precisando de um descanso, e que não existia nenhum Tristero. Queria saber também por que a possibilidade de que fosse real a ameaçava tanto.

Parou diante da clínica de Hilarius pouco depois do sol se pôr. As luzes no consultório pareciam estar apagadas. Os galhos de eucaliptos balançavam-se num grande sopro de ar que descia da colina, sugado pelo mar de fim de tarde. Avançando pelo caminho calçado de lajes, surpreendeu-se com o forte zumbido de um inseto que passou rente a seu ouvido, logo seguido pelo som de um disparo.

Não era inseto nenhum, pensou Édipa, quando outro estampido dissipou suas últimas dúvidas. No lusco-fusco, constituía um alvo perfeito. A única salvação era a clínica. Correu para as portas de vidro, que estavam fechadas, o saguão às escuras. Apanhou uma pedra junto a um canteiro de flores e arremessou-a contra uma das portas. Nada feito. Estava procurando outra pedra quando um vulto vestido de branco surgiu do lado de dentro, aproximando-se da porta com movimentos nervosos e a destrancando para ela. Era Helga Blamm, que ocasionalmente trabalhava para o dr. Hilarius.

“Depressa”, ela balbuciou, enquanto Édipa pulava para dentro. A mulherzinha estava quase histérica.

“Que que está acontecendo?”, Édipa perguntou.

“Ele enlouqueceu. Tentei chamar a polícia, mas ele pegou uma cadeira e arrebentou a mesa telefônica.”

“O doutor Hilarius?”

“Acha que tem alguém atrás dele. Se trancou no consultório com aquele rifle”, disse Helga, o rosto sulcado de lágrimas ressecadas. Édipa recordava-se do rifle, um Gewehr 43, do tempo da guerra, que ele guardava como lembrança.

“Ele atirou em mim. Você acha que alguém vai avisar a polícia?”

“Olha, ele já atirou numa meia dúzia de pessoas”, respondeu a enfermeira, conduzindo Édipa por um corredor até seu escritório. “Tomara que alguém avise.”

Édipa reparou que a janela oferecia uma via segura de escape.

“Você podia ter fugido.”

Helga, enchendo duas xícaras com água quente da torneira e

nelas misturando café solúvel, levantou os olhos para Édipa com um ar de surpresa. “Ele podia precisar de alguém.”

“Quem é que ele acha que está atrás dele?”

“Três homens com metralhadoras, foi o que disse. Terroristas, fanáticos, é tudo que entendi. Começou a quebrar a mesa telefônica”, ela respondeu, lançando um olhar hostil em direção a Édipa. “Muitas mulheres neuróticas, essa é que é a razão. Kinneret está entupida delas. Ele não agüentou.”

“Estive fora por uns tempos. Talvez eu consiga saber o que há. Talvez ele se sinta menos ameaçado por mim.”

Helga queimou os lábios com o café. “Se você começar a contar a ele teus problemas, provavelmente vai levar um tiro.” Diante da porta do consultório, que não se lembrava de haver visto fechada antes, Édipa ficou algum tempo parada, as mãos nos quadris, indagando-se sobre sua própria sanidade mental. Por que não pulava pela janela da enfermeira e lia o resto nos jornais?

“Quem está aí?”, gritou Hilarius, tendo ouvido a respiração dela ou sabe-se lá o quê.

“Édipa Maas.”

“Eu quero que o Speer e seu ministério de idiotas apodreçam no inferno. Você acredita que metade dessas balas era de festim?”

“Posso entrar? Podemos conversar?”

“Não tenho dúvida de que é isso que vocês todos querem”, disse Hilarius.

“Não tenho arma nenhuma. Pode me revistar.”

“Enquanto você me dá um golpe de caratê na espinha, não é?”

Muito obrigado.”

“Por que você está resistindo a todas as sugestões que eu faço?”

“Olha”, disse Hilarius depois de alguns momentos, “você não acha que eu fui um bom freudiano? Alguma vez me desviei seriamente da doutrina?”

“As vezes você fazia umas caretas”, disse Édipa, “mas não era nada de grave.”

Sua resposta foi uma gargalhada longa e amarga. Édipa esperou. “Eu tentei”, disse o analista por trás da porta, “tentei me submeter àquele homem, ao fantasma daquele judeu ranzinza. Tentei cultivar a crença na verdade literal de tudo que ele escreveu, até mesmo as sandices e as contradições. Era o mínimo que eu podia ter feito, *nicht wahr*? Uma espécie de penitência.

“E uma parte de mim deve ter realmente desejado acreditar, como uma criança que ouve em total segurança uma história de horror, que o inconsciente seria igual a qualquer outro aposento, desde que se deixasse a luz entrar. Que os vultos negros iriam se transformar simplesmente em cavalos de brinquedo ou em móveis Biedermeyer. Que a terapia no final das contas podia domesticar o inconsciente, trazê-lo para a vida em sociedade sem receio de uma recaída. Eu queria acreditar, apesar de tudo que foi minha vida. Você pode imaginar?” Ela não podia, desconhecendo inteiramente o que Hilarius fizera antes de chegar a Kinneret. Ouvia agora, ao longe, as sirenas eletrônicas que a polícia local usava e que soavam como uma língua-de-sogra ampliada através de alto-falantes. Com uma obstinação linear foram se tornando cada vez mais estridentes.

“É, estou ouvindo eles chegarem”, disse Hilarius. “Você acha que

alguém pode me proteger desses fanáticos? Eles atravessam até as paredes. Se multiplicam: a gente escapa de alguns, dobra a esquina, e lá vêm outros em perseguição.”

“Você me faz um favor?”, disse Édipa. “Não atira na polícia, eles estão do seu lado.”

“Esses israelenses podem arranjar qualquer uniforme conhecido”, respondeu Hilarius. “Não posso garantir a segurança desses policiais de mentira. Você não pode garantir para onde vão me levar se eu me entregar, pode?”

Édipa o ouviu andando de um lado para o outro no consultório. Os sons extraterrenos das sirenes convergiam sobre eles de todos os quadrantes da noite. “Há uma careta”, disse Hilarius, “que eu posso fazer. Uma que você nunca viu, nem ninguém neste país. Só fiz uma vez na minha vida e, em algum lugar da Europa Central, o jovem que a viu talvez ainda esteja vivo, apesar de ser hoje apenas um vegetal. Deve ter agora mais ou menos a sua idade. Totalmente insano. Chamava-se Zvi. Quer dizer a esses falsos policiais, ou seja lá o que estão dizendo que são, que eu posso fazer aquela careta outra vez? Tem um raio de ação de cem metros, e qualquer pessoa que tiver a infelicidade de vê-la vai direto para a masmorra escura, cercado de monstros terríveis, e o alçapão se fecha para sempre acima de sua cabeça. Muito obrigado.”

As sirenes tinham chegado em frente à clínica. Édipa ouviu as portas dos carros sendo batidas, policiais gritando e, de repente, um grande estrondo quando forçaram a entrada. A porta do consultório então se abriu e Hilarius, agarrando-a pelo pulso, puxou Édipa para dentro e voltou a trancar a porta. “Quer dizer que agora eu sou uma

refém.”

“Ah”, disse Hilarius, “é você.”

“E com quem você acha que estava até agora...”

“Discutindo meu caso? Com outra pessoa. Há eu e há os outros. Você sabe, estamos descobrindo que, com o LSD, essa distinção começa a desaparecer. Os egos perdem a nitidez de seus contornos. Mas eu nunca tomei essa coisa, preferi manter-me numa paranóia relativa, em que ao menos sei quem eu sou e quem são os outros. Foi por isso que você também se recusou a participar, dona Maas?”, ele perguntou, descansando o rifle sobre o antebraço e dando-lhe um largo sorriso. “Muito bem. Presumo que você tenha uma mensagem deles para mim. O que tem a dizer?”

Édipa deu de ombros. “Que você assuma suas responsabilidades sociais. Aceite o princípio da realidade. Eles são em número maior e têm mais poder de fogo.”

“Ah, um número maior. Lá também eles eram em número maior”, ele disse, olhando-a com um jeito tímido.

“Onde?”

“Onde eu fiz aquela careta. Onde trabalhei como interno depois de me formar em medicina.”

A essa altura Édipa já desconfiava do que ele estava falando, mas, para encurtar a história, repetiu: “Onde?”.

“Buchenwald”, respondeu Hilarius. Os policiais começaram a bater violentamente à porta.

“Ele está armado”, Édipa falou em voz alta, “e eu estou aqui dentro.”

“Quem é a senhora?”, perguntaram. Ela disse. “Como é que se soletra esse primeiro nome?”, continuaram, anotando depois seu endereço, idade, número de telefone, parentes mais próximos e profissão do marido, tudo para passar à imprensa. Durante esse tempo Hilarius estava remexendo na escrivaninha à procura de mais munição. “Você consegue convencê-lo a desistir?”, o policial queria saber. “O pessoal da televisão quer fazer umas tomadas pela janela. Você pode mantê-lo ocupado?”

“Agüenta um pouco”, Édipa aconselhou, “vamos ver.”

“Bom negócio esse que vocês estão combinando aí”, disse Hilarius, sacudindo a cabeça.

“Então você acha que eles estão tentando te levar a Israel para ser julgado, como o Eichmann?”, perguntou Édipa, enquanto o analista continuava a balançar afirmativamente a cabeça. “Por quê? O que você fez em Buchenwald?”

“Trabalhei num projeto para provocar artificialmente a loucura. Um judeu catatônico era tão bom quanto um judeu morto. Os círculos liberais da SS achavam que seria mais humano.” E por isso haviam usado em seus pacientes metrônomos, serpentes, vinhetas de Brecht à meia-noite, a ablação cirúrgica de certas glândulas, alucinações por meio de lanternas mágicas, novas drogas, ameaças transmitidas por alto-falantes ocultos, hipnotismo, relógios que andavam para trás e caretas. Hilarius era o responsável pelas caretas. “Infelizmente, os libertadores aliados chegaram antes que pudéssemos acumular todas as informações necessárias. Com exceção de alguns sucessos espetaculares, como o Zvi, não tínhamos muito a apresentar em matéria de fundamentação estatística”, ele

disse, sorrindo diante da expressão estampada no rosto de Édipa. “Eu sei, você tem ódio de mim. Mas eu não tentei pagar meus pecados? Se eu fosse um verdadeiro nazista teria escolhido Jung, *nicht wahr?* Em vez disso optei por Freud, o judeu. A visão freudiana do mundo não comportava nenhum Buchenwald. Segundo ele, depois que se deixasse a luz entrar, Buchenwald se transformaria num campo de futebol, crianças roliças aprenderiam a fazer arranjos de flores e estudariam solfejo nos quartos de estrangulamento. Em Auschwitz, os fornos seriam usados para fabricar *petit fours* e bolos de casamento, e os foguetes V-2 serviriam de casinhas para os gnomos. Tentei acreditar nisso tudo. Dormia três horas por noite tentando não sonhar, e dedicava as outras vinte e uma a adquirir à força aquela crença. Mas minha penitência não bastou. Eles chegaram como anjos da morte para me pegar, apesar de tudo que tentei fazer.”

“Como vão indo as coisas?”, o policial queria saber.

“Muitíssimo bem”, disse Édipa. “Eu aviso se não houver jeito.” Viu então que Hilarius deixara o Gewehr em cima da escrivaninha e estava do outro lado do consultório, ostensivamente tentando abrir um armário de aço. Apanhou o rifle e apontou-o para ele. “Eu devia te matar”, disse. Sabia que Hilarius tinha querido que ela pegasse a arma.

“Não foi para isso que te mandaram aqui?”, ele perguntou, envesgando e desenesgando os olhos; pôs tentativamente a língua para fora.

“Eu vim na esperança de que você me livrasse de uma fantasia.”

“Cuide bem dela!”, vociferou Hilarius. “E o que mais vocês têm?”

Agarre ela cuidadosamente por seu pequeno tentáculo, não deixe que os freudianos a expulsem com sua lábia ou que os psiquiatras a ponham para fora com venenos. Seja o que for, agarre ela firme, porque ao perdê-la uma parte de você passa para os outros. Você começa a deixar de existir.”

“Entrem!”, gritou Édipa.

Brotaram lágrimas nos olhos de Hilarius. “Você não vai atirar?”

O policial tentou abrir a porta. “Está trancada”, ele disse.

“Bota abaixo!”, Édipa rugiu. “O Hitler Hilarius aqui vai pagar a conta.”

Do lado de fora, vários policiais se aproximaram nervosamente de Hilarius com camisas-de-força e cassetetes de que não necessitariam, enquanto três ambulâncias rivais davam marcha à ré sobre o gramado, lutando pela melhor posição e fazendo com que a soluçante Helga xingasse os motoristas. Édipa, em meio aos holofotes e curiosos, viu uma unidade móvel da ADOF, com seu marido lá dentro falando sem parar ao microfone. Caminhou entre o pipocar de *flashes* e enfiou a cabeça pela janela, dizendo: “Olá”.

Mucho apertou por um momento o botão que desligava o microfone, mas limitou-se a sorrir. Parecia estranho. Como é que alguém ouviria um sorriso? Édipa entrou, procurando não fazer barulho. Mucho espetou o microfone diante dela. “Você vai entrar no ar, fale normalmente”, murmurou, e logo depois, em sua empostada voz radiofônica: “Como se sente depois desse terrível acontecimento?”.

“Terrível”, disse Édipa.

“Ótimo”, disse Mucho. Fez com que ela resumisse para os ouvintes o que se havia passado no consultório. “Muito obrigado, senhora Edna Mosh, por seu relato como testemunha ocular deste dramático cerco à Clínica Psiquiátrica Hilarius. Esta é a Unidade Móvel Dois da ADOF, devolvendo agora a palavra a ‘Rabbit’ Warren em nossos estúdios”, ele concluiu. Desligou o equipamento. Havia algo errado.

“Edna Mosh?”, Édipa perguntou.

“Vai sair certo”, disse Mucho. “Estava compensando pela distorção neste equipamento, e quando eles depois passarem para a fita.”

“Para onde ele está sendo levado?”

“Acho que é para o hospital da cidade, vai ficar em observação. Sei lá o que podem observar.”

“Israelenses entrando pelas janelas. Se não aparecer nenhum, então ele está mesmo maluco.” Alguns policiais se aproximaram e conversaram durante algum tempo. Disseram a Édipa que ficasse em Kinneret no caso de haver um processo judicial. Finalmente ela voltou a seu carro alugado e seguiu Mucho até o estúdio. Naquela noite ele ficaria no ar de uma às seis da manhã.

No vestíbulo que dava para a sala dos matraqueantes teletipos, enquanto Mucho batia à máquina sua reportagem no andar de cima, Édipa encontrou-se com o diretor de programação, Caesar Funch. “É bom vê-la de volta”, ele a saudou, claramente incapaz de lembrar seu primeiro nome.

“É?”, perguntou Édipa. “E por quê?”

“Para ser franco”, confidenciou Funch, “desde que você foi embora o Wendell não é o mesmo.”

“E quem”, disse Édipa, começando a ficar com raiva porque Funch tinha razão, “ele é agora? Ringo Starr? Chubby Checker?”, continuou, enquanto Funch batia em retirada rumo ao saguão, “os Righteous Brothers? E por que você me diz isso?”

“Todos esses, senhora Maas”, disse Funch, tentando desviar o rosto.

“Ah, pode me chamar de Edna. O que você quer dizer com isso?”

“Quando ele não está por perto”, disse Funch em tom de lamúria, “todo mundo chama ele de Irmãos N. Está perdendo sua identidade, Edna. Não sei como explicar melhor. A cada dia o Wendell é menos ele próprio, fica mais genérico. Entra numa reunião de trabalho e, de repente, a sala parece cheia de gente, sabe como é? Ele é uma assembléia ambulante.”

“É imaginação sua”, disse Édipa. “Você voltou a fumar aqueles cigarros que não se compra nas lojas.”

“Você vai ver. Não zombe de mim. Temos que ficar juntos. Quem mais se preocupa com ele?”

Ela ficou sentada, sozinha, num banco do lado de fora do Estúdio A, ouvindo o colega de Mucho, “Rabbit” Warren, anunciar as músicas. Mucho desceu trazendo a matéria, envolto numa serenidade que ela nunca vira antes. Costumava andar com os ombros encurvados e piscar continuamente, mas tudo isso desaparecera. “Espera um instante”, ele disse com um sorriso, dirigindo-se para os fundos do saguão. Ela observou-o pelas costas, tentando ver auras, manifestações iridescentes.

Ainda sobrava algum tempo antes do início de seu programa. Seguiram de carro até um bar e pizzaria no centro da cidade, lá se defrontando através das facetadas lentes douradas de um jarro de cerveja.

“Como vão as coisas com o Metzger?”, ele perguntou.

“Não há nada.”

“Pelo menos, agora já não há mais nada”, disse Mucho. “Senti isso quando você estava falando no microfone.”

“Meus parabéns”, disse Édipa, sem poder decifrar a expressão no rosto dele.

“É incrível, tudo tem... Espera. Presta atenção”, ele disse. Édipa não ouviu nada de especial. “Nessa gravação há dezessete violinos, e um deles... que chato, não sei onde estava, porque a reprodução aqui não é em estéreo”, Mucho disse. Édipa se apercebeu de que ele estava falando da música ambiente, que se infiltrara de forma subliminar e inidentificável desde que haviam chegado no restaurante, uma música toda feita de violinos, flautas e instrumentos de sopro em surdina.

“O que que há?”, ela perguntou, ansiosa.

“É a corda do mi, está afinada alguns ciclos acima do que devia. Não pode ser um músico de estúdio. Edi, será que alguém poderia fazer com essa corda aquilo que fazem com os ossos dos dinossauros? Só usando essas notas na gravação? Descobrir como é o ouvido dele, a musculatura das mãos e dos braços, finalmente o homem todo? Puxa, não seria formidável?”

“E por que alguém ia querer fazer isso?”

“Ele era um músico de verdade. O som não é sintético. Se quisessem, podiam dispensar inteiramente os músicos. Bastava programar os tons certos com a potência certa, ia soar como um violino. Como eu...”, hesitou antes de abrir-se num sorriso radioso, “você vai pensar que eu estou maluco, Edi. Mas posso fazer o mesmo ao inverso. Ouvir qualquer coisa e separar as partes. Uma análise espectrográfica, dentro da minha cabeça. Consigo decompor os acordes, os timbres e até as palavras nas suas frequências e harmonias básicas, com suas diferentes intensidades, ouvindo cada uma delas, cada um dos tons puros, mas tudo ao mesmo tempo.”

“Como é que você consegue fazer isso?”

“É como se eu tivesse um canal próprio para cada som”, disse Mucho, excitado. “E, se preciso de um número maior de canais, posso expandir, simplesmente acrescento quantos canais sejam necessários. Não sei como funciona, mas ultimamente também consigo fazer a mesma coisa quando as pessoas falam. Diga ‘um rico sabor de chocolate’.”

“Um rico sabor de chocolate.”

“É isso mesmo”, disse Mucho, calando-se.

“É isso *o quê?*” perguntou Édipa depois de algum tempo, uma ponta de nervoso na voz.

“Notei isso outra noite quando o Rabbit estava lendo um anúncio. Não importa quem esteja falando, os espectros de potência são os mesmos, com apenas uma pequena diferença percentual para mais ou para menos. Por isso, você e o Rabbit agora têm algo em comum. Mais do que isso. Todos que pronunciam as mesmas palavras são a mesma pessoa se os espectros são iguais e

simplesmente ocorrem em momentos diferentes, você entende? Mas o tempo é arbitrário. Você pode fixar o ponto zero onde quiser, e então dá para mover para o lado a linha temporal de cada pessoa até que todas coincidam. Aí você tem um coro enorme, sei lá, duzentos milhões de pessoas dizendo juntas ‘um rico sabor de chocolate’, e tudo seria a mesma voz.”

“Mucho”, ela disse, impaciente mas flertando também com uma incrível suspeita. “É isso que o Funch estava querendo me dizer quando falou que você está parecendo uma sala cheia de pessoas?”

“É o que eu sou, isso mesmo. Todo mundo é”, disse Mucho. Olhou para ela, talvez tendo vivenciado sua visão de consenso como outras pessoas sentem um orgasmo, o rosto agora distendido, amigável, em paz. Ela não o conhecia. O pânico começou a erguer-se de alguma região sombria de sua mente.

“Agora, toda vez que ponho os fones no ouvido”, ele continuou, “realmente compreendo o que ouço. Quando esses garotos cantam ‘She loves you’, você sabe, ela ama mesmo, ela é uma porção de mulheres no mundo todo, através dos tempos, de várias cores, tamanhos, idades, formas, longe ou perto da hora de morrer, mas ela ama de verdade. E o objeto desse amor é todo mundo. Até ela própria. Édipa, a voz humana é realmente um milagre extraordinário.” Os olhos de Mucho se encheram de lágrimas, refletindo o dourado da cerveja.

“Meu querido”, ela disse, impotente, sem saber o que fazer, sentindo medo por ele.

Mucho pôs sobre a mesa, entre os dois, um frasco de plástico claro. Ela olhou para as pílulas que continha e finalmente

compreendeu: “Isso aí é LSD?”, disse Édipa. Mucho respondeu com um sorriso. “Onde é que você conseguiu?”, ela perguntou, embora já soubesse qual seria a resposta.

“Hilarius. Ele expandiu o programa para incluir os maridos.”

“Muito bem”, disse Édipa, tentando ser prática, “há quanto tempo você vem tomando isso?”

Ele honestamente não se lembrava.

“Então há uma chance de que você ainda não esteja viciado.”

“Edi”, ele disse, olhando-a com um ar perplexo, “a gente não fica viciado. Não vira um drogado. Toma porque é bom. Porque ouve e vê coisas, até sente o cheiro delas, tudo tem um sabor que nunca teve antes. Porque o mundo é tão abundante, não tem limite, minha querida. Você é uma antena, transmitindo tuas ondas através de milhões de vidas a cada noite, e elas são também tuas vidas”, ele continuou em tom paciente, maternal. A vontade de Édipa era dar-lhe um tapa na boca. “As canções, elas não apenas dizem alguma coisa, elas são alguma coisa, feita de sons puros. Alguma coisa nova. E meus sonhos agora são outros.”

“Ah, que maravilha”, disse Édipa, sacudindo os cabelos umas duas vezes, furiosa. “Não tem mais pesadelos? Ótimo. Assim sua amiguinha mais nova, seja quem for, realmente se deu bem. Nessa idade, você sabe, elas precisam dormir um bocado.”

“Não há nenhuma amiguinha, Edi. Deixa eu te contar. O pesadelo que eu costumava ter, sobre a loja de carros, você se lembra? Não podia nem contar tudo para você. Mas agora posso. Não me incomoda mais. Era só aquele letreiro no lado de fora, era isso o que me apavorava. No sonho, eu estava trabalhando normalmente e,

de repente, sem qualquer aviso, aparecia o letreiro. Éramos membros da National Automobile Dealers Association — N.A.D.A. Só aquele letreiro rangendo ao vento, contra o céu azul, e dizendo nada, nada, nada. Eu acordava urrando.”

Édipa se lembrava. Agora ele nunca mais se sentiria perseguido, enquanto contasse com as pílulas. Ela não podia aceitar inteiramente a idéia de que havia visto Mucho pela última vez no dia em que partira para San Narciso. Muito dele já se dissipara desde então.

“Ouve isso, Edi, presta atenção”, ele estava dizendo. Mas ela nem sabia de que canção se tratava.

Quando chegou a hora de voltarem para a estação, Mucho acenou com a cabeça na direção das pílulas. “Pode ficar com essas.”

Ela fez que não com a cabeça.

“Você vai voltar para San Narciso?”

“Vou, esta noite mesmo.”

“E a polícia?”

“Vou virar uma fugitiva.”

Mais tarde ela não se recordava se haviam dito algo mais. Na estação se despediram com um beijo, eles todos. Mucho afastou-se assoviando alguma coisa complicada, dodecafônica. Édipa ficou sentada com a testa apoiada no volante e lembrou-se de que não lhe perguntara nada sobre o carimbo de cancelamento do Tristero na sua carta. Mas já era tarde demais para que isso fizesse qualquer diferença.

6

Quando ela voltou à Morada de Eco, encontrou Miles, Dean, Serge e Leonard sentados com seus instrumentos ao redor e em cima do trampolim da piscina, tão compostos e imóveis que algum fotógrafo, escondido de Édipa, poderia estar tirando o retrato deles para a capa de um álbum.

“Que está acontecendo?”, ela perguntou.

“Seu amigo”, respondeu Miles, “o Metzger, ele realmente fez uma boa com o Serge, nosso contratador. O garotão está na maior fossa.”

“Ele tem razão, dona”, disse Serge. “Até fiz uma música, a letra fala de mim mesmo. E assim.”

A CANÇÃO DE SERGE

Que chance pode ter um garoto de praia

Quando um desses coroas tarados

Dá em cima da namoradinha dele?

Pra mim ela era uma mulher,

Pra ele, uma Lolita a mais.

Por que me enganaram assim,

*Me deixando nessa triste solidão?
Mas vou arranjar um novo amor
E aprendi uma lição
Com a velha geração.
Encontrei uma menina de oito anos,
Espertinha como ela só,
E toda noite nós transamos numa boa
Bem nos fundos da escola primária.*

“Vocês estão tentando me dizer alguma coisa?”, perguntou Édipa.

Disseram-lhe em prosa. Metzger e a namorada de Serge tinham fugido para Nevada a fim de se casarem. Serge, submetido a intenso interrogatório, admitiu que a parte relativa à menina de oito anos até agora não passava de imaginação, mas que andava rondando com afinco os parques da vizinhança e brevemente deveria ter algo a contar. Em seu quarto, sobre o aparelho de TV, Édipa encontrou uma nota de Metzger dizendo-lhe para não se preocupar com o testamento, que transferira a função de inventariante a alguém na firma Warpe, Wistfull, Kubitscheck e McMingus, que eles entrariam em contato com ela e que estava tudo acertado no tribunal. Nem uma palavra que indicasse haverem sido algo mais do que co-inventariantes.

O que deveria significar, pensou Édipa, que era tudo que haviam sido. Devia ter sentido uma sensação mais clássica de rejeição, mas tinha outras coisas na cabeça. Mal terminou de desfazer a mala, ligou

para Randolph Driblette, o diretor. O telefone tocou umas dez vezes até que atendeu uma senhora idosa: “Sinto muito, não temos nada a dizer”.

“Quem está falando?”, perguntou Édipa.

Um suspiro. “É a mãe dele. Vamos dar uma declaração amanhã ao meio-dia. Nosso advogado é quem vai falar pela família.” Desligou. Que diabo, pensou Édipa, o que terá acontecido com o Driblette? Decidiu telefonar outra vez mais tarde. Encontrou o número do professor Emory Bortz no catálogo e teve mais sorte. Atendeu sua mulher, Grace, tendo ao fundo um coro de crianças. “Ele está cimentando o pátio”, disse a Édipa. “Trata-se de uma piada muito boa, que já dura desde abril. Ele se senta ao sol, bebe cerveja com os estudantes, joga as garrafas para as gaiotas. É melhor você falar com ele antes que chegue a esse ponto. Maxine, por que você não joga isso no teu irmão, ele pode sair da frente melhor do que eu. Você sabia que o Emory preparou uma nova edição da obra de Wharfinger? Vai sair...”, mas a data se perdeu em meio a um grande estrondo, acompanhado do riso histérico das crianças e de gritos agudos. “Ah, meu Deus. Você já viu um infanticídio? Então vem cá, pode ser sua única chance.”

Édipa tomou um banho de chuveiro, vestiu saia e suéter, calçou um par de tênis, enrolou o cabelo num penteado estudantil, não abusou da maquilagem. Reconhecendo, com uma vaga sensação de temor, que não estava preocupada com a reação de Bortz nem de Grace, mas do Tristero.

A caminho passou pelo sebo do Zapf e ficou alarmada ao deparar-se com uma ruína carbonizada onde há apenas uma semana

erguia-se a livraria. Pairava ainda no ar o cheiro de couro queimado. Estacionou e entrou na loja ao lado, que vendia excedentes do governo. O proprietário informou-a de que o idiota do Zapf pusera fogo na livraria para receber o seguro. “Bastava uma brisa”, rosnou o irado cidadão, “e eu tinha ido também. De qualquer jeito, só construíram esse conjunto de lojas para durar cinco anos. Mas você acha que o Zapf podia esperar? Livros!”, resmungou o proprietário, dando a impressão de que só não cuspiu porque era muito bem-educado. “Se você quiser vender alguma coisa de segunda mão”, aconselhou a Édipa, “procure antes saber o que está em demanda. Ultimamente só querem saber de rifles. Hoje de manhã veio um sujeito aqui e comprou duzentos de uma vez para um pessoal que gosta de brincar de soldado. Eu podia também ter vendido para ele umas duzentas braçadeiras com a suástica, mas, é uma droga, meu estoque estava esgotado.”

“Sobras do governo com a suástica?”, perguntou Édipa.

“Pô, claro que não”, ele respondeu, com uma piscadela de entendido para entendido. “Eu tenho uma fabriquinha perto de San Diego, com uns dez crioulos que não fazem outra coisa. Você não imagina como está tendo saída. Anunciei numas dessas revistas de mulher nua e tive que contratar mais uns dois crioulos só para cuidar da correspondência.”

“Como você se chama?”

“Winthrop Tremaine”, respondeu o dinâmico empresário, “Winner para os amigos. Olhe, agora estamos fechando um negócio com uma das maiores lojas de roupas de Los Angeles para lançar uniformes da SS no outono. A idéia é aproveitar a época da volta às

aulas, a maioria é no tamanho 46, você sabe, para esses garotões. Quem sabe na próxima estação podemos aproveitar a maré e lançar uma versão especial para mulheres. Que que você acha?”

“Depois eu te digo, vou pensar no assunto”, respondeu Édipa. Saiu da loja pensando se deveria tê-lo xingado, ou tentado atacá-lo com qualquer um dos muitos objetos grossos e pesados a seu alcance. Não teria havido testemunhas. Por que não o fez?

Você é uma covarde, ela se disse, prendendo com um repelão o cinto de segurança. Estes são os Estados Unidos da América, você vive aqui, deixa que tudo isso aconteça. E continue a crescer. Dirigiu selvagemmente pela auto-estrada, à cata de Volkswagens. Ao chegar ao bairro onde Bortz morava, um loteamento à beira d’água no estilo das Lagunas Fangoso, só estava um pouco trêmula e sentia alguma náusea no estômago.

Foi recebida por uma menininha gorda com a cara lambuzada de uma substância azul. “Olá”, disse Édipa, “você deve ser a Maxine.”

“A Maxine está na cama. Jogou uma garrafa de cerveja do papai no Charles e quebrou o vidro da janela. Mamãe deu uma surra nela. Se fosse minha filha, eu afogava ela.”

“Não me havia ocorrido essa idéia”, disse Grace Bortz surgindo da penumbra da sala de estar. “Vem aqui”, dirigiu-se à menina, começando a limpar seu rosto com um pano de prato úmido. “Como é que você conseguiu se livrar dos teus hoje?”

“Não tenho filhos”, respondeu Édipa, seguindo-a em direção à cozinha.

Grace pareceu surpresa. “Há um certo ar de preocupação que a gente reconhece logo. Pensei que só as crianças causassem isso.

Estou vendo que não.”

Emory Bortz estava recostado numa rede e cercado por três estudantes de pós-graduação, dois rapazes e uma moça, todos empapados de cerveja, além de um incrível número de garrafas vazias. Édipa encontrou uma cheia e sentou-se na grama. “Gostaria de saber”, mergulhou logo depois no assunto, “alguma coisa sobre o Wharfinger histórico. Não tanto sobre sua obra.”

“O Shakespeare histórico”, grunhiu um dos estudantes através de espessa barba, abrindo outra garrafa. “O Marx histórico. O Jesus Cristo histórico.”

“Ele tem razão”, disse Bortz, dando de ombros, “estão todos mortos. O que é que sobra?”

“Palavras.”

“Escolha algumas palavras”, disse Bortz. “Sobre elas podemos conversar.”

“ ‘Não há fada madrinha que proteja’ ”, Édipa recitou, “ ‘Quem cruzou os caminhos de Tristero.’ *A tragédia do mensageiro*, ato IV, cena 8.”

Bortz a olhou, piscando. “E como você teve acesso à Biblioteca do Vaticano?”

Édipa mostrou-lhe o livro de bolso com os versos. Bortz, inspecionando a página, tateou em busca de outra cerveja. “Meu Deus, fui pirateado, eu e Wharfinger, fomos expurgados ao contrário ou sei lá o quê”, anunciou. Virou as páginas para o começo do livro, a fim de ver quem havia copiado sua edição da obra de Wharfinger. “Não teve a coragem de assinar. Merda. Vou ter de escrever para os

editores. K. da Chingado e Cia.? Já ouviram falar neles? Nova York...”, continuou, olhando uma ou duas páginas contra o sol. “Impresso em *off-set*”, sentenciou. Aproximou o nariz do papel. “Erros de impressão. Horrível. Corrompido”, disse, jogando o livro sobre a grama e o olhando com desprezo. “Então, como é que *eles* tiveram acesso ao Vaticano?”

“O que é que existe no Vaticano?”, Édipa perguntou.

“Uma versão obscena da *Tragédia do mensageiro*. Só vim a conhecê-la em 61, se não teria mencionado numa nota em minha edição anterior.”

“E o que eu vi no Teatro do Tanque não era obsceno?”

“A produção do Randy Driblette? Não, achei que era extraordinariamente casta”, disse ele, olhando com ar triste para o céu acima da cabeça de Édipa. “Ele tinha um senso moral muito peculiar. Na verdade, não se sentia nem um pouco responsável para com as palavras; mas, com relação ao campo invisível que envolvia a peça, aí ele era sempre intensamente fiel. Se havia alguém capaz de evocar esse Wharfinger histórico que você está procurando, esse alguém era Randy. Nunca conheci ninguém tão próximo do autor, do microcosmo daquela peça como deve ter permeado a mente de Wharfinger.”

“Mas você está falando no passado”, disse Édipa, o coração batendo forte, lembrando-se da senhora idosa ao telefone.

“Você não ouviu falar?”, Bortz perguntou, enquanto todos olhavam para ela. A morte passou deslizando, sem fazer sombra, em meio às garrafas vazias sobre a grama.

“Randy entrou Pacífico adentro há duas noites”, finalmente disse

a moça. Os olhos dela estavam vermelhos desde que Édipa chegara. “Vestindo a roupa do Gennaro. Ele morreu, isso aqui é um velório.”

“Tentei falar com ele pelo telefone hoje de manhã”, foi tudo que lhe ocorreu dizer.

“Foi logo depois que destruíram o cenário da *Tragédia do mensageiro*”, disse Bortz.

Até um mês atrás a próxima pergunta de Édipa seria “Por quê?”. Mas agora se manteve em silêncio, esperando, como que para ser iluminada.

Eles estão me despojando, ela se disse mentalmente, sentindo-se como uma cortina tremulante numa janela muito alta, que se movia em direção a eles por cima do abismo, estão eliminando, um a um, meus homens. Meu analista, perseguido por israelenses, ficou louco; meu marido, viciado em LSD, tateia no escuro como uma criança, penetrando mais e mais fundo na sucessão infinita de quartos da complexa casa de confeitos que é ele próprio, afastando-se cada vez mais, sem esperança de retorno, daquilo que parecia ser, daquilo que eu desejava que fosse o nosso amor; meu único caso extraconjugal fugiu com uma menina depravada de quinze anos; meu melhor guia para chegar ao Tristero suicidou-se. Onde é que eu estou? “Sinto muito”, Bortz também havia dito, observando-a. Édipa não desistiu. “Ele só usou isso para montar o roteiro da peça?”, perguntou, apontando para o livro de bolso.

“Não”, Bom respondeu, franzindo a testa. “Usou o livro de capa dura, o que eu editei.”

“Mas, na noite em que você assistiu à peça”, ela continuou, a luz do sol brilhando forte demais nas silenciosas garrafas em volta deles,

“como terminava o quarto ato? Qual era a fala de Driblette, do Gennaro, quando estão todos de pé na beira do lago, depois do milagre?”

“ ‘Aquele que por último avistamos’ ”, recitou Bortz, “ ‘Portando a flâmula de Thurn und Taxis, Jamais retornará a seu torrão, Jacita para sempre a trompa de ouro.’ ”

“Certo”, concordaram os estudantes, “é isso mesmo.”

“Só isso? E o resto? E os dois outros versos?”

“No texto que eu pessoalmente adoto”, disse Bortz, “a última linha foi suprimida. O livro no Vaticano não passa de uma paródia obscena. O final ‘Quem a sanha de Ângelo desperta’ foi incluído pelo impressor da edição *in-quarto* de 1687. A versão ‘Whitechapel’ é corrupta. Por isso o Randy fez o que devia, deixou simplesmente de fora a parte duvidosa.”

“Mas na noite em que eu fui lá”, disse Édipa, “o Driblette sem dúvida usou os versos do Vaticano, pronunciou a palavra Tristero.”

O rosto de Bortz manteve-se neutro. “Isso era com ele. Era ao mesmo tempo diretor e ator, não é verdade?”

“Mas seria só um...”, ela gesticulou em círculos com as mãos, “só um capricho? Usar dois outros versos assim, sem dizer a ninguém?”

“O Randy”, rememorou o terceiro estudante, um rapaz atarracado com óculos de aros de chifre, “era assim, se havia alguma coisa roendo ele por dentro, em geral, de um jeito ou de outro, botava para fora em cena. E possível que, para sentir melhor o espírito da peça, ele tenha lido uma porção de versões, não necessariamente por causa das palavras, e vai ver que foi assim que

encontrou esse teu livro de bolso com a variante.”

“Então”, ela concluiu, “alguma coisa deve ter acontecido em sua vida privada, alguma coisa deve ter mudado drasticamente naquela noite, e foi isso que o fez acrescentar aqueles versos.”

“Talvez sim, talvez não”, disse Bortz. “Você acha que a mente humana é uma mesa de bilhar?”

“Espero que não.”

“Vamos lá dentro ver uns desenhos pornográficos”, Bortz convidou-a, rolando para fora da rede, enquanto os estudantes continuavam a beber cerveja. “São microfilmes ilícitos das ilustrações da edição do Vaticano. Contrabandeados em 1961. Eu e Grace estávamos lá com uma bolsa de estudos.”

Entraram num quarto que era uma combinação de oficina e escritório. Em algum lugar distante na casa crianças gritavam, um aspirador de pó gemia. Bortz baixou as persianas, remexeu numa caixa cheia de diapositivos, selecionou alguns, ligou um projetor e apontou-o para a parede.

As ilustrações eram xilogravuras, executadas com aquela prensa simplista de ver o produto acabado que caracteriza o amador. A verdadeira pornografia nos é propiciada por profissionais extraordinariamente pacientes.

“O artista é anônimo”, disse Bortz, “assim como o poetastro que reescreveu a peça. Nessa versão, o Pasquale, você se lembra, um dos vilões, realmente se casa com a mãe dele e há uma cena inteira dedicada à noite de núpcias”, continuou, trocando o diapositivo. “Dá para perceber logo a idéia básica. Preste atenção com que freqüência a figura da Morte aparece no segundo plano. A ira moral é um

atavismo, coisa tipicamente medieval. Nenhum puritano jamais chegou a esse grau de violência. Exceto talvez os scurvhamitas. Segundo o D'Amico, essa edição é um projeto scurvhamita.”

“Scurvhamita?”

No reino de Carlos I, Robert Scurvham fundara uma seita que reunia os mais puros puritanos. Preocupavam-se em especial com a predestinação. Havia dois tipos. Nada para um scurvhamita jamais acontecia por acaso, a Criação era uma vasta e intrincada máquina. Mas uma parte dela, a parte scurvhamita, funcionava de acordo com a vontade de Deus, sua força motriz. O resto funcionava segundo um Princípio oposto, algo cego e sem alma, num automatismo irracional que conduzia à morte eterna. A idéia consistia em atrair novos adeptos para a divina e predestinada confraria dos scurvhamitas. Mas, sabe-se lá como, aqueles poucos scurvhamitas salvos da perdição contemplavam a reluzente maquinaria dos condenados com um misto de fascinação mórbida e horror, e isso se provou fatal. Um por um foram seduzidos pela perspectiva deslumbrante do aniquilamento, até que não sobrou ninguém na seita. O próprio Robert Scurvham, como um comandante de navio, foi o último a abandoná-la.

“E o que tinha Richard Wharfinger a ver com eles?”, perguntou Édipa. “Por que fariam uma versão obscena de sua peça?”

“Como um exemplo moral. Não gostavam do teatro. Era um modo de se afastarem totalmente da peça, colocando-a no inferno. A melhor maneira de condená-la à perdição eterna era modificar as palavras. Lembre-se de que os puritanos eram totalmente devotados, como os críticos literários, à Palavra.”

“Mas o verso sobre Tristero não é obsceno.”

Ele coçou a cabeça. “Mas se ajusta à teoria, não é mesmo? A ‘fada madrinha’ representa a vontade de Deus. Mas nem isso serve para proteger quem entra em choque com Tristero, quem cruza seus caminhos. Quer dizer, se o problema consistisse apenas em enfrentar a sanha, a luxúria de Ângelo, ora, aí então haveria muitas maneiras de se livrar disso. Por exemplo, saindo do país. Ângelo não passava de um homem. Mas o Outro irracional, aquele que fazia com que o mundo não scurvhamita funcionasse como um mecanismo de relógio, esse já era um troço diferente. Evidentemente, eles acharam que Tristero simbolizaria muito bem o Outro.”

Já não tinha mais como adiar. Invasa outra vez por aquela sensação leve e vertiginosa de que avoejava por sobre o abismo, disparou a pergunta que tinha ido lá para fazer: “O que era o Tristero?”.

“Uma das várias áreas de pesquisa que se abriram depois que saiu minha edição de 1957. Desde então encontramos algumas velhas fontes de informação muito interessantes. Minha edição revista, segundo me dizem, deve sair no ano que vem. Enquanto isso...”, disse Bortz, dirigindo-se a uma estante com porta de vidro, cheia de velhos livros, de onde tirou um volume encadernado com couro de bezerro já muito gasto, de cor marrom-escura. “Aqui está. Guardo tudo que se refere a Wharfinger trancado nessa estante, para as crianças não pegarem. O Charles podia fazer um monte de perguntas que eu ainda sou jovem demais para responder.” O livro intitulava-se *Um relato das singulares peregrinações do dr. Diocletian Blobb entre os italianos, ilustrado com casos exemplares da verdadeira história daquela bizarra e fantástica raça.*

“Para sorte minha”, disse Bortz, “Wharfinger, assim como Milton, tinha um caderno em que anotava citações e fatos recolhidos em suas leituras. Por aí é que ficamos sabendo das *Peregrinações* de Blobb.”

O texto estava repleto de palavras terminadas em “e”, os “s” pareciam “f”, substantivos com a inicial maiúscula, “y” no lugar de “i”. “Não sou capaz de ler isso”, disse Édipa.

“Tente. Tenho que me despedir da rapaziada. Acho que é no capítulo sete”, disse, desaparecendo e deixando Édipa diante do tabernáculo. Na realidade, o que ela queria estava no capítulo oito, um relato do encontro do próprio autor com os bandidos do Tristero. Diocletian Blobb decidira atravessar uma região montanhosa praticamente deserta numa diligência de correios pertencente ao sistema “Torre e Tassis”, que Édipa supôs ser a grafia italiana de Thurn und Taxis. Sem qualquer aviso, às margens do que Blobb chamou de “lago da Piedade”, foram atacados por um bando de cavaleiros envoltos em capas pretas, com quem mantiveram uma luta encarniçada e silenciosa sob o vento gélido que soprava do lago. Os salteadores usaram clavas, arcabuzes, punhais e, por fim, lenços de seda para despachar os que ainda respiravam. Todos, exceto o dr. Blobb e seu criado, que desde o início se haviam dissociado do entrevero, proclamando em alto e bom som que eram súditos britânicos e, vez por outra, “aventurando-se a cantar alguns de nossos mais edificantes hinos religiosos”. Édipa surpreendeu-se com o fato de haverem escapado, diante do que parecia ser a obsessão do Tristero com a segurança.

“Será que o Tristero estava tentando abrir uma filial na Inglaterra?”, Bortz sugeriu alguns dias depois.

Édipa não tinha idéia. “Mas por que poupar a vida de um chato insuportável como o Diocletian Blobb?”

“Dá para se conhecer um falastrão daqueles à distância”, disse Bortz. “Mesmo no frio, mesmo num acesso de fúria sanguinária. Se eu quisesse divulgar alguma coisa na Inglaterra, para preparar o terreno, acharia ele perfeito. Naquela época o Tristero estava a favor da contra-revolução. Pense bem, na Inglaterra o rei estava prestes a ser decapitado. Não podia ser melhor.”

O líder dos bandidos, após recolher os sacos de correspondência, tirara Blobb da carruagem e se dirigira a ele num inglês impecável: “O senhor foi testemunha da cólera do Tristero. Saiba que não somos desprovidos de piedade. Diga a seu rei e a seu Parlamento o que fizemos. Diga-lhes que seremos vitoriosos. Que nem as tempestades, nem as lutas, nem as feras mais bravias, nem a solidão do deserto, nem mesmo os usurpadores de nossa legítima herança poderão jamais deter nossos mensageiros”. Dito isto, os salteadores, suas capas estalando ao vento como negras velas, desapareceram rumo às montanhas mergulhadas no crepúsculo, deixando intocados os ingleses e seus pertences.

Blobb indagou nas redondezas pela organização do Tristero, encontrando bocas bem fechadas no mais das vezes. Foi capaz, porém, de colher alguns fragmentos. Assim como, nos dias que se seguiram, o fez Édipa. Valendo-se de obscuras revistas filatélicas fornecidas por Genghis Cohen, de uma nota ambígua no livro de Motley intitulado *A ascensão da República holandesa*, de um panfleto escrito oitenta anos antes sobre as origens do anarquismo moderno, de uma coleção de sermões do irmão de Blobb, Augustine, que também fazia parte das obras de Bortz referentes a Wharfinger,

bem como das informações originais do próprio professor, Édipa pôde costurar um relato acerca dos primórdios da organização.

Em 1577, as províncias setentrionais dos Países Baixos, sob o comando do nobre protestante Guilherme de Orange, vinham lutando há nove anos para se tornarem independentes da Espanha católica e do imperador do Sacro Império Romano-Germânico. Em fins de dezembro, Orange, que dominava na prática os Países Baixos, entrou triunfalmente em Bruxelas a convite do Comitê dos Dezoito. Tratava-se de uma junta de calvinistas fanáticos, convencidos de que os Estados-Gerais, sob o jugo das classes privilegiadas, não mais representavam os artesãos e haviam perdido inteiramente o contato com o povo. O comitê estabeleceu uma espécie de Comuna em Bruxelas. Tinha o controle da polícia, ditava todas as decisões aos Estados-Gerais e terminou por depor vários altos dignitários da cidade. Entre eles contava-se Leonard I, barão de Taxis, cavaleiro da Câmara Privada do imperador e barão de Buysinghen, além de, a título hereditário, grão-mestre dos correios dos Países Baixos e responsável pelo monopólio de Thurn und Taxis. Substituiu-o um certo Jan Hinckart, lorde de Ohain e fiel aliado de Orange. Nesse ponto entra em cena a figura do fundador, Hernando Joaquín de Tristero y Calavera, talvez um louco, talvez um autêntico rebelde, segundo alguns mero vigarista. Tristero se dizia primo de Jan Hinckart como membro do ramo espanhol e legítimo da família; alegava, assim, ser o verdadeiro lorde de Ohain e herdeiro por justiça de tudo o que pertencia a Jan Hinckart, inclusive sua recente designação como grão-mestre dos correios.

De 1578 até março de 1585, quando Alexandre Farnese retomou Bruxelas para o imperador, Tristero conduziu uma autêntica

guerrilha contra seu primo, se é que Hinckart era mesmo primo dele. Sendo espanhol, não recebeu grande apoio. Durante a maior parte do tempo, sua vida sofria ameaças de todos os lados. Mesmo assim, tentou por quatro vezes assassinar o chefe dos correios de Orange, embora sem êxito.

Jan Hinckart foi destituído por Farnese, que reconduziu ao cargo Leonard I, o grão-mestre de Thurn und Taxis. Mas havia sido um período de grande instabilidade para o monopólio. Suspeitando que o ramo da família radicado na Boêmia inclinava-se fortemente em favor dos protestantes, o imperador Rodolfo II deixou por algum tempo de usar o sistema de correios de Thurn und Taxis, causando-lhe imensos prejuízos.

Talvez tenha sido a visão de uma estrutura de poder de âmbito continental, passível de ter sido assumida por Hinckart quando se encontrava debilitada e periclitante, o que inspirou Tristero a estabelecer seu próprio sistema. Aparentemente era uma pessoa muito instável, capaz de aparecer de surpresa numa função pública e lançar-se num discurso. Seu tema constante era a deserdação. O monopólio postal pertencia a Ohain por direito de conquista, e Ohain pertencia a Tristero por direito de sangue. Intitulou-se a si próprio *El Desheredado* e desenhou uma indumentária negra para seus seguidores, a cor representando a única coisa que realmente lhes pertencia no exílio: a noite. Pouco depois acrescentou a sua iconografia a trompa postal com surdina e um texugo morto, as quatro patas no ar (segundo alguns, o nome Taxis derivava do italiano *tasso*, texugo, numa referência aos chapéus feitos com a pele daquele animal e usados pelos antigos mensageiros da região de Bérghamo). Lançou-se numa campanha *sub rosa* de obstrução, terror

e pilhagem ao longo das rotas de correio de Thurn und Taxis.

Édipa passou os dias que se seguiram entrando e saindo de bibliotecas, mantendo intensas discussões com Emory Bortz e Genghis Cohen. Sentia algum receio pela segurança dos dois em vista do que estava acontecendo a todas as outras pessoas que conhecia. Um dia após ter lido as *Peregrinações* de Blobb, Édipa, na companhia de Bortz, Grace e dos estudantes de pós-graduação, compareceu ao enterro de Randolph Driblette, onde ouviram o impotente e desconsolado panegírico pronunciado por seu irmão mais moço e viram a mãe dele chorar, espectral no *smog* vespertino. Voltaram à noite para sentar-se em volta da sepultura e beber moscatel do vale do Napa, que Driblette em vida consumira aos barris. Não havia lua, o *smog* cobria as estrelas, tudo negro como um cavaleiro do Tristero. Édipa, sentada na terra, o traseiro ficando enregelado, pensou se de fato, como Driblette lhe havia sugerido naquela noite de dentro do chuveiro, alguma versão dela própria não desaparecera junto com ele. Talvez sua mente continuaria a flexionar músculos psíquicos que não mais existiam; seria traída e ridicularizada por um fantasma de si mesma, assim como o amputado o é pelo fantasma de seu membro. Algum dia poderia substituir a parte dela que se perdera por uma prótese, um vestido de determinada cor, uma frase numa carta, outro amante. Tentou fazer contato com qualquer tenacidade codificada de proteína que, improvavelmente, pudesse subsistir seis pés abaixo da superfície, resistindo ainda à decomposição: uma obstinada quietude que talvez estivesse acumulando energias para a derradeira arremetida, a derradeira escalada terra acima, bruxuleante, construindo com suas últimas forças uma transitória forma alada que precisava atingir logo

um ninho cálido ou se dissiparia para sempre nas trevas. Se você vier a mim, Édipa rezou, traga suas memórias da última noite. Se for necessário aliviar a carga, traga apenas os últimos cinco minutos, que devem ser o suficiente. Contanto que eu saiba se o seu passeio no mar teve algo a ver com o Tristero. Se livraram-se de você pela mesma razão que se livraram de Hilarius, de Mucho, de Metzger, quem sabe pensaram que eu não precisava mais de você. Estavam errados. Eu precisava de você. Basta que me traga aquela memória, e eu te deixarei viver comigo pelo tempo que me resta. Lembrou-se da cabeça dele boiando no vapor do chuveiro e dizendo: “Você poderia se apaixonar por mim”. Mas será que ela poderia tê-lo salvo? Olhou para a moça que lhe dera a notícia de sua morte. Será que tinham sido amantes? Saberla ela por que Driblette acrescentara os dois versos naquela noite? Será que *ele próprio* sabia por quê? Ninguém jamais descobriria a razão. Uma centena de problemas — sexo, dinheiro, doença, desespero com as condições do país e do momento histórico, e o que mais fosse. Não havia motivos mais claros para o acréscimo dos versos do que para seu suicídio. Em ambos existia a mesma dose de capricho. Talvez — ela sentiu-se por um instante penetrada, como se a centelha alada de fato houvesse encontrado abrigo no santuário de seu coração —, talvez, erguendo-se do mesmo labirinto escorregadio, o acréscimo daqueles dois versos lhe tivesse servido, de uma forma que nunca seria explicada, como ensaio para sua incursão noturna no vasto poço de sangue primevo que é o Pacífico. Esperou que a luminosidade alada anunciasse ter chegado a salvo. Mas tudo era silêncio. Driblette, ela chamou, o sinal ecoando através de quilômetros e quilômetros de convolutos circuitos cerebrais. Driblette!

Mas, tal como ocorrera com o Demônio de Maxwell, não obteve resposta. Ou era incapaz de se comunicar ou ele não existia.

Além de suas origens, as bibliotecas nada mais lhe disseram sobre o Tristero. Tanto quanto sabiam, o sistema não sobrevivera à luta pela independência holandesa. Para conhecer o resto, precisou fazer um contorno pelo lado de Thurn und Taxis. Isso tinha seus perigos. Para Emory Bortz, a coisa toda parecia transformar-se numa espécie de brincadeira de salão. Por exemplo, ele defendia uma teoria do espelho, pela qual qualquer período de instabilidade para o sistema Thurn und Taxis devia se refletir na organização fantasma de Tristero. Usou a idéia para explicar a misteriosa razão pela qual o temido nome só aparecera em letra de fôrma por volta de meados do século XVII. Como teria a estrofe do Vaticano, após a supressão do verso que continha a palavra “Tristero”, aparecido na edição *in-fólio*? De onde viera a audácia de pelo menos sugerir a existência de um rival de Thurn und Taxis? Bortz sustentava que devia ter ocorrido uma crise interna muito séria no sistema Tristero para impedi-los de retaliar. Talvez a mesma crise que os impedira de eliminar o dr. Blobb.

Mas, se Bortz era capaz de fazer desabrochar meras palavras para criar rosas tão artificiais, sob qual delas, na sombra rubra e perfumada, a negra história deslizara sem ser vista? Quando em 1628 morreu Leonard II-Francis, conde de Thurn und Taxis, sua mulher, Alexandrine de Rye, sucedeu-o nominalmente como chefe dos correios, embora seu mandato nunca fosse considerado oficial. Aposentou-se em 1645. O verdadeiro controle do monopólio permaneceu incerto até 1650, quando foi assumido pelo herdeiro seguinte do sexo masculino, Leonard II-Claude-Francis. Enquanto

isso, em Bruxelas e Antuérpia, o sistema dava sinais de decadência. Os serviços postais privados haviam usurpado tantas funções das concessões imperiais que, nas duas cidades, as agências de Thurn und Taxis tinham fechado suas portas.

Como, perguntou Bortz, teria o Tristero reagido a isso? Segundo ele, é bem provável que uma facção militante tivesse proclamado que chegara o grande dia, advogando a conquista pela força enquanto o inimigo encontrava-se vulnerável. Mas o grupo conservador teria preferido manter-se na oposição, exatamente como vinha fazendo o Tristero nos últimos setenta anos. Talvez também existissem alguns visionários, homens capazes de se elevar acima dos interesses imediatistas e de pensar em termos históricos. Pelo menos um dentre eles suficientemente arguto para prever o fim da Guerra dos Trinta Anos, a Paz de Vestfália, a desintegração do Império, a queda iminente no particularismo.

“Ele se parece com Kirk Douglas”, exclamou Bortz, “carrega uma espada e seu nome tem um quê de bravio, como Konrad. Estão reunidos na sala dos fundos de uma taverna, aquelas raparigas com blusas de camponesas levam canecas de cerveja de um lado para o outro, estão todos excitados e gritando. De repente, Konrad pula em cima de uma mesa. Faz-se silêncio. ‘A salvação da Europa’, diz Konrad, ‘depende da comunicação, certo? Estamos confrontados com esta anarquia de ciumentos príncipes germânicos, centenas deles envolvidos em intrigas e contra-intrigas, lutando entre si, dissipando toda a força do Império em suas pendengas inúteis. Mas quem quer que fosse capaz de controlar as linhas de comunicação entre todos esses príncipes também os controlaria. Essa rede um dia poderia unificar o continente. Por isso, eu proponho que nos

associemos a nosso velho inimigo Thurn und Taxis...’ Suas palavras foram interrompidas por gritos de não, nunca, fora com o traidor, até que uma das moçoilas apaixonada por Konrad, uma simples *starlet*, põe para dormir seu mais estentóreo oponente com uma canecada na cabeça. ‘Juntos’, Konrad retoma o discurso, ‘nossos dois sistemas seriam invencíveis. Poderíamos recusar-nos a servir quem não tivesse uma base imperial. Ninguém seria capaz de movimentar tropas, produtos agrícolas, nada mesmo, sem nós. Qualquer príncipe que tentasse iniciar um sistema de mensageiros, acabaríamos com ele. Nós, que por tanto tempo fomos deserdados, poderíamos ser os herdeiros da Europa!’ Prolongados vivas.”

“Mas *eles* não impediram o Império de se desintegrar”, Édipa assinalou.

“Vai ver”, disse Bortz, iniciando a retirada, “os militantes e os conservadores lutaram sem que houvesse um vencedor; Konrad e seu pequeno grupo de visionários, como bons sujeitos que eram, tentaram mediar a disputa, mas, quando tudo se resolveu, estavam todos esgotados, o Império já se havia desfeito, os Thurn und Taxis se recusaram a fazer qualquer negócio.”

E, com o fim do Sacro Império Romano-Germânico, a fonte de legitimidade de Thurn und Taxis perdeu-se para sempre, juntamente com outras esplêndidas ilusões. Amplia-se o potencial de paranóia. Se o Tristero tivesse conseguido manter-se ainda que parcialmente oculto, se os dirigentes de Thurn und Taxis não soubessem com precisão quem era seu adversário ou até onde chegava sua influência, então muitos deles terminariam por acreditar em algo bastante similar ao anti-Cristo cego e automático dos scurvhamitas. Fosse o que fosse, tinha o poder de assassinar seus mensageiros e de

provocar tonitruantes avalanches sobre as estradas que usavam, gerando com isso competidores locais e, mais tarde, até mesmo monopólios postais de âmbito nacional, desintegrando o império Thurn und Taxis. Era o fantasma decidido a destruí-los impiedosamente.

No entanto, ao longo do século e meio que se seguiu, a paranóia regride à medida que terminam por descobrir o Tristero de carne e osso. O poder, a onisciência e a maldade implacável, atributos do que até então pensavam ser um princípio histórico, um *Zeitgeist.*, são transferidos para o inimigo agora sabidamente humano. Tanto que, em 1795, chegou-se a sugerir que o Tristero estava por trás de toda a Revolução Francesa como um simples pretexto para que fosse aprovada a Proclamação de 9 de Frimário do Ano III, ratificando o fim do monopólio postal de Thurn und Taxis na França e nos Países Baixos.

“Mas quem sugeriu isso?”, perguntou Édipa. “Você leu isso em algum lugar?”

“E isso não teria ocorrido a alguém?”, disse Bortz. “Talvez não.”

Ela não quis levar a discussão adiante. Ultimamente relutava em insistir sobre qualquer coisa. Por exemplo, não havia perguntado a Genghis Cohen se o Comitê de Peritos chegara a alguma conclusão acerca dos selos que ele lhes havia enviado. Sabia que, se voltasse ao Refúgio do Entardecer para falar outra vez com o velho sr. Thoth de seu avô, descobriria que ele também havia morrido. Sabia que deveria escrever para a firma K. da Chingado, que publicara a inexplicável *Tragédia do mensageiro* em edição de bolso, mas não o fez e nunca perguntou a Bortz se ele o fizera. Pior que tudo,

descobriu-se fazendo absurdos esforços para evitar falar sobre Randolph Driblette. Sempre que aparecia a estudante, aquela que participara do velório, Édipa inventava uma desculpa para ir embora. Sentia que estava traindo Driblette e a si própria. Mas não ia mais fundo, ansiosa para que sua revelação não crescesse além de certo ponto. Sob pena de que talvez se tornasse maior do que ela e a engolisse. Quando Bortz certa noite perguntou-lhe se podia chamar o D'Amico, que lecionava na Universidade de Nova York, Édipa disse-lhe que não, depressa demais, nervosa demais. Ele jamais voltou a mencionar o assunto e, obviamente, ela também não.

Mas voltou uma noite ao Escopo, inquieta, sozinha, temerosa do que poderia encontrar. Encontrou Mike Fallopian, com uma barba de duas semanas, vestindo uma camisa verde-oliva, calças vincadas de corte militar sem bainhas ou presilhas para o cinto, túnica de dois botões, sem chapéu. Estava cercado por um grupo de mulheres, bebendo coquetéis de champanhe e cantando a plenos pulmões. Ao ver Édipa, abriu-se num largo sorriso e fez sinal para que se aproximasse.

“Você está com uma pinta incrível. Como se estivesse em plena ação, treinando rebeldes nas montanhas”, disse ela. Com olhares hostis, as moças continuavam enroscadas nas partes ainda acessíveis de Fallopian.

“É um segredo revolucionário”, ele disse, rindo. “Agora me dêem um tempo, vocês todas, quero falar com ela”, continuou e, com um movimento dos braços, livrou-se de algumas seguidoras. Quando estavam todas fora do alcance de sua voz, fixou-a com um olhar simpático, irritado, talvez um pouco erótico. “Como vai sua busca?”

Édipa apresentou um relatório sucinto. Fallopian ficou em silêncio enquanto ela falava, sua expressão transformando-se gradualmente em algo que ela não podia reconhecer. Isso a incomodou. Para sacudi-lo um pouco, disse: “Me surpreende que vocês também não estejam usando o sistema”.

“E nós por acaso estamos na clandestinidade?”, ele retrucou, com bastante suavidade. “Somos marginais?”

“Não quis dizer...”

“Talvez ainda não os descobrimos. Ou talvez eles não tenham entrado em contato conosco. Ou talvez já estejamos usando a M.O.I.T.A., só que ainda é segredo”, disse Fallopian, enquanto a música eletrônica começava a invadir o bar. “Mas há também outra possibilidade”, ele continuou. Ela pressentiu o que ele ia dizer e, por reflexo, começou a trincar os molares posteriores, um tique nervoso que adquirira nos últimos dias. “Já te ocorreu alguma vez, Édipa, que alguém está te gozando? Que isso tudo é uma brincadeira, talvez alguma coisa montada pelo Inverarity antes de morrer?”

Já lhe tinha ocorrido. Mas, tal como o pensamento de que um dia teria de morrer, Édipa vinha evitando teimosamente encarar de frente essa possibilidade, ou só o fazia de uma forma muito, muito accidental. “Não”, respondeu, “isso é ridículo.” Fallopian olhou-a com um nítido ar de compaixão. “Você precisa”, em voz mansa, “precisa mesmo pensar nisso. Anote o que não pode negar. As informações irrefutáveis. Mas depois anote também o que é simples especulação, o que você presumiu. Estude o resultado. Pelo menos isso.”

“Continue”, ela disse, friamente, “pelo menos isso. E depois, o que mais?”

Fallopian sorriu, talvez tentando salvar aquilo que estava se estilhaçando sem fazer qualquer ruído, a rede de invisíveis rachaduras propagando-se lentamente no ar entre eles. “Por favor, não fica aborrecida.”

“Quer dizer que preciso verificar minhas fontes”, disse Édipa com um jeito ameno. “Certo?”

Ele não disse mais nada.

Ela ficou de pé, perguntando-se se seus cabelos não estavam desalinhados, se estava com cara de histérica ou de quem levara um fora, se haviam provocado uma cena. “Eu sabia que você estaria diferente, Mike, porque todo mundo a minha volta está mudando. Mas ninguém tinha chegado ao ponto de me odiar.”

“Odiar você?”, ele disse, sacudindo a cabeça e rindo.

“Se você precisar de mais braçadeiras ou de mais armas, procure o Winthrop Tremaine, lá pelos lados da auto-estrada. A melhor loja do ramo em matéria de suásticas. Pode dar meu nome.”

“Obrigado, já estamos em contato.” Édipa afastou-se enquanto Fallopian, na sua versão do uniforme de guerrilheiro cubano, olhava para o chão e esperava a volta de suas companheiras.

Perfeito, e que tal suas fontes? E verdade, ela vinha evitando essa pergunta. Certo dia Genghis Cohen havia telefonado, com voz excitada, convidando-a para ver algo que acabara de receber pelo correio, o correio federal. Tratava-se de um velho selo norte-americano, com a imagem da trompa postal com surdina, o texugo de barriga para cima e a inscrição: **MOVIDOS PELO ÓDIO O IMPÉRIO DE TRISTERO AGUARDAREMOS.**

“MOITA”, disse Édipa, “então é isso que significa. Onde é que você conseguiu esse selo?”

“Um amigo de San Francisco”, disse Cohen, folheando um surrado Catálogo Scott. Como de hábito ela não indagou o nome e o endereço. “Estranho. Ele disse que não havia encontrado qualquer registro desse selo. Mas aqui está. Um adendo. Olhe”, ele disse. Um pedaço de papel havia sido colado no início do catálogo. O selo, designado como 163L1, estava reproduzido sob o título “Correio Expresso Tristero, San Francisco, Califórnia”, devendo ser inserido entre os itens locais 139 (Serviço de Correios da Terceira Avenida, Nova York) e 140 (União Postal, também de Nova York). Édipa, num impulso intuitivo, procurou imediatamente a capa de trás do catálogo e encontrou a etiqueta da livraria de Zapf.

“Claro”, Cohen protestou. “Fui lá um dia encontrar-me com o senhor Metzger enquanto a senhora estava viajando para o norte. Esse é o Catálogo Scott especializado em selos dos Estados Unidos, que eu não consulto com freqüência. Eu me dedico mais aos selos europeus e do tempo das colônias. Mas minha curiosidade havia sido estimulada e por isso...”

“Claro”, disse Édipa. Qualquer pessoa poderia ter colado um adendo. Dirigiu de volta a San Narciso para dar outra olhada na lista de bens do Inverarity. Como supunha, todo o centro comercial em que estavam instalados o sebo de Zapf e a loja de excedentes governamentais de Tremaine havia pertencido ao Pierce. Não apenas isso, mas o Teatro do Tanque também.

Muito bem, Édipa se disse, andando de um lado para o outro do quarto, um vazio nas vísceras, esperando por algo realmente terrível.

Muito bem. E inevitável, não é? Todas as vias de acesso ao Tristero também levam de volta ao patrimônio do Inverarity. Até mesmo Emory Bortz, com sua cópia das *Peregrinações* de Blobb (também comprada, ela não tinha a menor dúvida de que ele lhe diria se perguntado, no sebo do Zapf), lecionava agora na Universidade de San Narciso, para a qual o falecido fizera grandes contribuições financeiras.

Qual o significado disso? Que Bortz, juntamente com Metzger, Cohen, Driblette, Koteks, o marinheiro tatuado em San Francisco, os mensageiros da MOITA que ela vira — todos eles eram homens do Pierce Inverarity? *Comprados*? Ou leais, de graça, para divertirem-se, participando de uma grandiosa brincadeira que ele arquitetara para ridicularizar Édipa, para aterrorizá-la, para fortalecer seu caráter?

Mude seu nome para Miles, Dean, Serge e/ou Leonard, garota, ela aconselhou, no lusco-fusco vespertino, a seu reflexo no espelho da penteadeira. Seja como for, eles vão dizer que é paranóia. Eles. Ou, sem ajuda do LSD ou de qualquer outro alcalóide do gênero, você efetivamente topou por acaso com a secreta riqueza e a densidade oculta de um sonho, com uma rede através da qual um número desconhecido de pessoas está verdadeiramente se comunicando, enquanto reservam suas mentiras, seus relatos de rotina e as áridas manifestações de pobreza espiritual para o sistema de correios do governo; talvez até como alternativa válida à falta de saídas, à ausência de surpresa existencial que tanto angustia os americanos que você conhece, sem excetuar a você mesma, queridinha. Ou tudo não passa de uma alucinação. Ou foi montada uma conspiração contra você, muito cara e complexa, incluindo

coisas tais como a falsificação de selos e livros antigos, o monitoramento constante de seus movimentos, a disseminação de imagens da trompa postal por toda San Francisco, o suborno de bibliotecários, a contratação de atores profissionais e só Pierce Inverarity saberia mais o quê, tudo isso financiado pelo espólio de uma forma demasiado secreta ou demasiado complicada para que sua mente não jurídica possa compreendê-la, apesar de você ser co-inventariante, tão labiríntica que deve ter um significado maior do que uma simples brincadeira. Ou está fantasiando essa conspiração e, nesse caso, Édipa, você está completamente, perdidamente louca.

Agora que as encarava de frente, essas eram as alternativas. Quatro possibilidades simétricas. Não gostava de nenhuma delas, mas tinha a esperança de estar doente da cabeça, de que isso fosse tudo. Naquela noite ficou sentada durante horas, entorpecida demais até para beber, ensinando-se a respirar no vácuo. Por que aquilo, Deus meu, era o vácuo. Ninguém capaz de ajudá-la. Ninguém no mundo. Estavam todos drogados, enlouquecidos, possivelmente implicados, mortos.

Velhas obturações começaram a incomodá-la. Passava noites inteiras olhando para o teto iluminado pelo brilho rosado do céu de San Narciso. Outras noites dormia como se dopada por dezoito horas e despertava irritadiça, quase incapaz de pôr-se de pé. Nos encontros com o velho loquaz e entusiástico que agora cuidava do espólio, sua atenção não durava mais de alguns segundos, e ela ria nervosamente mais do que falava. Vez por outra era acometida sem motivo de acessos de náusea, durando uns cinco ou dez minutos, que lhe causavam grande sofrimento e desapareciam como se nunca os tivesse sentido. Tinha dores de cabeça, pesadelos, dores menstruais.

Um dia dirigiu até Los Angeles, escolheu uma médica por acaso no catálogo telefônico, foi vê-la, disse-lhe que achava que estava grávida. Marcaram os exames. Édipa deu o nome de Grace Bortz e não apareceu para a segunda consulta.

Genghis Cohen, antes tão reservado, agora parecia ter novidades todos os dias: o registro num velho catálogo de Zumstein, um amigo da Real Sociedade Filatélica que se lembrava vagamente de uma trompa postal com surdina no catálogo de um leilão realizado em Dresden em 1923; certa vez um texto batido à máquina por outro amigo de Nova York. Supostamente a tradução de um artigo do exemplar de 1865 da famosa *Bibliothèque des timbrophiles*, de Jean-Baptiste Moens. Parecendo-se com um dos dramas históricos inventados por Bortz, relatava um grande cisma nas hostes de Tristero durante a Revolução Francesa. Segundo os diários recentemente descobertos e decifrados do conde Raoul Antoine de Vouziers, marquês de Tour et Tassis, uma facção do Tristero jamais aceitara o fim do Sacro Império Romano-Germânico, considerando a Revolução como uma loucura passageira. Sentindo-se obrigados, na qualidade de aristocratas, a ajudar os Thurn und Taxis a superar suas dificuldades, fizeram sondagens para saber se o velho monopólio estaria interessado em receber apoio financeiro. Essa iniciativa rachou o Tristero de cima abaixo. Numa convenção realizada em Milão, os debates se prolongaram por uma semana, criaram-se inimizades para o resto da vida, famílias dividiram-se, derramou-se sangue. Ao final, foi rechaçada a resolução de subsidiar os Thurn und Taxis. Muitos elementos conservadores, considerando que isso representava um julgamento historicamente definitivo contra eles, encerraram sua associação com o Tristero. O artigo

terminava num tom algo afetado:

Assim, a organização mergulhou na penumbra do eclipse histórico. Da batalha de Austerlitz até as dificuldades de 1848, o Tristero vegetou, privado de quase toda a clientela nobre que o sustentara até então, reduzido agora a distribuir a correspondência anarquista e só marginalmente envolvido na Alemanha com a infortunada Assembléia de Frankfurt, em Budapeste com os responsáveis pelas barricadas e talvez até mesmo com os fabricantes de relógio do Jura, preparando-os para a chegada de M. Bakunin. No entanto, de longe a maior parte deles escapou para os Estados Unidos nos anos de 1849 e 1850, onde sem dúvida estarão hoje prestando serviços àqueles que buscam apagar a chama da Revolução.

Menos excitada do que estaria uma semana antes, Édipa mostrou o artigo a Bortz. “Todos os fugitivos do Tristero, depois da reação de 1849, chegaram aos Estados Unidos”, ele opinou, “com grandes esperanças. Mas o que encontraram?”, disse ele, numa pergunta meramente retórica que fazia parte de seu jogo. “Problemas e mais problemas.” Por volta de 1845, o governo norte-americano havia realizado uma grande reforma dos correios, reduzindo as tarifas e arruinando a maioria dos serviços postais independentes. Nas décadas de 1870 e 1880, qualquer serviço independente que tentasse competir com o do governo era imediatamente eliminado. Os anos de 1849 e 1850 não eram o melhor momento para que os imigrantes do Tristero pensassem em retomar na nova terra o que antes faziam na Europa.

“Por isso, simplesmente foram tocando”, disse Bortz, “na linha da conspiração. Outros imigrantes vieram para o país buscando libertar-se da tirania, querendo ser aceitos pela nova cultura, assimilar-se àquela mistura de raças e nacionalidades. Vem a Guerra Civil e quase todos, sendo liberais, alistam-se para lutar em favor da União. Mas certamente não é esse o caso dos integrantes do Tristero. Tudo que fazem é encontrar novos rivais. Por volta de 1861 já estavam firmemente estabelecidos, sem o menor risco de serem suprimidos. Enquanto o Pony Express desafia os desertos, os selvagens e as cascavéis, o Tristero organiza para seus empregados cursos intensivos dos dialetos dos sioux e dos apaches. Disfarçados de índios, seus mensageiros avançam em direção ao Oeste. Alcançam a costa do Pacífico sem perder um só homem, sem sofrer um arranhão. A ênfase absoluta é no silêncio, na dissimulação, aparentando uma lealdade sob a qual se ocultava a mais inabalável oposição.”

“Então, como explicar aquele selo do Cohen? Movidos pelo Ódio o Império de Tristero Aguardaremos.”

“Eles eram mais abertos no início. Depois, quando a polícia federal endureceu, passaram a usar selos que pareciam normais, exceto por algum pequeno detalhe.”

Édipa os conhecia de cor. No verde-escuro de quinze centavos da tiragem comemorativa da Exposição Colombina de 1893 (“Colombo Anunciando Sua Descoberta”), os rostos dos três cortesãos que recebem a notícia, no lado direito do selo, haviam sido sutilmente modificados a fim de expressar um pavor incontrolável. No de três centavos que fazia parte da emissão em homenagem às mães dos Estados Unidos, lançado no Dia das Mães de 1934, as flores na parte

inferior esquerda do quadro de Whistler *A mãe* tinham sido substituídas por dionéias apanha-moscas, beladonas, sumagres venenosos e outras plantas que Édipa nunca vira. Na emissão de 1947 relativa ao Centenário do Selo Postal, comemorando a grande reforma dos correios que significara o começo do fim para os serviços privados, a cabeça de um cavaleiro do Pony Express, na parte inferior esquerda, havia sido desenhada num ângulo desconhecido entre os seres vivos. No selo violeta-escuro de três centavos, correspondente a uma emissão normal de 1954, havia um leve e ameaçador sorriso no rosto da Estátua da Liberdade. Na tiragem comemorativa da Exposição de Bruxelas de 1958, a vista aérea do Pavilhão dos Estados Unidos incluía, um pouco afastada dos diminutos visitantes, a inconfundível silhueta de um cavaleiro e sua montaria. Havia também o selo sobre o Pony Express que Cohen lhe mostrara em sua primeira visita, o Lincoln de quatro centavos com a legenda “Correias dos Estados Unidos”, o sinistro selo aéreo de oito centavos que vira em San Francisco na carta do marinheiro tatuado.

“Bom, é interessante”, ela disse, “se o artigo for autêntico.”

“Deve ser fácil verificar”, comentou Bortz, olhando fixa e diretamente para Édipa. “Por que você não faz isso?”

As dores de cabeça aumentaram, sonhava com vozes descorporificadas contra cuja malignidade não havia apelação, com a luz macia e penumbrosa de espelhos dos quais algo estava prestes a emergir, com aposentos vazios que esperavam por ela. Os ginecologistas não tinham exames capazes de detectar aquilo de que estava grávida.

Certo dia Cohen telefonou comunicando que haviam sido tomadas as últimas providências para levar a leilão a coleção de selos do Inverarity. As “falsificações” do Tristero seriam vendidas como o lote 49. “Há uma coisa muito preocupante, dona Maas. Apareceu um novo licitante de caderno de que nem eu nem nenhuma das firmas aqui da região ouviu falar até hoje. Isso quase nunca acontece.”

“Um o quê?”

Cohen explicou que havia licitantes que compareciam pessoalmente aos leilões e outros que enviavam seus lances pelo correio. Esses eram registrados pelo leiloeiro num livro especial — o “caderno”. Como de costume, não se divulgava o nome das pessoas que faziam os lances por correspondência.

“Então, como é que você sabe que se trata de um estranho?”

“Acaba vazando. Ele está fazendo o maior segredo, operando através de um agente, o C. Morris Schrift, um bom sujeito, de excelente reputação. Morris entrou em contato ontem com os leiloeiros para dizer que seu cliente queria examinar antecipadamente nossas falsificações, o lote 49. Em geral não há qualquer problema quando sabem quem quer estudar o lote e a pessoa se compromete a pagar as despesas de correio e seguro, além de obrigar-se a devolver tudo em vinte e quatro horas. Mas o Morris fez muito mistério em torno da coisa, não quis dizer o nome do cliente nem nada sobre ele. Exceto que, tanto quanto sabia, não era alguém do ramo. Por isso, como são de uma firma conservadora, naturalmente se desculparam e disseram que não.”

“O que você acha?”, perguntou Édipa, já sabendo muito bem.

“Que o licitante misterioso pode pertencer ao Tristero”, disse

Cohen. “Ele viu a descrição do lote no catálogo do leilão e quer manter as provas de que o Tristero existe longe de mãos não autorizadas. Fico imaginando quanto vão oferecer.”

Édipa voltou para a Morada de Eco e foi beber *bourbon* até que o sol se pôs e a noite ficou tão escura quanto jamais ficaria. Saiu então e dirigiu pela auto-estrada durante algum tempo com os faróis apagados, para ver o que aconteceria. Mas os anjos estavam de atalaia. Pouco depois da meia-noite encontrou-se numa cabine telefônica, num desolado e mal iluminado bairro de San Narciso onde nunca estivera antes. Fez uma chamada interurbana para o bar Do Jeito Grego em San Francisco, deu à voz melodiosa que atendeu uma descrição das espinhas no rosto e da cabeleira tosquiada do Inamorato Anônimo que encontrara lá. Esperou, enquanto lágrimas inexplicáveis faziam crescente pressão em volta de seus olhos. Meio minuto de copos tilintando, lufadas de risos, fragmentos de música. Finalmente ele veio ao telefone.

“Quem está falando aqui é o Arnold Snarb”, ela disse, prendendo o choro.

“Eu estava no banheiro dos meninos. O dos homens estava cheio.”

Ela contou rapidamente, não tomando mais do que um minuto, o que conseguira saber sobre o Tristero, o que acontecera com Hilarius, Mucho, Metzger, Driblette e Fallopian. “Por isso, você é o único que sobrou. Não sei seu nome nem quero saber. Mas tenho de saber se eles combinaram com você. De se encontrar comigo por acaso e contar aquela história sobre a trompa postal. Porque isso para você pode ser só uma brincadeira, mas para mim deixou de ser

algumas horas atrás. Bebi um bocado e saí dirigindo por essas auto-estradas. Na próxima vez posso ser mais corajosa. Pelo amor de Deus, da vida humana, do que quer que você respeite, por favor. Me ajude.”

“Arnold”, ele disse. Seguiu-se um longo intervalo de ruídos do bar.

“Está tudo acabado”, ela disse, “eles me saturaram. Daqui em diante só vou tratar de me desligar deles. Você está livre. Desobrigado. Pode me dizer.”

“É tarde demais”, ele disse.

“Para mim?”

“Para mim.” Antes que Édipa pudesse perguntar o que ele queria dizer com isso, o telefone foi desligado. Não tinha mais nenhuma moeda. Até que pudesse chegar a algum lugar e arranjasse troco para uma nota, ele já teria ido embora. Ficou de pé entre a cabine e o carro alugado, em meio à noite, num isolamento total, e tentou voltar-se em direção ao mar. Mas perdera o senso de direção. Deu a volta, usando como fulcro um salto alto, mas as montanhas também haviam desaparecido. Como se não pudesse haver nenhuma barreira entre ela e o resto do país. Nesse momento a cidade de San Narciso esvaeceu-se (a perda pura, instantânea, redonda, o som de um carrilhão de aço suspenso entre as estrelas e percutido de leve), despiu-se do que tinha de especial para ela; tornou-se outra vez um simples nome, reabsorvida pela continuidade de crosta e manto que dava forma a todo o continente americano. Pierce Inverarity estava realmente morto.

Édipa caminhou ao longo de um trecho da via férrea que corria

paralela à auto-estrada. Daqui e dali saíam desvios em direção aos terrenos das fábricas. Talvez essas fábricas também tivessem pertencido ao Pierce. Mas que importava agora se tudo em San Narciso houvesse pertencido a ele? San Narciso era um nome, um incidente no registro climático dos sonhos e daquilo em que os sonhos se transformam na luz acumulada dos dias, uma rajada de chuva passageira ou o ponto em que o furacão toca a terra em meio às solenidades mais elevadas, mais continentais: frentes frias de dor e privação coletivas, ventos alísios de abundância. Ali estava a verdadeira continuidade, San Narciso não tinha limites. Ninguém sabia ainda como traçá-los. Há algumas semanas, Édipa se dedicara a pôr em ordem o que Inverarity deixara para trás, sem nunca suspeitar que a herança eram os Estados Unidos da América.

Quem sabe ela ainda poderia ser sua herdeira. Será que isso estava inscrito em código no testamento, talvez sem que nem mesmo Pierce o soubesse, absorto demais à época numa impetuosa expansão de si próprio? Seria fruto de uma visitação, de uma lúcida instrução? Embora ela nunca mais pudesse invocar qualquer imagem do homem morto para vesti-la, fazê-la posar, conversar com ela, interrogá-la, tampouco poderia perder uma recém-descoberta compaixão pelo beco sem saída do qual ele tentara escapar, pelo enigma que seus esforços haviam criado.

Conquanto Pierce nunca tivesse conversado sobre negócios com ela, Édipa sabia que essa parte dele era uma dízima periódica, uma fração que jamais daria um resultado exato, que prosseguiria rumo ao infinito além de qualquer casa decimal que ela pudesse designar; o amor que sentira por ele permanecendo sempre desproporcional à necessidade que tinha Pierce de possuir, de modificar a terra a seu

redor, de esculpir novos perfis urbanos, de gerar antagonismos pessoais e taxas de crescimento. “Não deixa a bola parar”, ele lhe dissera certa vez, “esse é todo o segredo, mantém ela quicando.” Ao redigir o testamento, o espectro erguendo-se a sua frente, ele devia ter sabido como a bola iria parar. Talvez o houvesse escrito apenas para atormentar uma ex-amante, tão cinicamente seguro de que seria varrido do mapa que podia descartar qualquer esperança de alguma coisa a mais. Sua amargura talvez fosse assim tão profunda. Ela simplesmente não sabia. Talvez ele próprio houvesse descoberto o Tristero e introduzira a mensagem em código no testamento, deixando à mostra o suficiente para ter a certeza de que ela a encontraria. Ou talvez tivesse até tentado sobreviver à morte, sob a forma de uma paranóia, de uma límpida conspiração contra alguém que tinha amado. Será que aquela espécie de perversidade se revelara por fim tão potente que a própria morte havia sido incapaz de atordoá-la? Será que o plano finalmente arquitetado era complexo demais para que o Anjo Negro, com sua árida mente de executivo, pudesse vislumbrar todas as possibilidades que continha? Será que algo escapara sorrateiramente e Inverarity com isso derrotara a morte?

E no entanto ela sabia, cabisbaixa, tropeçando no leito de pedregulhos e nos velhos dormentes, que ainda havia a outra possibilidade. Que tudo fosse verdade. Que Inverarity apenas havia morrido, nada mais. Suponha, meu Deus, que realmente exista um Tristero e que ela haja topado com ele por acidente. Se San Narciso e as propriedades de Pierce de fato não se diferenciam em nada de qualquer outra cidade e de quaisquer outras propriedades, então, graças àquela continuidade, ela podia haver encontrado o Tristero

em qualquer outro lugar da República, através de centenas de obscuras travessas, centenas de alienações, bastando apenas que tivesse olhado. Parou por um minuto entre os trilhos de aço, levantando a cabeça como quem fareja o ar. Tornando-se consciente da dura e concatenada presença daquilo em que pisava, sabendo, como se um mapa houvesse sido projetado para ela no céu, que aqueles trilhos iam se juntar a outros, e outros mais, sabendo que eles enlaçavam, aprofundavam, tornavam autêntica a imensa noite a seu redor. Bastando apenas que tivesse olhado. Lembrou-se então de velhos vagões-dormitórios, abandonados em meio a verdejantes planícies quando o dinheiro acabou ou os fregueses desapareceram, onde roupas secavam nos varais e a fumaça escapava preguiçosamente pelas juntas das chaminés improvisadas. Será que as pessoas que lá viviam clandestinamente se comunicavam com outras através do Tristero, ajudando a dar seqüência àqueles trezentos anos de deserdação? Sem dúvida, a essa altura, já haveriam esquecido o que o Tristero esperava ter herdado, assim como Édipa talvez um dia o fizesse. O que restava para ser herdado? Aquele país codificado no testamento de Inverarity, a quem pertencia? Édipa pensou em outros vagões de carga imobilizados, onde crianças sentavam-se sobre o piso de tábuas e, felizes da vida, acompanhavam cantando as músicas transmitidas pelos radinhos de pilha de suas mães; em outras pessoas sem teto, estendendo pedaços de lona para armar tendas por trás dos sorridentes cartazes que margeavam todas as auto-estradas, ou dormindo em cemitérios de automóveis nas carcaças despojadas de velhos Plymouths, ou até mesmo, mais audaciosas, passando a noite no alto de um poste, encolhidas como lagartas nos pequenos abrigos dos operários que instalavam as

linhas, suspensas sobre uma teia de cabos telefônicos, na intimidade da fiação de cobre e do milagre secular da comunicação, indiferentes às tolas voltagens que transportavam celeremente ao longo da noite milhares de mensagens não ouvidas. Lembrou-se de vagabundos com quem conversara, cidadãos americanos falando sua língua materna cuidadosamente, qual professores, como se estivessem exilados de algum lugar invisível mas congruente com a festejada terra em que ela vivia; e de caminhantes pelas estradas noturnas, entrando e saindo num átimo da luz dos faróis sem ao menos erguer os olhos, longe demais de qualquer cidade para que tivessem um destino real. E das vozes, antes e depois da chamada do falecido, que lhe haviam telefonado ao acaso nas horas mais escuras e lentas da noite, procurando sem cessar, dentre os dez milhões de possibilidades oferecidas pelo disco do aparelho, aquele Outro mágico que se revelaria em meio ao rugir dos relés, das litanias monocórdias de insultos, obscenidades, fantasia, amor, cuja incansável repetição deveria algum dia gerar o catalisador do ato inominável, o reconhecimento, a Palavra.

Quantos compartilhavam do segredo do Tristero assim como de seu exílio? Que teria a dizer o juiz da vara de sucessões sobre a idéia de dividir uma espécie de legado entre todos eles, todos aqueles seres anônimos, talvez como uma primeira prestação? Puxa vida. Cairia de pau em cima dela num segundo, revogaria seus poderes de inventariante, proclamaria em todo o condado de Orange que ela era uma distributivista e tinha tendências comunistas, designaria o velho da firma Warpe, Wistfull, Kubitscheck e McMingus como administrador *de bonis non* e aí acabaria toda aquela história dos códigos, das constelações, dos herdeiros-fantasmas. Quem sabe?

Talvez um dia ela fosse forçada a juntar-se ao próprio Tristero, se é que ele existia, em sua penumbra, seu alheamento, sua espera. Sobretudo a espera: se não por outro leque de possibilidades capazes de substituir as que haviam condicionado o país a aceitar uma San Narciso em sua mais tenra carne sem um gesto de defesa ou um grito, então ao menos, em último caso, a espera de que a simetria de opções caísse por terra, saísse do prumo. Ela sempre tinha ouvido dizer que a exclusão das camadas intermediárias dava em merda, tinha de ser evitada a todo custo. E como teria isso finalmente acontecido ali, onde as chances de diversidade haviam sido tão grandes no passado? Porque, agora, era como caminhar entre as matrizes de um enorme computador digital, os zeros e os uns entrelaçados acima da cabeça, suspensos como esculturas móveis que se equilibrassem à esquerda e à direita, multiplicando-se à frente numa sucessão talvez infinita. Por trás das ruas hieroglíficas devia haver um significado transcendente, ou apenas a terra. Nas canções de Miles, Dean, Serge e Leonard devia haver uma fração da beleza espiritual da verdade (como Mucho agora acreditava), ou apenas um espectro de poder. O fato de que Tremaine, o mercador de suásticas, houvesse escapado do holocausto era uma injustiça, ou a falta de vento; os ossos dos soldados no fundo do lago Inverarity lá estavam por alguma razão importante para o mundo, ou apenas para benefício dos mergulhadores e fumantes. Os dígitos um e zero. Assim se acomodavam os pares. No Refúgio do Entardecer, chegava-se a um acerto minimamente digno com o Anjo da Morte, ou havia simplesmente a morte e a tediosa preparação cotidiana para sua chegada. Outra forma de significado por trás do óbvio, ou nenhum significado. Édipa no êxtase orbital de uma verdadeira paranóia, ou

um Tristero de verdade. Porque, ou havia algum Tristero por trás daquela aparente herança que eram os Estados Unidos da América, ou só havia o mero país: e, se só havia o país, então o único modo pelo qual Édipa poderia prosseguir e nele ter alguma relevância era como uma estranha, fora dos trilhos, imersa por inteiro na paranóia.

No dia seguinte, com a coragem de quem descobre não ter mais nada a perder, Édipa entrou em contato com C. Morris Schrift e indagou sobre seu misterioso cliente.

“Ele decidiu comparecer em pessoa ao leilão”, foi tudo que pôde dizer. “A senhora possivelmente o encontrará lá.” Possivelmente.

Como estava marcado, o leilão foi realizado numa tarde de domingo, no que talvez fosse o mais antigo edifício de San Narciso, construído antes da Segunda Guerra Mundial. Ela chegou com alguns minutos de antecedência, sozinha, e num frio saguão de reluzentes tábuas corridas de sequóia, cheirando a cera e papéis, encontrou-se com Genghis Cohen, com uma expressão de genuíno embaraço.

“Por favor, não pense que é um conflito de interesses”, ele balbuciou nervosamente. “Havia uns lindos selos triangulares de Moçambique, não pude resistir. Posso saber se a senhora veio participar do leilão?”

“Não”, disse Édipa, “estou aqui só de enxerida.”

“Estamos com sorte. O Loren Passarine, o melhor leiloeiro da Costa Oeste, é quem vai comandar o pregão.”

“Vai fazer o quê?”

“Dizemos que o leiloeiro comanda o pregão”, disse Cohen.

“Sua braguilha está desabotoada”, Édipa sussurrou em seu ouvido. Não sabia com certeza o que ia fazer quando o licitante se revelasse. Tinha apenas uma vaga idéia de causar uma cena suficientemente violenta para provocar a intervenção da polícia e, com isso, descobrir quem era de fato o homem. Ficou de pé numa réstia de sol, em meio aos brilhantes grãos de poeira que subiam e desciam, tentando aquecer-se um pouco, perguntando-se se levaria a coisa até o fim.

“Já vai começar”, disse Genghis Cohen, oferecendo-lhe o braço. Na sala de leilões, os homens vestiam ternos de *mohair* preto e tinham rostos pálidos, cruéis. Acompanharam-na com os olhos quando entrou, cada qual tentando esconder seus pensamentos. Loren Passarine pairava sobre o estrado como se manipulasse marionetes, os olhos brilhando, um sorriso experiente e implacável. Fixou o olhar em Édipa, sempre sorridente, como se dissesse: surpreende-me que você realmente tenha vindo. Ela sentou-se sozinha, nos fundos da sala, observando as nuças dos presentes, procurando adivinhar qual era seu alvo, seu inimigo, talvez sua prova. Um assistente fechou a pesada porta que dava para o saguão e suas ensolaradas janelas. Ouviu o ruído de um ferrolho que corria, o som ecoando por um instante. Passarine abriu os braços num gesto que parecia pertencer ao sacerdócio de alguma remota cultura, ou quem sabe como um anjo que descesse à terra. O leiloeiro limpou a garganta. Édipa acomodou-se na cadeira para esperar o leilão do lote

49.

Copyright © 1966, 1965 by Thomas Pynchon

Proibida a venda em Portugal

Titulo original:
The crying of lot 49

Capa:
Candy Amsden

Preparação:
Stella Weiss

Revisão:
Ana Paula Cardoso
Cecília Ramos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pynchon, Thomas

O leilão do lote 49 : romance / Thomas Pynchon; tradução Jorio Dauster. —
São Paulo : Companhia das Letras, 1993.

ISBN 85-7164-319-9

1. Romance norte-americano I. Título.

93-1178 cdd-813.5

índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Século 20 : Literatura norte-americana 813.5
2. Século 20 : Romances : Literatura norte-americana 813.5

1993

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Tupi, 522

01233-000 — São Paulo — SP

Telefone: (011) 826-1822

Fax: (011) 826-5523